

UNIVERSIDADE DO ALGARVE

Faculdade de Ciências Humanas e Sociais

Retábulos da Companhia de Jesus em Luanda e na Ilha de Moçambique

João Rogério Malato de Canha e Sá

Mestrado em História da Arte

Dissertação orientada pelo

Professor Doutor Francisco Ildefonso Lameira

2012

Resumo:

O retábulo, ponto de convergência do culto, assume-se como componente principal dos programas específicos da arquitectura de animação pós-tridentina dos espaços interiores dos templos. Este estudo incide sobre aqueles que estiveram assim sob a administração da Companhia de Jesus em África, tendo hoje em ambos os lados deste continente como expoentes, os exemplares subsistentes nas igrejas dos antigos Colégios de Luanda, na costa ocidental, e da Ilha de Moçambique, na costa oriental. Tanto em São Paulo da Assunção de Luanda como em São Sebastião de Moçambique ficam concluídos, na primeira metade do século XVII, estes templos dos jesuítas que se notabilizam pela preponderância da sua edificação face ao restante edificado. A primeira destas igrejas conserva hoje no seu interior três retábulos do início do século XVIII, sendo o da capela-mor um exemplar raro em pedraria, com embutidos policromos, proveniente de uma oficina de Lisboa, enquanto os retábulos das duas capelas colaterais são em alvenaria estucada e decalam o figurino do primeiro. Quanto à segunda igreja, mantém por sua vez tanto o retábulo da capela-mor do segundo quartel do século XVIII, como um púlpito notável de meados do século XVII, sendo ambos em lavor indo-português de proveniência goesa.

Palavras-chave: Retábulos, Jesuítas, Angola, Moçambique, *Ordo*.

Abstract:

The retable, which is the convergence point of the cult, assumes a principal component of the specific programme of post-Tridentine architecture, regarding the spaces inside the temples. This particular study is focused on the temples under the administration of the *Companhia de Jesus* in Africa where the remaining examples are two exponents on both sides of this continent, inside the churches of their old Schools, in Luanda on the West coast of Africa, while the other is on the East coast, most specifically on the Island of Mozambique. Not only in *São Paulo da Assunção de Luanda*, but also in *São Sebastião de Moçambique*, these Jesuit churches, which had their construction finished on the first half of the seventeenth century, became famous due to the preponderance of the buildings themselves, but furthermore, for being outstanding constructions amidst all the others. In the first mentioned church of Luanda, there are three retables dated from the beginning of the eighteenth century, namely the retable of the main chapel, manufactured in Lisbon, which is a rare masterpiece as regards the cut stone with carved polychromes, while the retables of the two contiguous side chapels are made in stucco-work, repeating the patterns used in the main chapel. Whereas, in the second temple in the Island of Mozambique, the retable of the main chapel dates from the second quarter of the eighteenth century, and the magnificent pulpit dates from mid-seventeenth century, both a typical work of Indo-Portuguese craftsmanship with its origin in Goa, India.

Keywords: Retables, Jesuits, Angola, Mozambique, *Ordo*.

Retábulos da Companhia de Jesus em Luanda e na Ilha de Moçambique

Índice

1. Introdução	11
2. A Companhia de Jesus.....	17
3. A Companhia de Jesus em Portugal	25
3.1. Radicação e edificação no território metropolitano	26
3.2. Com a égide portuguesa, em outros mundos e em outros tempos	32
4. A Companhia de Jesus nas províncias africanas	37
4.1. O colégio de Luanda	42
4.2. O colégio de São Francisco Xavier da Ilha de Moçambique.....	49
5. Retábulos jesuítas em Angola e Moçambique	57
5.1. Filiação artística.....	57
5.2. A encomenda	59
5.3. Usos e funções	66
5.3.1. Retábulos eucarísticos.....	68
5.3.2. Retábulos devocionais.....	70
5.3.3. Retábulos relicários	74
5.4. A interação das artes	76
5.5. Técnicas e materiais	82
5.6. Periodização	87
5.6.1. Protobarroco	88
5.6.2. Barroco pleno	91
5.6.3. Barroco final	94
5.7. Tipologias	96
5.8. Oficinas e artistas intervenientes.....	98
6. Catálogo dos retábulos recenseados	109
6.1 – Retábulo da capela-mor da igreja do antigo Colégio de Luanda	111
6.2 – Retábulos das capelas colaterais da igreja do antigo Colégio de Luanda	115
6.3 – Retábulo da capela-mor da igreja do antigo Colégio da Ilha de Moçambique	119
6.4 – Púlpito da igreja do antigo Colégio da Ilha de Moçambique	123
7. Conclusão	127
8. Bibliografia	135
9. Apêndice documental e fotográfico.....	143

1. Introdução

Este trabalho propõe-se tratar os retábulos das igrejas da Companhia de Jesus em Luanda e na Ilha de Moçambique. Estes retábulos constituem-se pois como um exemplo de digitação das realizações artísticas e litúrgicas desta importante instituição religiosa que nasce na primeira metade do século XVI e apostolou no seio da comunidade da Igreja Católica.

O catálogo que se apresenta por complemento, contém a totalidade dos exemplares focados neste trabalho, e começa por apresentar os que se encontram na igreja do Colégio de Luanda, figurando nele primeiro o retábulo da capela-mor seguindo-se os das capelas colaterais, após o que se passa aos que se encontram na capela do colégio da Ilha de Moçambique, iniciando-se pelo retábulo da capela-mor e terminando-se no seu púlpito em talha. Cada um destes exemplares é apresentado pela respectiva fotografia, a que se justapõe uma ficha contendo o comentário analítico-descritivo alusivo bem como se indica a bibliografia específica.

O exemplar mais antigo figurando neste trabalho é o púlpito que datará de meados do século XVII e que se encontra na igreja do antigo Colégio da Ilha de Moçambique, sendo também o mais recente o retábulo da capela-mor deste mesmo templo, cuja feitura terá ocorrido no segundo quartel do século XVIII.

Todos os exemplares aqui tratados subsistem nos locais a que se destinaram quando foram realizados, apresentando-se os de Luanda cuidados e em razoável estado de conservação, enquanto os da Ilha de Moçambique, estando sob a cuidada

administração patrimonial de Moçambique, apresentam-se em exposição neste espaço mas estão a necessitar de conservação e consolidação.

Para se poder abordar o que consiste ser a produção de retábulos no âmbito do que constituiu ser a encomenda da Companhia de Jesus, entendeu-se explicar o advento desta instituição religiosa no seio da cristandade e o contexto em que ocorreu, tendo o cuidado de esclarecer a alteridade de que logo se revestiu, a qual se irá repercutir de variadas formas no legado da sua edificação e apostolado. Explica-se igualmente o momento do convite que lhes foi dirigido para passarem a Portugal, e do que resultou ser a sua rápida difusão ali, assim como o sua participação na evangelização de África à sombra da expansão resultante dos Descobrimentos, e vindo a focar a ocorrência da implantação dos seus colégios nas duas costas deste continente, nomeadamente dos que hoje se encontram assim em Luanda e na Ilha de Moçambique.

Outro objectivo deste trabalho, foi aceder a uma compreensão da realidade artística subjacente, e dentro da especificidade da produção da retabulística própria à Companhia de Jesus, apresentando-se assim, antes do referido catálogo, uma explanação da abordagem às particularidades mais relevantes para estudo contextualizado destes exemplares, e que são retratadas na elaboração da ficha individual de cada um deles. No que consiste à sua leitura, a isto se referirá a consideração a ter necessariamente quanto a vários aspectos, como a filiação, a encomenda, os usos e suas funções, a interacção das artes, as técnicas e os materiais, a periodização, as tipologias formais, e terminando pelas oficinas e os artistas intervenientes.

Visando a realização da recolha de um respectivo suporte fotográfico actual, assim como para permitir uma percepção da conjuntura compositiva e abrangente de cada espaço, foi empreendida uma deslocação para visita de cada um destes templos, tendo-se podido registar portanto cada exemplar como hoje se apresenta. Contou-se neste processo com a total abertura, tanto de individualidades da igreja, como da administração pública.

A metodologia principal a que se recorreu, consistiu, para além do trabalho de campo, quer no contacto e na obtenção das necessárias autorizações, quer na realização

posterior do suporte fotográfico, também em se ter procedido ao levantamento tão exaustivo quanto possível de fontes bibliográficas alusivas, e por último referidas.

Quanto aos documentos e fotografias que constam do apêndice deste trabalho, são ali apresentados alternadamente mas de forma sequencial, e remetendo-se a sua consulta por apostilha lateral ao longo da leitura. Foi também tido o critério de considerar como Documento tudo o que tenha sido já publicado ou conste de arquivo.

Para a determinação da conjuntura a que cada retábulo pertence, é aplicada ao presente trabalho a epistemologia comumente aceite e que fixa uma periodização no estudo dos retábulos do universo português, que se assume como um sistema estruturalista, e que foi fixada por Francisco Lameira¹, assim como também para se proceder à análise de cada retábulo aqui tratado, decalcou-se simplesmente a mesma metodologia e sequência a que este académico recorre no trabalho que tem editado sobre os retábulos da Companhia de Jesus em Portugal, ali colhendo-se ensinamentos e extrapolando por conveniência, assim como vindo pois a sobrancear-se de igual modo neste percurso o domínio alusivo que detém e que ali expõe².

No que se refere ao estudo para o percurso compositivo que tratou do historial e edificação da Companhia de Jesus, não se procurou enveredar por uma pesquisa exaustiva, limitando o alcance pretendido apenas ao padrão de fontes cuja craveira é de uma ou outra forma reconhecida, e que se tenham portanto na sua obra debruçado sobre a matéria, no quanto se revelou ser necessário para a elaboração do discurso histórico, emprestando-a e aceitando-a portanto apenas como tal. Precaveu-se no entanto a atenção a ser prestada à acuidade, tanto quanto foi possível, por recurso ao cruzamento e reconciliação da informação quando procedente de várias fontes.

Este critério foi tido por suficiente por se referir apenas à envolvente histórica e factual e não ao propósito do tema aqui em dissertação, que são os retábulos e os seus contextos. Tal foi o que se verificou com obras consultadas como as que foram, entre as demais, as da autoria de Fortunato de Almeida, de Alexandre Lobato, do arcebispo

¹ LAMEIRA, Francisco, "O Retábulo em Portugal, das origens ao declínio", *Promontoria Monográfica História da Arte 01*.

² LAMEIRA, Francisco, "O Retábulo da Companhia de Jesus em Portugal, 1619-1759", *Promontoria Monográfica História da Arte 0*,.

resignário de Luanda Dom Manuel Nunes Gabriel, e dos padres António Brásio, Francisco Augusto da Cruz Correia, José Augusto Alves de Sousa e Nuno da Silva Gonçalves.

É igualmente necessário esclarecer que os retábulos hoje remanescentes nas que foram as igrejas dos Colégios da Companhia de Jesus em Luanda e na Ilha de Moçambique, os quais são aqui portanto o alvo principal de consideração, e se bem que pertencentes hoje ao acervo patrimonial dos respectivos países, foram no entanto para efeitos deste trabalho considerados como integrando a produção portuguesa de então, o que de facto assim é.

Quero começar por apresentar aqui os meus agradecimentos à colega Mónica Esteves Reis pela plena colaboração que de imediato me reservou, e continuar por fazê-lo igualmente à minha filha grande pela árdua tarefa da paginação deste trabalho, ao meu genro pelos seus dotes de arquitecto no desenho computadorizado, à Dra. Ana Salbany Baptista de Carvalho pela bengala que foi a sua erudição em Inglês, à irmã Eliete Duarte e ao Rui Oliveira assim como à Dra. Andreia Romão Machado pelos seus conhecimentos em hagiografia, ao Dr. António Sopa e ao Sr. Humberto Bacalhau do Arquivo Histórico de Moçambique, à D. Madalena Sabola do Arquivo do Património Cultural de Moçambique, à Profa. Dra. Alda Costa do Departamento Cultural da Universidade Eduardo Mondlane em Maputo pela imediata disponibilidade e interesse transmitido, ao Dr. Ricardo Teixeira Duarte e sua esposa arqueólogos em Moçambique pelas indicações conducentes, ao Filipe Branquinho jovem amigo de há gerações pelo empréstimo da sua perícia na correcção de fotografias, à Dra. Sara de Sousa Teixeira pelas suas indicações bibliográficas e dicas sobre a talha indo-portuguesa bem como no Museu de Artes Decorativas da Ilha de Moçambique, assim como à equipa que ali presta enquadramento, Abdul Tauazir, Sofia Cassimo e Lito Juma, à Dra. Rute da Glória Fernando Miezi amiga com a prontidão de uma logística preciosa em Luanda e ao Toni que ali foi o meu cicerone e auxílio, ao cónego Antero Beji pároco da Igreja de Jesus em Luanda, aos padres Jesuítas, não só os estreitamente ligados a Moçambique, François Chanterie, Inácio Jorge Jussa, e ao profundo conhecedor da sua evangelização Francisco Correia, assim como ao ligado a Angola Casimiro Gaspar, e entre estes com um especial reconhecimento, ao padre Ezequiel Pedro Gwembe, superior do Juniorado

de São Luís Gonzaga em Maputo, que me franqueou um ponto privilegiado de estudo e a quem me ficou a ligar uma franca amizade, e também a todos aqueles, muitos deles anónimos, que na senda deste trabalho me permitiram de forma sempre prestável chegar onde teria de ir.

Para terminar fica aqui propositadamente apartado, não só o meu agradecimento, mas também o meu reconhecimento ao professor Francisco Lameira, não apenas pelos seus ensinamentos sobre o mundo dos retábulos, e que quando me encontrando eu confuso, ou entrando no meio de alguma incoerência desajeitada de aprendiz, me indicou a ordem, mas principalmente pela amizade que ele e a sua família me têm reservado.

2. A Companhia de Jesus

Para melhor poder perspectivar a questão, e atendendo até a um propósito subjacente que permita compreender os objectivos de ornamentação e da sua edificação, constituirá aqui ponto de partida o procurar uma abordagem que explique o aparecimento desta instituição religiosa singular, não só pela narrativa do que foi a sua génese na pessoa de Inácio de Loyola e seus companheiros, bem como na posterior evolução ocorrida no seu seio a partir dos fins do século XVII.

Para a Igreja de Roma este é também o momento em que, estando ainda a tentar disciplinar a euforia da percepção de uma muito recente liberdade, não apenas artística, mas também de arbítrio intelectual, que resulta do Renascimento e transparece no Maneirismo, e estando igualmente a tomar consciência do impacto com a ocorrência de uma necessidade de coabitação na terra de sociedades longínquas, culturalmente diferentes e geograficamente muito dispersas, se vê assim confrontada com a emergência de passar a impor-se organizar, providenciar e implementar a actividade missionária nesse grande e complexo “novo mundo”.

É igualmente importante proceder à caracterização da Companhia de Jesus, pelas suas particularidades face aos expoentes religiosos então em acção no xadrez da Igreja, o que vai assim torná-la num instituto apto a agir por excelência, não só nesses tempos conturbados, bem como no teatro operacional da conversão desses novos mundos, e perante a emergência dos novos horizontes por desbravar.

O surgimento da Companhia de Jesus na ribalta deste momento histórico de reorganização e adaptação da Igreja Católica, bem como a elevada preparação detida pelos seus membros a que se associa a fórmula de uma vocação, justifica compreensivelmente o interesse imediato da coroa portuguesa em querer procurar rodear-se dos seus préstimos, decidindo naturalmente aplica-los nas missões por terras ultramarinas. Será por isso igualmente importante compreender o que foi então a consolidação da sua presença na dispersão dos territórios então sobre a hegemonia portuguesa.

A história da Companhia de Jesus começa assim com Iñigo López de Loyola, último de onze ou treze filhos de uma família fidalga, nascido em 1491 em Loyola, na província basca de Guipuzcoa, em Espanha, e que posteriormente virá portanto a ser conhecido por Inácio de Loyola³.

Encontrando-se Loyola em convalescença de um ferimento grave na perna sofrido na batalha de Pamplona, quando sitiada pelos franceses, servindo ele nas forças do imperador Carlos V (Carlos I de Espanha)⁴, e interrogando-se sobre a sua vocação, toma então a decisão de dar uma nova orientação à sua vida.

Em 1522, ainda não restabelecido, e na tradição da cavalaria medieval, faz a sua vigília de armas, numa capela do mosteiro de Monserrate dedicada a Nossa Senhora, depositando a sua espada sobre o altar em sinal de consagração da sua vida nova a Deus. Troca então as suas roupas finas de nobre pela roupagem de um mendigo, faz-se peregrino, e empreende uma viagem de peregrinação a Jerusalém, donde regressará à Europa decidido a estudar para melhor poder exercer o seu apostolado. Estuda Filosofia e Teologia na Sorbonne, em Paris.

É em Paris, na Capela de S. Dinis, situada na colina de Montmartre, que em 15 de Agosto de 1534 Loyola com outros seis estudantes funda a Companhia de Jesus - *Societa Iesu, S.J.* - cujo membros serão conhecidos como “Jesuítas”, e cuja fórmula será a de “desenvolver trabalho de acompanhamento hospitalar e missionário em Jerusalém, ou para ir aonde o papa nos enviar, sem questionar”⁵. Estes outros estudantes são assim, o francês Pierre Favre, os espanhóis Francisco Xavier, Alfonso Salmerón, Diego Laynez e Nicolau de Bobadilla, bem como o português Simão Rodrigues de Azevedo.

Em 1537 viajam até Itália procurando a aprovação da nova instituição pelo Papa Paulo III, que primeiramente lhes concede a recomendação, autorizando que sejam ordenados padres, o que vem a suceder em Veneza pela mão do bispo de Arbe, a 24 de Junho desse mesmo ano. Por não ser então aconselhável empreender qualquer

³ BANGERT, William V., sj, *História da Companhia de Jesus*, p. 11.

⁴ VERDETE, Carlos, *História da Igreja Católica, do Cisma do Oriente (1054) até ao fim do século XIX*, Volume II, pp. 133-136.

⁵ FELICIANO, Mateus, “Ordem dos Jesuítas”, Blog da Seara.

viagem para Jerusalém devido à guerra que se reatara com os Turcos, devotaram-se inicialmente à pregação e em obras de caridade.

É só no ano seguinte que Inácio, na companhia de Fabre e Laynez, decide ir a Roma a fim de pedir ao papa a aprovação da sua instituição, para qual a congregação de cardeais dá parecer positivo. A 27 de Setembro de 1540 Paulo III confirma-a assim através da Bula *Regimini militantis Ecclesiae*, e mediante a apresentação por Loyola do esboço de uma regra designada por *Formula Instituti*, limita então a 60 o número dos seus membros, limitação que virá posteriormente a ser abolida pela Bula *Injunctum nobis* de 14 de Março 1543. Inácio de Loyola foi assim escolhido para servir como primeiro superior geral da Companhia de Jesus.

Compreende-se que o papa tenha pois visto nestes jovens brilhantes, dialecticamente hábeis e com uma formação teológica segura, uma “tropa de choque” disciplinada e pronta a intervir capazmente, não só no âmbito da estruturação da Contra-Reforma da Igreja contra a heresia, mas também na evangelização dos gentios das terras mais longínquas e cuja conversão haveria que assegurar ser feita⁶. Os jesuítas serão também conhecidos pela denominação que lhes é frequentemente atribuída, de *padres da milícia*.

Inácio de Loyola escreveu as Constituições jesuítas que foram adoptadas em 1554, e que deram origem a uma organização rigidamente disciplinada e culturalmente bem preparada, enfatizando uma absoluta abnegação assim como a obediência incondicional ao papa e aos superiores hierárquicos, a qual é claramente explícita nas palavras de Inácio de Loyola, “*perinde ac cadáver*” (“disciplinado como um cadáver”), e em conformidade com o que é nomeadamente determinado no Artigo 547 das Constituições da Companhia de Jesus; “os que vivem em obediência devem deixar-se guiar e dirigir pela divina Providência, por meio do Superior, como se fossem um corpo morto que se deixa levar para qualquer parte, e tratar como se quiser”⁷.

⁶ VERDETE, Carlos, *História da Igreja Católica, do Cisma do Oriente (1054) até ao fim do século XIX*, Volume II, pp. 133-136.

⁷ CÚRIA PROVINCIAL DA COMPANHIA DE JESUS, *Constituições da Companhia de Jesus e Normas Complementares*, p. 144.

O grande princípio da Companhia tornou-se também no seu lema, “ad maiorem Dei gloriam” (“para a maior glória de Deus”)⁸, e além dos três votos solenes de pobreza, castidade e obediência, os Jesuítas pronunciam igualmente um quarto voto, o de obediência especial ao papa como chefe da Igreja e vigário de Cristo.

A Companhia de Jesus foi portanto fundada no contexto de reforma da Igreja Católica, a qual resulta por reacção e oposição aos movimentos reformistas protestantes surgidos na Europa, e encetados por Martinho Lutero em 1517. Neste contexto e a fim de assegurar a unidade da fé e a disciplina eclesiástica, o Papa Paulo III convocará o que fica conhecido como Concílio de Trento.

Combater a reforma protestante e pretender formar teólogos e padres aptos a enfrentar as novas adversidades do século XVI, foram portanto alguns dos objectivos que se procuraram reunir com a aprovação do papa às propostas de Inácio de Loyola. A Reforma Católica sai portanto reforçada pela criação da Companhia de Jesus, que se transforma em verdadeiro corpo expedicionário na defesa da manutenção dos princípios da Igreja. A obediência incondicional ao papa, sucessor de Cristo na Terra, assume-se como exemplo que cerceia qualquer atitude tergiversante face à orientação superior da Igreja Católica.

No Concílio de Trento (1545-1563), sobressaem já os teólogos jesuítas Laínez e Salmerón. Portugal, Espanha, Polónia e os Estados italianos foram os primeiros a aceitarem, incondicionalmente as resoluções tridentinas.

Pregando assim uma obediência total à doutrina da Igreja Católica, a Companhia de Jesus foi pois de uma grande militância na consolidação do cristianismo no contexto da que é intitulada a “Contra-Reforma”, vindo a assumir-se portanto como um dos principais vectores então accionados pela Igreja. Tal ficou devido em muito não só ao elevado nível de preparação que detinham, mas também à sua estrutura religiosa relativamente mais livre dos constrangimentos ditados pela vida em comunidade e no ofício sagrado, e aos quais as outras ordens permaneciam circunscritas. Este último

⁸ GEORGETOWN UNIVERSITY, <http://jesuits.georgetown.edu/heritage4.html> .

aspecto possibilitou uma maior flexibilidade operacional no cumprimento da missão que desempenharam.

A Companhia de Jesus, que usará o anagrama IHS, desenvolve-se e expande-se muito rapidamente, contando já em 1556, data do falecimento de Inácio de Loyola, com um milhar de membros, e apenas meio século mais tarde, no deambular do século XVII, são já cerca de 13.000. A Companhia adopta o ministério do ensino, vindo por isso a fundar logo de início um colégio em Messina e também outro em Roma, que fica denominado de Colégio de Gesù. Em 1580 dirigem já em toda a Europa 144 colégios, nos quais se forma a elite europeia⁹.

Ver Doc. 2

A Companhia conseguiu para mais delinear uma espiritualidade própria, a qual se afirma pela prática assídua e frequente de retiros sob a orientação de seus padres. No que respeita ao espaço cultural, e partir do século XVII, pregaram enfaticamente que, nas cerimónias religiosas do catolicismo, as decorações e a ostentação deveriam ser acentuadas e abundantemente financiadas, ao contrário do que era preconizado pelos luteranos que as desprezavam. A estrita observância por esta regra fundamental, irá permitir por si alavancar programas elaborados na concepção dos espaços por si administrados.

Alguns destes programas ornamentais intrinsecamente associados às suas edificações, perpassarão uma igreja coerente com a sua época que, pela ornamentação dos vários espaços do templo, favorece a difusão da palavra divina. Na completa observância deste ideal, irão desenvolver uma arquitectura como constituindo-se de decoração religiosa, que inicialmente no século XVI se definirá como muito simples, austera e funcional, que ainda no século XVI, e já no XVII, se caracterizará pela fundação de sedes de maior importância bem como pela definição da arquitectura dos que são os seus complexos colegiais, e que no século XVIII se imporá pela sua ornamentação e deslumbre, ficando por isso indelevelmente associada a todo o período Barroco.

Os Jesuítas espalham-se demograficamente e consolidam muito rapidamente o seu prestígio, vindo a alcançar grande influência na sociedade que constitui o preâmbulo e

⁹ VERDETE, Carlos, *História da Igreja Católica, do Cisma do Oriente (1054) até ao fim do século XIX*, Volume II, pp. 133-136.

início da Idade Moderna, ou seja a dos séculos XVI e XVII. Frequentemente vêm a ser educadores e confesores de reis e casas reais, como o foram de D. Sebastião de Portugal. Revelam ter e desenvolvem assim rapidamente uma vocação para o ensino, que irá se afirmar a partir de então e perdurará até à actualidade. Irão ser os impulsionadores de uma arquitectura e ornamentação bem características, e que se afirmarão como sendo de referência no seio da Igreja Católica.

A igreja de Gesù, situada em Roma, sendo a principal Casa da Companhia de Jesus, torna-se pois no protótipo da arquitectura barroca religiosa. Assim, integrando um mesmo esquema de realização, irão ser elaborados nos estabelecimentos desta instituição religiosa, não só riquíssimos adornos, como pinturas e formas douradas. Joga-se nas composições com a luz e as sombras, e abundam as curvas vigorosas, vindo deste modo a prevalecer acima de tudo o ideal de uma grandiosidade e impressionante unidade. Tanto a arquitectura, como a pintura e a escultura, vão progredir juntas nestes programas edificadores, sendo perceptível nestes o esforço enorme e dinâmico que se propõe conseguir alcançar a perfeita harmonia¹⁰.

Os retábulos, não constituindo os únicos meios de intervenção na ornamentação das capelas das igrejas jesuítas, constituem-se porém como elementos arquitectónicos e litúrgicos fundamentais ao desenvolverem, pela sua natureza, um enquadramento aos altares, os quais se assumem como locais privilegiados do culto.

Nestes espaços, são assim desenvolvidos sistemas decorativos que são determinados com uma grande coerência iconográfica e formal, e para a sua realização recorre-se a diferentes manifestações artísticas que variam para cada situação, e notando-se períodos de um predomínio por uma destas, sendo a pintura figurativa mais frequente no século XVI, e a que se inscreve num programa de liturgia narrativa, enquanto, com a introdução litúrgica da solenidade dos jubileus, do culto às relíquias e da devoção como ponto catalisador dos fiéis, a talha dourada virá a exuberar no século XVII, subordinando-se então os exemplares narrativos à invocação do Senhor.

A Companhia de Jesus assume o gosto pela *Gesamtkunstwerk* ou *obra de arte total*, o que irá recorrer à animação dos espaços interiores e à conceptualização de programas

¹⁰ BANGERT, William V., sj, *História da Companhia de Jesus*, p. 79.

iconográficos precisos. Vindo desta forma a contribuir para a difusão das *obras de arte total*, e vindo igualmente a verificar-se, em grande parte dos seus templos, a existência de capelas-mores e laterais profundas, cuja ornamentação total reflectirá pois várias modalidades artísticas¹¹.

Alguns destes programas de arquitectura e ornamentação que a Companhia de Jesus impulsionou, serão sinónimos de uma igreja dentro da sua época, animando os vários espaços do templo e auxiliando desta forma a difusão da palavra divina, mas sempre em permanente observância do decoro tridentino. A Companhia, pela sua relação próxima de Roma, torna-se também desta forma um dos principais veículos de difusão de um gosto de índole italianizante¹².

¹¹ LAMEIRA, Francisco, “O Retábulo da Companhia de Jesus em Portugal, 1619-1759”, *Promontoria Monográfica História da Arte 02*, pp. 18 e 19.

¹² COUTINHO, Maria João Pereira, Actas do 2º Colóquio de Artes Decorativas, *As artes decorativas e a expansão portuguesa. Imaginário e viagens*, “*Ars Marmoris: os mármores policromos do retábulo-mor da igreja do Colégio da Companhia de Jesus de Luanda*”, p. 279.

3. A Companhia de Jesus em Portugal

A vinda dos Jesuítas para Portugal parte da iniciativa de D. João III, que logo em 1539, e por intermédio Diogo de Gouveia que então era reitor do Colégio de Santa Bárbara em Paris, toma conhecimento da existência deste novo grupo de clérigos, os quais se propunham dedicar à conversão de infiéis, e por tal se enquadrariam aos propósitos subjacentes da evangelização dos novos territórios agregados à cristandade pela expansão marítima portuguesa.

Ver Doc. 3

Inácio de Loyola, encontrando-se em Roma, aceitou o convite que lhe endereçou o rei português por intermédio de seu embaixador D. Pedro Mascarenhas, e decide enviar-lhe prontamente dois membros da Companhia, sendo destes um dos seus primeiros companheiros, o português Simão Rodrigues de Azevedo, e o outro Paulo Camerte.

Pretendia-se conseguir por este convite, com que os padres da Companhia de Jesus passassem portanto a exercer o seu apostolado nas regiões ultramarinas, recentemente demandadas e agora sob a administração de Portugal. Com esta finalidade em vista, Loyola destinaria assim enviar inicialmente para a Índia Simão Rodrigues de Azevedo, o qual deveria seguir para lá acompanhado do padre Nicolau de Bobadilla que entretanto adoeceu, sendo então escolhido para o substituir mais um membro pertencente ao grupo fundador da Companhia, o navarro Francisco Xavier, que chega a Lisboa a 17 de Abril de 1540 acompanhado pelo próprio D. Pedro Mascarenhas.

Ver Doc.4

Ver Doc. 5

Já em Lisboa, estes primeiros membros da Companhia que ali chegaram, admitem um novo companheiro que também tinha estudado em Paris, o Padre Gonçalo de Medeiros, e, enquanto aguardam ordens para seguirem viagem, ocupam-se em trabalhos piedosos e no auxílio de enfermagem a doentes, vindo a granjear rapidamente a consideração do rei por estas acções.

A decisão torna-se relutante em enviar os padres jesuítas para a Índia e acaba por vir a ser protelada, chegando mesmo em dado momento a ser tomada a opção de ser preferível preservá-los pelo território metropolitano. Porém, D. João III acaba por

finalmente decidir enviar Francisco Xavier para a Índia, onde virá a desenvolver o seu notável apostolado, embarcando este em Lisboa na nau *S. Tiago* a 7 de Abril de 1541. É igualmente decidido conservar no território metropolitano Simão Rodrigues, onde acaba por vir a desenvolver um trabalho igualmente notável ao lançar as bases para a implantação da Companhia de Jesus, e onde em 1546 é erigida a Província de Portugal, a primeira entre as demais que virão a ser por esta fundadas¹³.

É assim, com a concretização da vinda destes primeiros elementos, que se dá portanto início ao primeiro período (1540-1759) da presença da Companhia de Jesus em Portugal. Também, e desde essa altura e até aos dias de hoje, a presença dos Jesuítas em terras portuguesas será repartida por quatro períodos distintos.

3.1. Radicação e edificação no território metropolitano

Graças às benfeitorias reais, assim como a outras, a Companhia de Jesus implanta-se no território metropolitano e crescerá muito rapidamente. D. João III pretenderá desde logo que Simão Rodrigues instale um colégio em Coimbra, cidade para onde recentemente transferira a Universidade, e em 1541 entrega-lhes para este efeito o mosteiro de Cárquere como princípio do dote para a fundação deste estabelecimento. A Companhia vai-se expandir também em Lisboa dedicando-se a variadas actividades que se distribuirão por diversos estabelecimentos.

Além da instalação do colégio de Coimbra, Simão Rodrigues ambicionava ter igualmente em Lisboa uma casa para reunir os professores destinados ao colégio de Coimbra e onde permitir de igual modo hospedar os missionários da instituição com destino aos territórios ultramarinos. Consegue para este efeito o mosteiro de Santo Antão, para onde se mudam os Jesuítas a 5 de Janeiro de 1542. Esta casa irá funcionar durante dez anos como simples residência governada por um superior, e só em 1552 é que toma a forma e nome de Colégio de Santo Antão, posteriormente denominado de

¹³ ALMEIDA, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, Volume II, pp. 169 ne 170.

“o velho”, o qual é prontamente solicitado por alunos vindo rapidamente a tornar-se exíguo, e que se constituiu ser o primeiro colégio onde os Jesuítas deram aulas públicas.

Em Lisboa os estabelecimentos multiplicam-se rapidamente, e 1553 fundam uma casa de professos no sítio da ermida de S. Roque, e em 1555 lançam ali a construção de uma pequena igreja e da sua nova casa. Em 1566 trataram de edificar aqui um templo maior e mais imponente.

Em 1578, por ordem de D. Sebastião, a Câmara doa-lhes um pedaço de terreno no sítio que depois de denominou de Santa Ana, vindo a lançar-se a primeira pedra da construção do novo colégio a 11 de Maio de 1579, e a 8 de Novembro de 1593 para ali se instalam, adquirindo este estabelecimento, em pretensa distinção do anterior, o nome de Santo Antão-o-Novo.

Finda a peste de 1569, e devida à intercedência dos padres da Companhia junto do rei, foi possível acudir com dote e provento a mais de duzentas donzelas nobres que ficaram desamparadas, parte das quais se recolhem então à Ermida de Santa Marta, onde passaram a viver vida de religiosas sob a direcção dos Jesuítas, e passando a apelar-se de religiosas de Santa Marta de Jesus.

É igualmente fundada a casa dos catecúmenos, onde se recolhiam conversos de outras confissões, e cuja construção se iniciou em 1579.

Em 1585 passou a pertencer à Companhia de Jesus uma quinta em Campolide onde esteve inicialmente instalado o noviciado. Tendo-se mais tarde iniciado a construção da casa do Monte Olivete, num lugar doado por Fernão Teles de Meneses, a 3 de Abril de 1603, e a sua igreja em a 20 de Março de 1605, para lá se mudaram os noviços a 13 de Junho de 1619.

Em 1586 é também fundado o recolhimento das Convertidas na ermida das Chagas, no Bairro Alto. Com a doação de Diogo Lopes de Solis é fundada uma casa para órfãs, começada em 1590, e que fica conhecida pelo Recolhimento das Meninas Órfãs de Solis, e que tem inicialmente a invocação de Nossa Senhora da Conceição e posteriormente a de Santo António.

Em 1593 é instituída na igreja de S. Roque uma irmandade de nobres que se propõe instituir um colégio para formação de mancebos provenientes da Irlanda, os quais pudessem acabar por regressar à sua terra para aí virem a pregar. Depois de permanecerem instalados em vários locais, estes passam definitivamente para uma casa defronte da ermida de São Crispim, ao pé do Castelo de São Jorge, e passando este estabelecimento a denominar-se de Colégio de São Patrício.

Em 1679 é ainda fundado em Lisboa o Colégio de São Francisco Xavier, com o legado de Jorge Fernandes de Vila Nova, e tendo a obrigação de ensinar a ler e a escrever, assim como ter duas classes de latim e uma de náutica.

Em 1705 é fundado, no sítio de Arroios, o Colégio e Noviciado de Nossa Senhora da Nazaré destinado aos padres da Companhia de Jesus com destino às missões na Índia.

D. João III decidira pois em 1541 fundar um colégio em Coimbra para os padres da Companhia de Jesus. É assim fundado em 1542, junto à Universidade, o Colégio de Jesus cuja construção começa em 1547, reunindo sucessivas anexações de várias casas, e de um caminho público ao longo do muro da cidade que acabará por gerar alguma celeuma local. Em 1544, D. João III concede também ao Colégio todos os privilégios de que gozava a Universidade.

Ainda em Coimbra D. João III determinará, a partir de 1 de Outubro de 1555, a entrega à Companhia de Jesus do Colégio Real das Artes e Humanidades, também simplesmente conhecido por Colégio das Artes, que fora fundado em 1547 sob a orientação de André de Gouveia entretanto falecido. Os Jesuítas passam assim a ter dois colégios em Coimbra até à integração num único Colégio de Jesus, o qual fica concluído em Março de 1566, já com o Cardeal Infante D. Henrique como regente, e vindo este último a providenciar também a necessária ampliação cuja construção se inicia em 1568.

A expansão da Companhia de Jesus irá estender-se ao reino, vindo a instalar-se também muito rapidamente em mais pontos de Portugal.

Em 1550 chegam a Évora chamados pelo Cardeal Infante Dom Henrique, então arcebispo dessa diocese, e hospedam-se inicialmente em sucessivos lugares até que

em 1554 mudam-se para o seu novo colégio, com a denominação de Colégio do Espírito Santo.

Sempre foi intenção do Cardeal Infante D. Henrique alargar o âmbito do Colégio do Espírito Santo e criar em Évora uma universidade, o que só virá a conseguir concretizar após o falecimento de D. João III, quando o Papa Paulo IV por bula de 18 de Setembro de 1558 defere assim a fundação nessa cidade de uma Universidade “em que se ensinassem todas as ciências, excepto medicina, direito civil e a parte contenciosa do direito canónico; e para nela se poderem dar os graus de bacharel, licenciado, mestre e doutor, como em Coimbra, precedendo os exames e mais solenidades em uso nas universidades bem governadas”. A 1 de Novembro de 1559 os Jesuítas tomam posse da Universidade de Évora. Pelo breve de 28 de Maio de 1568, o Papa Pio V exime-a de qualquer jurisdição, tanto secular como eclesiástica, declarando-a apenas sujeita ao prepósito geral e aos religiosos da Companhia de Jesus. Finalmente o Papa Gregório XV, por bula de 8 de Novembro de 1621, ratifica não só estes privilégios como concede ainda outros.

Também em Évora quis o Cardeal estabelecer um colégio que servisse como seminário para o clero secular. Nesse intuito obteve do Papa Gregório XIII a autorização para retirar dos seus rendimentos prelatícios o quanto para o prover do sustento necessário, agregando por bula de 13 de Junho de 1579 as suas rendas às da Universidade e do Colégio do Espírito Santo. Este seminário foi denominado de Colégio da Senhora da Purificação, sendo governado em nome do reitor da Universidade por um padre jesuíta com o título de vice-reitor, e sendo também assistido por outros padres conselheiros.

Também dependente do reitor jesuíta da Universidade, mas independente de qualquer jurisdição espiritual e temporal, estava o Colégio da Madre Deus fundado por Heitor de Pina Olival e sua esposa D. Francisca de Brito Sacota. O colégio destinava-se a doze estudantes da nobreza, bem como a todos os que quisessem custear os seus alimentos.

Em Braga, D. Frei Bartolomeu dos Mártires pediu ao Geral da Companhia de Jesus o envio de padres para virem a doutrinar nessa cidade. Vencidas as reticências iniciais

locais, foi entregue aos Jesuítas em 1559 a capela de São Paulo, que emprestará o nome ao colégio, bem como umas escolas situadas na sua proximidade. O colégio foi dotado das rendas necessárias à sua subsistência vindo a atribuir-se-lhe o rendimento de cinco igrejas, e viu aumentadas as classes inicialmente previstas pela afluência que registou.

Em Bragança, São Francisco de Borja, enquanto comissário da Companhia de Jesus em toda a península ibérica, acede em 1559 aos pedidos da Câmara e população para também aí se fundar um colégio. Para tal, tanto o duque de Bragança, D. Teodósio, como o bispo de Miranda, D. Julião de Alva, decidem concertar-se a fim de o provir com as rendas necessárias ao seu sustento, só vindo em 1561 a ficar definitivamente assente a sua fundação, cujas aulas começaram no ano seguinte. Porém a abertura solene ocorreria apenas a 1 de Outubro de 1568, adquirindo então o nome de Colégio do Santo Nome de Jesus. Este Colégio foi igualmente agregando mais rendimentos que lhe foram sendo concedidos por outros prelados, assim como os provenientes de numerosas outras doações.

São Francisco de Borja, quando da sua terceira visita a Portugal em 1560, na sua passagem pelo Porto a caminho de Coimbra, foi igualmente abordado pelo prelado local e por notáveis que o visitaram no sentido de lhe solicitarem assim o envio de Jesuítas. A decisão é tomada a 9 de Agosto, por altura das festas de São Lourenço, e o Colégio desta cidade adquire por isso o nome deste Santo, e funcionará inicialmente em instalações provisórias, pois só em 1577 é transferido para o edifício definitivo situado perto do paço episcopal.

Em 1566, ou seja pouco mais de vinte e cinco anos após a chegada a Portugal dos primeiros Jesuítas, eram assim numerosas as solicitações provenientes de várias partes do país, reclamando também para elas a fundação de Colégios da Companhia. O filho do infante D. Luís, D. António, queria um na Vila do Crato, sede do seu priorado; o cardeal D. Henrique pretendia também um em Santarém; o duque de Bragança, por sua vez pretendia um em Vila Viçosa; o arcebispo D. Frei Bartolomeu dos Mártires queria colégios para alguns lugares mais povoados da sua diocese de Braga; e o mesmo pretendiam igualmente os bispos do Algarve, de Miranda e da Ilha Terceira.

D. Fernando Martins Mascarenhas, bispo de Faro, obtém licença régia a 8 de Fevereiro de 1599 para aí fundar um Colégio de Jesuítas.

Também D. Teodósio, duque de Bragança, decide fundar em Vila Viçosa uma casa professa para os padres da Companhia com a invocação de S. João Evangelista, sendo lavrado em 20 de Março de 1604 o contrato contendo várias cláusulas, entre as quais a de defender a Companhia de a transformar em Colégio.

Em 1621 é fundado em Santarém o Colégio de Nossa Senhora da Conceição.

Em 1655 é fundado em Setúbal, por André Velho Freira, o Colégio de S. Francisco Xavier, onde em 1720 residiam oito religiosos, e possuindo três classes em que se ensinava tanto a ler, como o latim e a moral.

Em 1691, desta vez em Beja, é igualmente fundado um colégio pela Rainha D. Maria Sofia.

Até à data da sua expulsão pelo Marquês de Pombal, a Companhia de Jesus fundou ainda em Portugal metropolitano os seguintes estabelecimentos: S. Sebastião de Portalegre em 1605; S. Tiago de Elvas em 1644; S. Francisco Xavier de Vila Nova de Portimão em 1660; Santos Reis de Vila Viçosa desta vez em Beja em 1735; e Santíssima Trindade de Gouveia em 1739. Além destes, tiveram as seguintes residências nas seguintes localidades: Barrocal na diocese de Évora; Canal em Coimbra; Canissos em Lisboa; Cárquere em Lamego; Fassalamim em Coimbra; S. Fins em Braga; S. João de Longos Vales em Braga, Labruja em Lisboa; Nossa Senhora da Lapa em Lamego; Monte Agraço em Lisboa; Monte da Barca em Évora, Paço de Sousa no Porto; Pedroso no Porto; Pernes em Lisboa; Roriz em Braga; Valbom em Évora; e ainda Vila Franca, em Coimbra.

A par da abertura de todos estes estabelecimentos e residências no território metropolitano, o número de padres da Companhia por sua vez foi naturalmente quase sempre aumentando também, contando com a presença de 400 Jesuítas em 1560, 620 em 1603, 662 em 1615, 639 em 1639, 770 em 1709, 861 em 1749, e 789 em 1759¹⁴.

¹⁴ GONÇALVES, Nuno da Silva, SJ, *“A Companhia de Jesus em Portugal”*, p.1.

Este relato, de alguma forma detalhado, caracteriza não só a rapidez com que se procede a instalação da Companhia de Jesus em Portugal¹⁵, bem como é revelador, não só do acolhimento e a solícitude que lhe foram reservados, sendo disso testemunho favores e doações, tanto reais, como de prelados e particulares, bem como a relação de um vultuoso património e de importantes rendimentos, que transitam e acabam por se consubstanciar assim na sua posse.

3.2. Com a égide portuguesa, em outros mundos e em outros tempos

A Companhia de Jesus acompanhará a presença ultramarina portuguesa vindo a enviar os seus membros, e progressivamente a instalar-se assim e também tanto na Ásia, como na África e na América do Sul. Estes serão os teatros de operação onde se irá notabilizar o múltiplo empenho dos missionários Jesuítas em acção pela Igreja e sob a égide portuguesa.

Ver Doc. 6

Na Ásia, São Francisco Xavier chega portanto a Goa em 1542, vindo a percorrer vastas regiões da Índia, chegando a Malaca e às Molucas, e ao Japão em 1549. Virá a falecer em 1552 quando se preparava para entrar na China. Sucederam-se então sucessivas levadas de missionários jesuítas que se espalharam por este continente e alcançaram diversas regiões: Macau, em 1565; Império do Grão Mongol, em 1579; China, em 1583; Pegu e Bengala, em 1598, Cochinchina, em 1615; Cambodja, em 1616; Tibete, em 1624; Tonquim e Sião, em 1626; e Laos, em 1642¹⁶.

¹⁵ ALMEIDA, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, Volume II, pp. 170 a 181. Note-se, conforme é referido por critério na Introdução deste trabalho, procurando consubstanciar neste particular não mais que o vulto e a rapidez da proliferação da edificação da Companhia de Jesus em Portugal metropolitano, foi tido aqui por suficiente recorrer apenas à obra reputada deste autor.

¹⁶ GONÇALVES, Nuno da Silva, SJ, “*A Companhia de Jesus em Portugal*”, p.2.

Em África, os Jesuítas estão; no Congo, em 1547; chegam à Etiópia em 1557; passam a Angola, em 1560; penetram em Moçambique, na região do Monomotapa em 1560; e em 1604, iniciam a missão em Cabo Verde, donde passaram à Guiné e Serra Leoa¹⁷.

Na América do Sul a primeira expedição ao Brasil ocorre em 1549, sendo esta ali seguida por numerosas e sucessivas levas de missionários da Companhia¹⁸.

A contabilização acaba por totalizar 361 expedições, distribuídas por um período total de 215 anos, ocorrendo 75 destas ainda no século XVI, 190 no século XVII e 96 no século XVIII. Tal equivale à média de 16 missionários enviados em cada ano.

Nestas regiões agora evangelizadas vão-se formar novas províncias ou vice-províncias da Companhia de Jesus que, juntamente com a Província de Portugal, vêm a constituir a que passa a ser denominada de “Assistência de Portugal” que, em 1759, conta com 1698 Jesuítas, dos quais 789 encontrando-se no território metropolitano, e os restantes espalhados pelos territórios ultramarinos dos três continentes¹⁹.

A Companhia de Jesus será expulsa de Portugal em 1759 por ordem do Marquês de Pombal, e na origem desta decisão, para além de motivos de natureza processual da política absolutista, sombreia a questão que se tornou efervescente quanto à tutela dos índios “Guarani”, no sul do Brasil.

Para além da ligação que constituía o seu especial vínculo a Roma, e sendo também os orientadores de um grande influxo no meio académico e cultural, os Jesuítas constituíam-se compreensivelmente uma ameaça para o sistema absolutista. Detinham igualmente um importante património que, sendo constituído referência arquitectónica e ornamental, despertaria alguma apetência.

Nesta senda, o efeito da acção decretada em Portugal encontrou continuidade junto das cortes bourbónicas, pelo que acabam igualmente por ser expulsos de França por Luís XV, e de Espanha por Carlos III, seguindo-lhes os reis de Nápoles e da Áustria.

¹⁷ GONÇALVES, Nuno da Silva, SJ, “A Companhia de Jesus em Portugal”, p.2.

¹⁸ Idem.

¹⁹ Idem.

Dentro do seio da própria igreja defrontaram-se com inimizades. Por um lado, enquanto sendo os grandes opositores dos “jansenistas”, movimento contestatário de carácter dogmático, moral e disciplinar, em relação a certas doutrinas e práticas, e que assumiu igualmente contornos políticos, desenvolvendo-se na França e na Bélgica nos séculos XVII e XVIII. Por outro, contaram também com o antagonismo dos “galicanos”, movimento político-ecclesial que procurou reafirmar a autonomia nacional da Igreja de França, reconhecendo ao Estado uma influência muito grande sobre os seus assuntos e limitando nestes o mais possível o poder do Papa.

Todas estas perseguições vêm a culminar, em 21 de Julho de 1773, com a extinção da Companhia de Jesus decretada por breve do papa Clemente XIV.

Para além deste primeiro período da sua permanência em Portugal, os Jesuítas irão aqui regressar em mais outros três períodos distintos, que, não sendo consentâneos com este trabalho, de seguida apenas serão brevemente referidos pelo mero interesse histórico complementar de que se revestem.

Após a extinção da Companhia, vários membros manter-se-ão porém refugiados na Rússia ortodoxa sob a protecção de Catarina II, e na Prússia protestante ali como sacerdotes diocesanos, países onde dirigem colégios fluorescentes, até que em 7 de Agosto de 1814 a Companhia de Jesus é restaurada pelo papa Pio VII.

O segundo período da sua permanência em Portugal inicia-se em 1829, por acção do governo de D. Miguel, e terminará logo em 1834, no momento em que lhes é ditada nova expulsão por D. Pedro IV²⁰.

O terceiro período começa com a vinda do padre jesuíta português Carlos João Rademaker em 1848, que traz como incumbência restaurar a Província Portuguesa, o que acontecerá, em 25 de Julho de 1880, por decreto do Geral da Companhia. É durante este terceiro período a sua permanência em Portugal que ocorre, entre 1880 e 1910, a difícil missão no Zambeze em Moçambique, onde vêm a falecer 41 dos 118 Jesuítas que para lá são enviados. É igualmente reactivada neste período a sua área vocacional no ensino, donde sobressai o desempenho do Colégio de Campolide, em

²⁰ GONÇALVES, Nuno da Silva, SJ, “A Companhia de Jesus em Portugal”, p.3.

Lisboa. Com a implantação da República sucede, logo a 8 de Outubro de 1910, nova expulsão com a consequente espoliação de bens. Nessa data, a Província de Portugal voltara já a contar com 360 membros no seu activo²¹.

O quarto período estende-se desde 1923 até à actualidade, reabrindo-se de início e cautelosamente algumas residências em Portugal, a partir da irradiação do colégio para alunos portugueses em La Guardia, no lado espanhol da foz do rio Minho, e para onde se tinha exilado a Província de Portugal após a expulsão de 1910. A Constituição de 1933 vem a declarar a abolição das leis de excepção por motivos religiosos, e o decreto de 12 de Maio de 1941 reconhece a Companhia de Jesus como corporação missionária, o que normaliza então a sua situação jurídica em Portugal²².

O possibilitar uma compreensão acessória, da Companhia de Jesus, não apenas pela demarcada singularidade de que se reveste face às restantes instituições religiosas activas igualmente no seio da Igreja Católica, já por si implícita até na denominação que adquire de *Companhia*, como contextualizada no momento complexo do seu aparecimento, mas também por Portugal ter sido onde se vem a constituir a sua primeira Província logo nos seus primórdios, e também com a sua égide, na esteira da expansão marítima empreendida, se ter propiciado a sua instalação nos Novos Mundos que então se tornaram acessíveis, justifica o encorpado da descrição a que se recorre quanto a ter presente, não somente a história da sua fundação e dos seus obreiros, mas também a narrativa da abrangência da que foi esta sua rápida e ampla disseminação.

A acção edificadora da Companhia de Jesus durante o período da “Assistência de Portugal” é pois notável, não só pela dispersão geográfica de estabelecimentos e casas nos vários continentes, como pelo vulto de qualidade de que toda esta obra edificada se reveste. A Companhia irá desta forma legar, ao longo do que foi o seu primeiro período da sua permanência em Portugal, um importante contributo no que se refere pois à retabulística.

²¹ GONÇALVES, Nuno da Silva, SJ, “A Companhia de Jesus em Portugal”, pp.3 e 4.

²² Idem, p. 4.

Todos estes estabelecimentos incorporaram uma rede complexa de relações geradora de uma tutela de influxos de variadas naturezas, que se demarcarão porém geograficamente pela forma da expressão que assumem mas que continuará contudo a caracterizar indelevelmente a sua proveniência.

4. A Companhia de Jesus nas províncias africanas

As missões da Companhia de Jesus, para além de ocorrerem também na Etiópia e no Egipto, em 1555 e 1561 respectivamente, procedendo sob a orientação da Casa mãe em Roma, irão ter lugar em ambas as costas do continente africano, nos territórios então sob a égide da expansão portuguesa²³.

Assim, logo em 1547, enviados por D. João III seguiram para missionarem no Congo, onde se confrontam com grandes dificuldades, quatro membros da Companhia provenientes do colégio de Coimbra, sendo estes, o padre Jorge Vaz como superior da missão, os padres Cristóvão Ribeiro e Jácome Dias, assim como o irmão Diogo do Soveral.

Em 1553 é enviada nova missão composta agora pelos padres Cornélio Gomes e Frutuoso Nogueira, sendo o primeiro natural do Congo e filho de pais portugueses, e que continuará a deparar-se ainda com uma maior adversidade.

Cornélio Gomes transmitirá em carta que dirigiu em 17 de Janeiro de 1554 a outro membro da Companhia, o padre Diogo Mirón, a entrega da construção da igreja do colégio pelo rei do Congo a um tal Simão da Mota, sendo parte dela já de pedra, bem como refere o detalhe de possuírem um retábulo que com eles levaram²⁴.

Em 1559 passam então por São Tomé padres da Companhia com destino a nova missão no Congo, tratando-se na altura de fundar também missões em Angola apesar da perplexidade que o bispo local teria sobre o seu sucesso. Os Jesuítas persistem nas missões, e em 1587 eram muito bem vistos pelo rei do Congo, D. Álvaro II, que lhes concedeu ampla liberdade para exercerem e levantarem igrejas. Tal aceitação irá persistir, e em 1615, o seu sucessor, D. Álvaro III, continua a exprimir preferência pelos Jesuítas em detrimento das outras ordens religiosas²⁵.

²³ BANGERT, William V., sj, *História da Companhia de Jesus*, p.116.

²⁴ BRÁSIO, Padre António, *Monumenta Missionária Africana*, Volume XV, pp. 173-174

²⁵ ALMEIDA, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, Volume II, pp. 274 a 278

Quanto a São Tomé, elevada a cidade por D. João III em 22 de Abril de 1535²⁶, e logo pelos meados da década de cinquenta, o padre jesuíta Cornélio Gomes de regresso a Portugal em proveniência do Congo, donde decide sair devido ao antagonismo com que se confrontou e inibindo-o de ali poder continuar a desempenhar a sua missão, acaba por vir a permanecer durante algum tempo na ilha, o que terá levado os seus habitantes a decidirem querer fundar um colégio e endereçar a Lisboa pedido de autorização para esse efeito²⁷. Em 1604, reconhecendo-se necessidade de prover a ilha de sacerdotes com vista à sua evangelização, a coroa pedirá assim à Companhia que nomeie quatro padres e dois irmãos para esse ofício²⁸.

Na costa oriental africana, o primeiro Jesuíta a passar por Moçambique terá sido Francisco Xavier, que aporta a Ilha a caminho da Índia em finais de Agosto de 1541, e aí fica a invernar por seis meses com a frota em que viajava²⁹. Porém, é apenas na reunião da consulta da Província de Goa de 21 de Novembro de 1559, que é tomada a decisão de dar início à missão da Companhia em Moçambique.

Serão eleitos para esse efeito o ex-provincial padre Gonçalo da Silveira, o padre André Fernandes e o irmão André da Costa, os quais chegam a Moçambique a 4 de Fevereiro de 1560, quatro anos após a morte de Inácio de Loyola, e quando a Companhia completou apenas 20 anos de existência³⁰. Da Ilha de Moçambique, onde desembarcaram, seguiram pouco depois viagem para Inhambane onde vêm a desempenhar a sua missão. Gonçalo da Silveira retornando mais tarde à Ilha entra pelo Zambeze e chega a Sena onde é martirizado a 15 de Março de 1561³¹.

Igualmente será importante notar que João Dias Ribeiro, nobre nascido em Mátemo, ilha do Arquipélago das Quirimbas em Cabo Delgado no norte de Moçambique e de que era senhor, que sendo detentor de uma grande fortuna, é referido ter contribuído

²⁶ BRÁSIO, Padre António, *Monumenta Missionária Africana*, Volume XV, p. 108.

²⁷ ALMEIDA, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, Volume II, pp. 274-275.

²⁸ Idem, Volume II, p. 275-276.

²⁹ Idem, p. 287.

³⁰ CORREIA, Francisco, sj, *O Venerável Padre Gonçalo da Silveira, Proto-mártir da África Austral (1521-1561)*, pp.38 e 40.

³¹ ALMEIDA, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, Volume II, pp. 287 e 288.

avultadamente, não só para o Colégio de Damão edificado em 1567, mas já então também para um outro estabelecimento da Companhia em Moçambique³².

Mais tarde, e segundo carta que padre Gaspar Soares, superior chegado a Moçambique em 1609 procedente de Goa, dirigiu ao padre geral Aquaviva com data de 7 de Junho de 1611, os Jesuítas contariam já ter estabelecido por lá residências em Quelimane, Sena, e Tete, esta última com o nome de Espírito Santo.

Nesta carta é ainda recomendado tomar-se a decisão de se fundarem três colégios no território, e também nela indicado parecer já então justificar-se virem estes a ser distribuídos pela Ilha de Moçambique, por Sena e ainda por Tete. Também perante a eventualidade de se optar apenas pela realização de um destes estabelecimentos, e contrariando o parecer dos padres de Goa que pretenderiam antes que fosse esse o da Ilha de Moçambique, defendeu porém Gaspar Soares que este deveria vir a estar localizado em Sena.

Terão no entanto acabado por vir a existir em Moçambique os três colégios que o padre Soares recomendara que assim fossem ali instalados, vindo estes a tornarem-se em importantes pólos de evangelização e desenvolvimento no período compreendido entre 1610 e 1640³³.

Em São Sebastião de Moçambique, na Ilha portanto, começou em 1610 a construção do colégio cuja igreja tem a invocação de São Paulo, mas que será denominado por “Casa de São Francisco Xavier”, nome aliás pelo qual virá a ficar conhecido. Esta será assumida por cabeça de todas as casas da África Oriental, servindo igualmente de pólo de irradiação missionária não só para as ilhas da região, como foi a que foi enviada para a Ilha de São Lourenço (Madagáscar), mas também para as missões no continente, como as de Sofala e de Inhambane. O colégio de Sena vira portanto a servir os reinos de Bárue, Quitive, Manica e outros, contando com 74 alunos em 1614,

³² REIS, Mónica Esteves, “A Arte Retabular da Companhia de Jesus em Damão: focando o Retábulo de Nossa Senhora com o Menino na sacristia da Igreja de Nossa Senhora dos Remédios”, *Revista da História da Arte e Arqueologia* - nº 11, p. 40.

³³ SOUSA, José Augusto Alves de, sj, CORREIA, Francisco Augusto da Cruz, sj, *500 Anos de Evangelização em Moçambique (11 de Março de 1498 – 11 de Março de 1998)*, p.41.

enquanto o de Tete servirá o reino de Mocaranga assim como do imperador Monomotapa³⁴.

De novo na costa ocidental, a data aceite para a entrada da Companhia de Jesus em Angola será 1563, com a missão composta de Francisco de Gouveia acompanhado de Agostinho Lacerda e de mais dois irmãos³⁵. Porém uma “informação do Reino de Angola e das suas minas de prata e sal” refere-se à sua presença e actividade naquele território desde 1560³⁶, e é igualmente já ali referida em 1593 a existência de um colégio dos padres da Companhia³⁷.

Angola fica inicialmente dependente da Diocese de São Tomé, passando desde 1596 a ser agregada à Diocese do Congo³⁸. É também para São Paulo da Assunção de Luanda que se transfere em 1623, com o intuito de aí passar a residir, o episcopado, mas que permanece porém formalmente radicado ainda em São Salvador do Congo, tendo o bispado passado a ser sufragâneo do arcebispo da Baía em 1677, e passado em 1716 para a jurisdição do arcebispo de Lisboa oriental³⁹.

A Companhia vem a edificar em Luanda um colégio e uma igreja notáveis, e o seu desempenho no território reflectir-se-á num empreendimento de vulto. A sua permanência em Angola não decorrerá sempre de forma harmoniosa, vindo a ocorrer querelas esporádicas com as instâncias locais, a que não estarão alheias as invejas e rivalidades, mas que se agudizaram em dados momentos, como foi o da questão que a opôs em 1658 ao governador João Fernandes Vieira por causa de alguns suínos, e que culminou com a sua excomunhão pronunciada pelo reitor do colégio⁴⁰. Também outros entenderam porém ser devido apontar o bom desempenho, o brio e o desprendimento que caracterizava a acção dos padres jesuítas naquelas terras, como é

³⁴ SOUSA, José Augusto Alves de, sj, CORREIA, Francisco Augusto da Cruz, sj, *500 Anos de Evangelização em Moçambique (11 de Março de 1498 – 11 de Março de 1998)*, p.41 e 42.

³⁵ BANGERT, William V., sj, *História da Companhia de Jesus*, p.116.

³⁶ BRÁSIO, Padre António, *Monumenta Missionária Africana*, Volume XV, p. 368.

³⁷ Idem, p. 333.

³⁸ GABRIEL, Manuel Nunes, *Os Jesuítas Na Primeira Evangelização de Angola*, p. 31..

³⁹ ALMEIDA, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, Volume II, p. 26.

⁴⁰ BRÁSIO, Padre António, *Monumenta Missionária Africana*, Volume XII, pp. 16, 17, 44, 45, 167, 179, 181, 260, 262, 269, 349, 413, 415, 417, 455 e 516, Volume XIII, pp. 50, 51, 115, 117, 182, 440, 441, 443, 455, 456, 465, 466, 467, 468, 469, 470, 517, 561, 562, 563, 568, 571, 587 e 588, Volume XIV, p. 302, e Volume XV, pp. 263, 265, 268, 279, 374, 376, 391 e 508.

o que é exposto ao rei na carta que o Governador de Angola, Gonçalo da Costa e Menezes, lhe dirige em 24 de Abril de 1693⁴¹.

A Companhia protagonizou igualmente uma missão em Cabo Verde, que decorreu de 1604 a 1642. A coroa até decidirá ordenar a realização de um contrato com os Jesuítas no sentido de edificar um colégio na Ilha de Santiago⁴². As negociações foram difíceis e demoradas, tratando de se definir o estatuto conveniente à missão da Companhia no arquipélago, e se deveria ser aí fundado um colégio, uma casa professa ou uma simples residência⁴³.

O seu desempenho ali que é tido por empreendedor mas demasiado notório, a esmola dada pelo já doente bispo D. Luís Pereira de Miranda e que vem a ser contestada após a sua morte pelos seus herdeiros, e o facto de ter acabado por também ficar herdeira universal do Capitão Diogo Ximenes Vargas, bem como o avultado património que aí teriam conseguido rapidamente reunir sob a sua gestão, suscitaram controvérsia acesa a que não terá sido também alheio o fomento das já conhecidas invejas e rivalidades, acabando a Companhia por tomar a decisão de abandonar o arquipélago e de proceder à retirada dos seus membros⁴⁴.

A coroa virá posteriormente a pedir o seu regresso a Cabo Verde, cuja falta é sentida e a assistência solicitada pelas instâncias e gentes locais, insistindo até 1653 para que a decisão fosse reconsiderada, mas a Companhia persistirá em não aceder ao pedido, acabando por declarar a desistência da missão⁴⁵.

Para além destas frentes africanas em que se empenharam os jesuítas, terá de igual modo sido ainda ponderado em 1628 fundarem-se seminários da Companhia, não

⁴¹ BRÁSIO, Padre António, *Monumenta Missionária Africana*, Volume XIV, p. 302.

⁴² Idem, Volume V, pp. 3, 244 e 333.

⁴³ GONÇALVES, Nuno da Silva, sj, *Os Jesuítas e a Missão de Cabo Verde (1604-1642)*, pp.155 a162.

⁴⁴ BRÁSIO, Padre António, *Monumenta Missionária Africana*, Volume V, pp. 24, 42, 156, 158, 162, 163, 167, 169, 170, 179, 193, 231, 237, 324, e, GONÇALVES, Nuno da Silva, sj, *Os Jesuítas e a Missão de Cabo Verde (1604-1642)*, pp. 203 a 223

⁴⁵ BRÁSIO, Padre António, *Monumenta Missionária Africana*, Volume V, pp. 333, 370, 372, 476, 499, 511, 512, 519, 538, 540, 556, 561, 567 e 578, e, GONÇALVES, Nuno da Silva, sj, *Os Jesuítas e a Missão de Cabo Verde (1604-1642)*, pp. 246 a 251.

apenas em Angola, mas também na Mina e na Costa da Guiné, acabando no entanto a coroa por vir a optar por os estabelecer antes em Lisboa⁴⁶.

Da totalidade das várias missões da Companhia de Jesus que se empreenderam neste período nos territórios portugueses de África, assim como das resultantes ramificações locais, apesar de terem naturalmente possuído todas elas instalações próprias, sendo no entanto a maioria erigidas em construção apenas efémera, apenas dois complexos edificadas chegaram aos nossos dias, o do Colégio de Luanda, na costa ocidental, e o da Ilha de Moçambique, na costa oriental.

4.1. O colégio de Luanda

A 11 de Fevereiro de 1575 chega a Luanda Paulo Dias de Novais, neto do célebre navegador Bartolomeu Dias que pela primeira vez transpôs o Cabo das Tormentas, mais tarde rebaptizado por D. João II de Cabo da Boa Esperança.⁴⁷

Para Paulo Dias de Novais trata-se de um regresso a estas terras africanas de Angola onde havia já estado alguns anos atrás chefiando uma embaixada enviada pela coroa portuguesa ao rei do Dongo, e que chegou a 3 de Maio de 1560 à barra do rio Cuanza localizada a cerca de 75 Km a sul de Luanda.

Na que foi sua primeira viagem a Angola foi já acompanhado por quatro jesuítas, vindo dois deles a falecer durante a missão, e nela se notabilizando pela sua acção o padre Francisco de Gouveia, que por lá vai ser forçado a permanecer. Este Jesuíta acaba por conseguir ganhar o respeito do rei local, e até a conseguir erigir uma igreja na capital do reino que era então Angoleme e que vem a ser transferida para Cabassa, onde o

⁴⁶ GONÇALVES, Nuno da Silva, sj, *Os Jesuítas e a Missão de Cabo Verde (1604-1642)*, p. 205.

⁴⁷ GABRIEL, Manuel Nunes, *Os Jesuítas Na Primeira Evangelização de Angola*, pp. 25 e 26.

padre Gouveia terá então já ouvido relatos e também achado vestígios de uma presença eclesiástica anterior à sua.⁴⁸

Nesta sua segunda deslocação a Angola, Paulo Dias de Novais vai agora investido nas altas funções de Conquistador e Governador do Reino de Angola⁴⁹, funções para as quais consegue ser nomeado a 19 de Setembro de 1571⁵⁰. Ao conceder-lhe a capitania e o governo deste território, D. Sebastião impôs-lhe a obrigação de se fazer acompanhar de clérigos, vindo para este efeito a insistir junto do superior da Companhia de Jesus solicitando que fossem destacados os padres pretendidos.

Após numerosas insistências, tanto da coroa como do próprio Novais, que começaram por se deparar com a oposição inicial da Companhia que contrapunha com fundamento, não só as vicissitudes a que fora sujeito o grupo já enviado para o acompanhar na sua primeira viagem de embaixada, aliás permanecendo ainda por lá o padre Gouveia em situação de semi-cativo do rei do Congo, assim como por outro lado a pouca esperança sentida na garantia de obtenção de resultados apostólicos justificativos para esta assistência. Acabam contudo por ser nomeados para acompanhar Paulo de Novais, os padres Garcia Simões, como superior, e Baltazar Afonso, bem como os irmãos Cosme Gomes e Constantino Rodrigues, que seguem aqui incumbidos de fundar portanto a missão dos jesuítas em Angola.⁵¹

A armada de Paulo Dias de Novais composta de sete navios, a que se juntaram outros sete navios de São Tomé que andavam no “negócio”, fundeiam no porto de Luanda, porto que os jesuítas vêm a referir ser o melhor até então encontrado pelos Portugueses naquela costa africana. Desembarcam na Ilha de Luanda onde encontram

⁴⁸ GABRIEL, Manuel Nunes, *Os Jesuítas Na Primeira Evangelização de Angola*, pp.26 a 28, e sua referência ao manuscrito do século XVI encontrado no Arquivo dos Jesuítas em Roma pelo historiador da Companhia padre Francisco Rodrigues, e indicações de este o ter publicado no Arquivo Histórico de Portugal em 1936, sendo depois publicado em separata com o título *Uma História Inédita de Angola*, e integrando de igual modo a *Monumenta Missionária Africana*, história que o padre António Brásio por sua vez volta a publicar em *Monumenta Missionária Africana*, vol. IV, pp. 532-581.

⁴⁹ GABRIEL, Manuel Nunes, *Padrões da Fé Igrejas Antigas de Angola*, p. 55.

⁵⁰ GABRIEL, Manuel Nunes, *Os Jesuítas Na Primeira Evangelização de Angola*, p. 28

⁵¹ Idem, p. 28 e 29.

cerca de quatro dezenas de comerciantes portugueses, fugidos às guerras do Congo, e que aí tinham já construído uma capela dedicada a Nossa Senhora da Conceição.⁵²

Os Jesuítas acomodam-se então em palhotas junto à ermida passando ainda no final de 1575 à terra firme com Paulo Dias de Novais, onde se estabelecem igualmente no morro de São Paulo, que é sobranceiro ao mar, e no qual foi edificado um fortim em adobe. Ali se construiu também por regimento a capela de São Sebastião. A primeira residência dos Jesuítas e a capela anexa também ali foram inicialmente estabelecidas, sendo as duas dedicadas a Nossa Senhora do Loreto.⁵³

Devido à instigação de intrigas romperam-se a paz e harmonia que se vinham então estabelecendo com o rei do Dongo, e que resultou numa guerra que o oporá durante várias décadas às tropas portuguesas. Alguns padres da Companhia acompanharam então Novais nestas lutas pelo interior servindo como capelães às tropas. O Governador vem a falecer a 9 de Maio de 1589, em Maçangano onde estabelecera o seu quartel-general, deixando em testamento o desejo de ser sepultado na igreja dos jesuítas daquela mesma vila. Angola havia sido concedida a Paulo Dias de Novais como sendo seu donatário, à semelhança do que fora também feito no Brasil, e como este morre sem deixar descendentes, os direitos sobre este território reverteram para a mão do Estado que o passa a administrar daí em diante nomeando um Governador Geral.⁵⁴

Novais mostrou ainda em vida o grande apreço que tinha pelos jesuítas assim como o reconhecimento pelos serviços que lhes prestaram na sua conquista de Angola, tendo-lhes doado assim vários terrenos com cujo rendimento esperava pudesse a Companhia vir a conseguir fundar naquele território três colégios. Alguns destes localizavam-se na parte alta da cidade e entre estes encontrava-se o “Campo da Feira”, para onde irão transferir posteriormente a sua residência bem como construir a igreja e o seu colégio. Os jesuítas acabarão no entanto por vir a renunciar à maior parte das terras que lhes foram então dadas pelo falecido donatário, desistindo delas a favor da Câmara de

⁵² GABRIEL, Manuel Nunes, *Os Jesuítas Na Primeira Evangelização de Angola*, p. 29.

⁵³ Idem, p. 30.

⁵⁴ Idem, pp. 30 e 31.

Luanda, e ficando apenas na posse de pouco mais do que este campo na parte alta da cidade, onde tomarão alguns anos após a decisão de virem a radicar-se.⁵⁵

Paulo Dias de Novais fez-lhes ainda mais outra doação, a qual acabou por vir a gerar acesa controvérsia, mas que se revelou ser o rendimento de que passou a depender o mantimento da missão da Companhia em Angola. Trata-se da “doação dos sobas” que fez dos jesuítas os procuradores de nove sobas em Luanda, e cujo tributo tinha o senão de ser tradicionalmente pago em escravos.

Os jesuítas quiseram até renunciar a esta doação pelos dissabores que daí sempre provinham, mas depararam-se principalmente com a oposição dos próprios sobas, que reconheciam estar melhor servidos com o desempenho que lhes prestavam enquanto seus novos procuradores. De Lisboa acabou igualmente por vir a interdição do Superior Geral da Companhia, proibindo-lhes praticarem o comércio de escravos.

Esta doação dos sobas, que os jesuítas justificavam ser-lhes então crucial como fonte de rendimento que de facto era, e não como negócio em si que não o era, esteve também na origem de grave conflito que os opôs ao Governador Francisco de Almeida, e que chegou a resultar na ameaça de excomunhão que lhe foi proferida pelo superior da Companhia em Angola, padre Baltazar Barreira. A questão só acaba em 1616, quando o novo Governador, Manuel Cerveira Pereira, faz cumprir a provisão de todos os sobas passarem a depender directamente da coroa, passando de igual modo a aumentar substancialmente o subsídio que era concedido aos jesuítas, compensando desta forma a situação económica de que dependia a missão.⁵⁶

É com a visita canónica a Angola do primeiro Visitador a lá se deslocar, padre Pedro Rodrigues, ocorrida em 1593, que fica decidida a fundação de um colégio em Luanda. A decisão é acolhida com agrado e os jesuítas optam então por vir a construí-lo, não no morro de São Paulo onde se encontravam ainda instalados, sendo este mesmo morro após a Restauração⁵⁷ de igual modo referido por morro de São Miguel⁵⁸, mas sim no “Campo da Feira” que lhes fora antes doado por Paulo Dias de Novais, e que se dizia

⁵⁵ GABRIEL, Manuel Nunes, *Os Jesuítas Na Primeira Evangelização de Angola*, pp. 34 e 35.

⁵⁶ Idem, pp. 35 a 40.

⁵⁷ Idem, p. 30.

⁵⁸ BRÁSIO, Padre António, *Monumenta Missionária Africana*, Volume XV, p. 391.

ser um sítio "alto, sadio, lavado dos ventos e muito bem assombrado"⁵⁹. Este estabelecimento ficará assim alcandorado na parte mais alta da cidade de Luanda, local onde mais tarde se edificará o Palácio do Governo, e que hoje é Palácio Presidencial.

Em 1598 demarcam o terreno em cerimónia que reuniu a presença do Governador Jerónimo de Almeida, dos vereadores da Câmara e de muita população. As obras iniciam-se apenas em 1607 devido à falta de recursos com que se defrontavam, e vão correndo devagar até 1616. É nesta altura que um rico comerciante natural de Lisboa e estabelecido em Angola, de nome Gaspar Álvares, lhes entrega um donativo substancial para a construção do colégio, vindo deste modo a constituir-se como o seu efectivo fundador. A escola das primeiras letras, desde logo muito concorrida e tendo como seu primeiro mestre o irmão António de Sequeira, abriu logo 1605.⁶⁰ Por perto de dois séculos este colégio dos jesuítas acabará por vir a ser a única escola pública de Luanda.⁶¹

Gaspar Álvares, que ficou tido por ser o maior benfeitor dos jesuítas de Angola, era bem conhecido em Luanda não apenas pelas suas riquezas, mas também pelas aventuras que protagonizou, que lhe granjearam o apelido de *menino diabo*, e mereceram vir anos depois a ser relatadas na História de António de Oliveira de Cadornega. Estas tropelias fizeram com que tivesse de se defrontar com a senha do Governador Correia de Sousa (1622-1623), e por esta razão, procurando resguardar-se do seu alcance, refugiou-se no colégio onde permaneceu intermitentemente, tendo mesmo planeado seguir para Portugal.

É porém no colégio que vem a falecer, a 24 de Outubro de 1623, tendo anteriormente constituído testamento a favor dos padres da Companhia em Angola. Ficava-lhes então igualmente a obrigação de, para além do colégio de Luanda, terem de edificar na mesma cidade um seminário na denominada Cerca dos Padres frente à Misericórdia, o que acabou por não se vir a verificar e funcionando este sempre interinamente no próprio colégio, assim como teriam de instalar igualmente um colégio no Congo, o que

⁵⁹ GABRIEL, Manuel Nunes, *Os Jesuítas Na Primeira Evangelização de Angola*, p. 67, citando Cadornega.

⁶⁰ Idem, p. 67 e 69.

⁶¹ Idem, p. 73.

terá vindo acontecer mas que pouco terá vindo a receber do testamento, e que acabou por ser mantido, na maior parte do tempo, pelo estabelecimento de Luanda.⁶²

Igualmente se decidirá empreender, colado ao colégio, um seminário destinado a ser frequentado por doze moços negros, o qual nunca terá sido edificado.⁶³

Tanto o colégio como a sua igreja foram concebidos com sumptuosidade e numa escala que pretendiam estar a par do que se fazia então em Portugal. O conjunto não deixava de impressionar quem visitava o espaço, e suscitava comparações com o que por lá era edificado pela Companhia não só pelas proporções como pela concepção propriamente dita.

Ver Doc. 9 e
10

A igreja mereceria logo especial destaque, chegando a sua magnitude a ser equiparada com a de São Roque⁶⁴ em Lisboa. As dimensões exteriores do edifício da igreja são de 43 x 25,40 m, tendo a nave 30,50 x 14,75 m e a capela-mor 6,20 x 5,60 m. A sua nave, com transepto e três capelas que correm de cada lado, tem a cabeceira formada pela capela-mor e duas capelas colaterais⁶⁵.

Ver Fotos 1 a 4

A igreja, que é a mais notável de Luanda, é tida por ser inspirada na de Évora⁶⁶, e por possuir uma fachada “de inspiração italiana” que impressiona pelas suas dezasseis colunas sobrepostas em três corpos que conjuntamente com “outros elementos arquitectónicos dão relevo e interesse à composição”⁶⁷. Em 1678 e a seu respeito, o Governador de Angola Aires de Meneses e Sousa propondo-se censurar o desempenho e a riqueza que os jesuítas ali tinham reunido, aponta e refere-a como sendo uma “igreja majestosa”⁶⁸.

Ver Doc. 11

A 3 de Dezembro de 1620, estando a igreja ainda em obras mas já em fase adiantada, realizaram-se já nela as comemorações da beatificação do padre Francisco Xavier, assim como também três anos após as cerimónias que assinalaram a canonização de

⁶² GABRIEL, Manuel Nunes, *Os Jesuítas Na Primeira Evangelização de Angola*, pp. 42 a 45.

⁶³ BRÁSIO, Padre António, *Monumenta Missionária Africana*, Volume XIII, pp. 517, 561, 562, 563, 568, 571, 587, 588 e 590, Volume XIV, pp. 10, 13 e 111, Volume XV, pp. 333 e 653.

⁶⁴ Idem, Volume XIII, p. 456.

⁶⁵ GABRIEL, Manuel Nunes, *Padrões da Fé Igrejas Antigas de Angola*, p. 65.

⁶⁶ Idem, p. 56.

⁶⁷ BATALHA, Fernando, “Arquitectura Antiga de Luanda”, V *Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros*, Volume IV, p. 458.

⁶⁸ BRÁSIO, Padre António, *Monumenta Missionária Africana*, Volume XIII, p. 468.

Santo Inácio de Loyola, de São Francisco Xavier e de Santa Teresa de Jesus. A igreja ficou concluída em 1636 e o colégio apenas em 1659.

Durante a ocupação holandesa que se verificou entre 1641 e 1648, o colégio serviu de residência ao governador holandês sendo a igreja utilizada para a realização de assembleias e ajuntamentos, e tendo ambos os edifícios sofrido então grandes estragos. Quando os Portugueses da Restauração, liderados pelo general Salvador Correia, entraram em Luanda em Agosto de 1648, logo os jesuítas voltaram a tomar conta do local assinalando essa efeméride com os sinos da igreja a repicar, vindo a comemorar-se o acontecimento em Luanda durante oito dias e servindo a igreja de local de pregação em todos esses festejos.⁶⁹

Não se conhece alguma indicação referindo qual o orago desta igreja, apenas se sabe que o colégio de Luanda era dedicado ao Santíssimo Nome de Jesus – *collegium quod sacrauerunt Sanctissimo Jesu Nomini* – sendo verosímil inferir a mesma denominação para a sua igreja. Tal afigura-se coerente com as denominações de outras igrejas da Companhia, como a da igreja de Gesù em Roma, e a do Bom Jesus em Goa.⁷⁰ Ainda hoje a igreja é conhecida e referida em Luanda como sendo a igreja de Jesus, sendo actualmente a sede da paróquia de Nossa Senhora da Conceição dessa cidade.

Nesta igreja de Luanda foram também sepultados alguns governadores, sendo esse o caso de Bernardino de Távora (1702) e de João Jacques de Magalhães (1748), ambos sepultados na capela de S. Francisco Xavier. As cinzas de Paulo Dias de Novais foram transladadas de Maçangano em 1609, e aqui foram igualmente depositadas.⁷¹

Com a expulsão dos jesuítas de Portugal decretada pelo primeiro ministro de D. José, Sebastião José de Carvalho e Melo, o Marquês de Pombal, a parte principal do edifício do seu colégio passou a ser a residência do bispo até que se tornou inabitável pela sua progressiva deterioração. Só em 1901 são empreendidas obras de reabilitação voltando então a servir de residência episcopal. Na década de cinquenta que se segue, e ainda mais recentemente, são novamente empreendidas outras obras que convertem o edifício na residência condigna dos arcebispos de Luanda.

Ver Doc. 12

Ver Doc. 13 e
14

⁶⁹ GABRIEL, Manuel Nunes, *Os Jesuítas Na Primeira Evangelização de Angola*, pp. 69 a 72.

⁷⁰ GABRIEL, Manuel Nunes, *Padrões da Fé Igrejas Antigas de Angola*, p. 57.

⁷¹ Idem, pp. 58 e 59.

Quanto ao edifício da igreja em si, ficou completamente degradado menos de vinte anos após a saída dos padres jesuítas, caindo-lhe o tecto e apenas se conservando a fachada com a torre, a capela-mor e as duas colaterais, assim como a sacristia. Com uma cobertura de zinco serviu de oficina das Obras Públicas, até que com a acção de dois Governadores Gerais, José Agapito da Silva Carvalho e Horácio José Viana Rebelo, foi accionado e iniciado o processo que conduziu à sua efectiva reabilitação, sendo classificado Monumento Nacional por portaria nº 6715 de 25 de Maio de 1949, e da qual ficou encarregue em 1953 o arquitecto Humberto Reis com currículo na restauração de monumentos em Portugal.

Ver Doc. 15

Esta igreja veio a ser oficialmente reaberta ao culto em 22 de Dezembro de 1958 e foi entretanto, além de sede paroquial, sede da capelania militar entre 1961 e 1975, e também sé catedral da arquidiocese de Luanda em 1986.⁷²

Ver Doc. 16

4.2. O colégio de São Francisco Xavier da Ilha de Moçambique

O Colégio de São Francisco Xavier é tido por nascer das ruínas e chão do forte de São Gabriel, primeira fortificação edificada pelos Portugueses na Praça de São Sebastião de Moçambique, portanto na Ilha, a qual ficou destruída após as acometidas dos sucessivos cercos dos Holandeses perpetrados entre 1604 e 1608, os quais debalde dos seus propósitos acabam por decidir arrasar igualmente a zona habitacional.

É na fase de reconstrução que se seguirá a estes acontecimentos, que a Ilha de Moçambique localizada a cerca de 4 km do litoral, tendo recentemente transitado de uma situação de pro-urbano para núcleo urbano, consolida-se como importante centro habitacional na costa oriental africana. É também no século XVII que, perante o crescimento do seu número de habitantes, e continuando na dependência do governo

⁷², GABRIEL, Manuel Nunes, *Os Jesuítas Na Primeira Evangelização de Angola*, pp. 88 a 92, e *Padrões da Fé Igrejas Antigas de Angola*, p.63 e 64.

de Goa, que esta passa a ser administrada pelos seus moradores agrupados em torno da Misericórdia local.

Como bastião da hegemonia portuguesa no Índico, fica administrativamente dependente do Governo da Índia, assim como toda a actividade eclesiástica sufragânea da diocese de Goa. Estabelece-se pois uma relação parental que transparecerá, não só na sua vivência, como no próprio edificado que denotará a familiaridade com esta cidade indiana. Só já em 1752 o Marquês de Pombal dissociará a Ilha desta subordinação administrativa, permanecendo contudo até muito recentemente uma feição existencial fruto desta ligação embrionária, vindo a manter-se activa uma intensa e permanente permuta comercial e de pessoas entre ambas as costas do Índico, e dando-se ali testemunho ainda hoje da demanda dos *pangaios*⁷³ provenientes da Índia, a qual só passará a ser interdita apenas após 1961, momento em que Portugal é escorraçado dos territórios que ali controlava.

Ver Doc. 17

O enfraquecimento da hegemonia portuguesa no Oriente que se consubstancia no consecutivo declínio das praças na Índia e no Golfo Pérsico, provocado pela queda de Ormuz em 1622, assim como os reveses sofridos na costa oriental africana, como foram a expulsão das regiões auríferas da Mucaranga em 1692, a crescente dificuldade em manter os estabelecimentos na região do Zambeze assim como a perda de Mombaça em 1698, afectam a economia da Ilha mas resultam na promoção da sua importância como presença nesta região do Índico e de África.

Esta praça, como ponto de passagem obrigatório que foi para as frotas ao longo dos tempos assim como de convívio entre raças, mostra hoje uma miscigenação multifacetada que se constitui como testemunho da dinâmica desta sua vivência cosmopolita.

A radicação na Ilha da que vem a ser a Casa e Colégio da Companhia de Jesus consubstancia-se quando D. Estêvão de Ataíde, que ainda muito recentemente fora capitão de Sofala e Moçambique, tendo sido aliás quem repelira dois dos ataques destruidores dos Holandeses perpetrados na primeira década do século XVII, e estando agora nomeado de regresso a este território com o regimento de conquistar as Minas

⁷³ Embarcação asiática.

do Monomotapa, solicita ao Vice-rei da Índia, Rui Lourenço de Távora, autorização para levar consigo membros da Companhia.

São então enviados para Ilha de Moçambique alguns Jesuítas, indo o padre Francisco Soares instituído como superior, assim como o padre Diogo Rodrigues e o irmão Paulo Rodrigues, e tendo como missão instalarem-se para fundar e desenvolver a “casa que ali se há-de-fazer”, e dali governar e prover a missão de Monomotapa.

Para este efeito, e por provisão de 11 de Janeiro de 1610, o vice-rei doa à Companhia de Jesus o que então consiste apenas ser o chão e ruínas do forte de São Gabriel, ou seja “a Casa e sítio da fortaleza velha de Moçambique, assim como estava com seu pátio armazém, cisterna e quintal, como tiveram os feitores que nela viveram”.

A notícia desta doação só chegará porém a Lisboa em 1611, sendo o rei então aconselhado, por salvaguarda de qualquer possibilidade de poder ainda constituir ameaça para a nova fortaleza de S Sebastião, a não confirmar a doação “por se ter entendido que convém arrasar-se para mais seguridade da fortaleza nova, e em nenhum tempo se poderem aproveitar delas os inimigos que ali forem”. Em 1614, tanto o vice-rei por carta, como Rui de Melo Sampaio então de saída de Lisboa com reforços para Moçambique, recebem ambos ordens para mandar arrasar “de todo” a fortaleza velha.⁷⁴

Ver Doc. 18

Os Jesuítas recebem mal a notícia que Melo Sampaio lhes transmite e, perante a firme intenção deste em querer dar cumprimento às ordens lhe tinha recebido, chegam ao ponto de o hostilizar directamente.⁷⁵ A questão arrasta-se então entre as renovadas insistências de Goa e de Lisboa e a persistência dos Jesuítas nos seus propósitos, contando para tal não só com o apoio dos moradores da Ilha, como de influências poderosas na Índia onde as suas missões brilham.

O Vice-Rei, Conde da Vidigueira, que passa por Moçambique em 1622, trazendo instruções categóricas para impor a ordem régia, acaba igualmente por não fazer nada, não só por de facto não considerar real o pressuposto da ameaça que a casa agora já começando a existir pudesse constituir para a nova fortaleza, mas porque lhe convinha

⁷⁴ LOBATO, Alexandre, *Ilha de Moçambique Panorama Histórico, “Capela de S. Paulo”*.

⁷⁵ AXELSON, Eric, *Portuguese in South-East Africa 1600-1700*, p. 49.

poder naquele momento contar igualmente com o apoio da Companhia para, conforme instruções de igual modo recebidas em Lisboa, passar a administrar e começar a reerguer o hospital que fora igualmente arrasado pelas investidas holandesas.⁷⁶

O forte de São Gabriel terá tido uma torre de menagem à maneira da tradição das fortificações medievais, sendo o local ainda hoje denominado de “torre velha”. Os Jesuítas terão assim aproveitado o corpo da fortaleza para capela, assim como uma das torres para torre sineira, e terão incorporado a torre grande na edificação do colégio e do seu claustro⁷⁷. Refere-se igualmente ter já existido junto a este forte uma igreja com a invocação de São Paulo cuja cobertura poderá corresponder à da ousia da actual igreja⁷⁸.

Ver Doc. 19

Ver Doc. 20

Ver Doc. 21 e 22

Fica concluída em 1634 a edificação deste novo complexo colegial dos Jesuítas que integrará portanto estas ruínas do velho forte onde foi levantado, o que resulta num forte impacto urbano nesta zona da cidade já consolidada e também nalgum consecutivo arranjo urbanístico do largo que lhe é sobranceiro. Em 1641⁷⁹ este colégio é dado por fundado e é portanto tido por ser a cabeça de todas as Casas da África Oriental. Acabará por ser novamente reedificado em 1670 após nova agressão estrangeira, a qual também resultou em também nova devastação no resto da vila.

Ver Doc. 23

A igreja do antigo Colégio, virada para a Ponte da Alfândega e integrando-se portanto no edifício deste complexo que corre frente ao denominado Campo de São Gabriel, sendo um templo ainda grande para a sua função com 26 m de comprimento por 7,50 m de largura⁸⁰, possui nave única com coro, e apresenta não só a capela-mor na cabeceira, assim como uma capela lateral do lado da Epístola, a qual se desenvolve como braço único de um hipotético cruzeiro, e onde hoje se encontra a pia baptismal.

Ver Fotos 5, 6 e 16

Ver Fotos 7 a 9

⁷⁶ AXELSON, Eric, *Portuguese in South-East Africa 1600-1700*, pp. 64 e 65.

⁷⁷ LOBATO, Alexandre, *Ilha de Moçambique Panorama Histórico, “Capela de S. Paulo”*.

⁷⁸ FONSECA, Pedro Quirino da, “Algumas descobertas de interesse histórico-arqueológico na Ilha de Moçambique”, *Monumenta, Boletim da Comissão dos Monumentos Nacionais da Província de Moçambique n.º 8*, p. 63.

⁷⁹ SOUSA, José Augusto Alves de, sj, CORREIA, Francisco Augusto da Cruz, sj, *500 Anos de Evangelização em Moçambique (11 de Março de 1498 – 11 de Março de 1998)*, pp. 41 e 42.

⁸⁰ BARROSO, D. António, *Relatório, em 1894*, p. 37.

Na capela-mor encontram-se duas lápides tumulares. Do lado do Evangelho encontra-se a de Bartolomeu Lopes que terá reunido fortuna nos rios de Sena⁸¹ em Moçambique. Este é dado como sendo o fundador deste colégio e do de Diu, tendo falecido em Goa a 6 de Março de 1649, e jazendo aqui apenas parte dos seus ossos. Do lado da Epístola, mais singela e colocada em 1634 por cima da porta de acesso à sacristia, fica a do túmulo de D. Estêvão de Ataíde falecido neste colégio em 1613. Tinha sido acolhido na sua protecção após ter possivelmente caído em desgraça pelo seu malogro na conquista das minas de prata do Monomotapa, regimento de que tinha sido incumbido e empossado.⁸²

Ver Foto 10 e
Doc. 24

Ver Foto 11 e
Doc. 25

No chão deste templo terão também existido outras lápides tumulares, as quais terão sido arrancadas no último quartel do século XIX juntamente com a pedra já gasta que o recobria, sendo esta substituída por um revestimento a mosaico cerâmico, e supondo-se que as lápides tenham sido então recolhidas e possivelmente enviadas para o *Museu Arqueológico do Carmo*, em Lisboa⁸³. Em finais da década de sessenta do século passado, o pavimento desta igreja voltou a ser substituído na totalidade por tijoleira⁸⁴.

Também no prolongamento deste complexo colegial, e estando implantado na estrema a norte com um espaço ajardinado meando, encontra-se o edifício que é tido por ter sido a Casa da Companhia de Jesus na Ilha de Moçambique. Esta edificação foi na actualidade ocupada pelos Correios, encontrando-se ainda hoje nele a delegação da companhia das TDM - *Telecomunicações de Moçambique*.

Ver Doc. 26

Ver Fotos 12 e
13

No que se refere especificamente à constituição da jurisdição eclesiástica da Ilha de Moçambique, ficou autorizada a partir de 1563, pelo papa Pio IV, a nomeação de administradores pertencentes à diocese de Goa, e acabando em 1612 Paulo V por separar a província de Moçambique, desde o Cabo de Guardafui até ao Cabo da Boa Esperança, formando então uma vigiaria e permanecendo os seus titulares, apenas quanto às suas pessoas, sujeitos à jurisdição e correição do arcebispo de Goa. Por

⁸¹ “Rios de Sena” era a denominação dada à região do Zambeze com os seus afluentes na planície e os braços do seu estuário.

⁸² LOBATO, Alexandre, *A Ilha de Moçambique (Monografia)*, p. 28.

⁸³ Idem, pp. 25 e 26.

⁸⁴ FONSECA, Pedro Quirino da, e outros, *Monumenta, Boletim da Comissão dos Monumentos Nacionais da Província de Moçambique nº 6*, p. 88.

alvará de 1759 passa a ser-lhes atribuído o tratamento de *Dom* e o de *Senhoria Ilustríssima*, e só a partir de 1783 os seus prelados passam a ser sagrados bispos titulares.⁸⁵

Obedecendo igualmente a esta mesma subordinação perante a jurisdição eclesiástica de Goa, tanto a Casa como o Colégio dos Jesuítas da Ilha, irão permanecer de igual modo sujeitos à correição do Provincial da Companhia de Jesus sediado, do outro lado do Índico, nessa mesma arquidiocese.

Após a expulsão dos Jesuítas decretada pelo Marquês de Pombal, o Colégio, pela importância de que já se revestiria como edificação naquela praça, passa a ser a residência dos capitães gerais em 1763 e é assim objecto de sucessivas transformações. As primeiras são empreendidas logo no tempo de João Pereira da Silva Barbas, e continuam a ser introduzidas em períodos posteriores, como no de Baltasar Manuel Pereira do Lago (1765-1779), no de D. Diogo de Sousa Coutinho (1790-1796) sendo estas numerosas e estruturais, no de Augusto Castilho (1888-1890) e já no século XX (1931) acrescentando-lhe então a sacada e uma varanda lateral.⁸⁶ Por sua vez a capela sofre igualmente ao longo dos anos várias modificações, vindo a torre a adquirir a sua forma actual em 1864⁸⁷. O edifício adquire a denominação de Palácio de São Paulo, possivelmente por extensão daquela que será originária e primeiramente a invocação da ermida que ali se encontraria.

Ver Doc. 27 a 32

Na Ilha de Moçambique, é igualmente de notar que a opção por uma ornamentação de feição exótica continua a perpassar no mobiliário que vem a recheiar este palácio, a residência oficial dos capitães gerais em Moçambique, e que é de lavor indo-português, sendo a talha feita em pau-preto de Moçambique, constituindo ser aliás hoje o seu acervo principal.

O edifício do palácio, desenvolvendo-se em torno do claustro, alberga assim hoje no segundo piso o *Museu de Artes Decorativas*, enquanto no piso térreo se encontram não só o *Museu da Marinha* assim como a recepção e os serviços administrativos deste espaço, expondo-se na galeria à volta do claustro variadas embarcações de pequeno

Ver Foto 14

⁸⁵ ALMEIDA, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, Volume II, p. 40, e Volume III, p. 20.

⁸⁶ LOBATO, Alexandre, *A Ilha de Moçambique (Monografia)*, p. 33.

⁸⁷ AARHUS, Arkitektskolen i (Danmark), *Ilha de Moçambique – Relatório/Report*, p. 81.

porte assim como uma colecção de riquexós, meio de transporte característico na Ásia e que foi até muito recentemente usual na Ilha de Moçambique. O espaço da capela é por seu lado franqueado aos visitantes e utilizado igualmente como auditório em eventos culturais.

Ver Foto 15

Desde a implantação na Ilha do primitivo aglomerado fortificado e urbano do início do século XVI, o qual se consolida e se desenvolve progressivamente ao longo dos anos até alcançar no primeiro quartel do século XIX o crescimento que hoje apresenta, a Ilha de Moçambique, pela importância do edificado de pedra e cal característico que hoje reúne e cujo actual palácio de São Paulo e sua capela são também apanágio sendo mesmo referidos como “os dois marcos mais importantes da Cidade de Cimento”⁸⁸, está desde 1991 classificada pela UNESCO como “Património Mundial da Humanidade”.

Ver Fotos 16 e 17

⁸⁸ MUTAL, S. (Coordenador/Consultor), *“Relatório Global”, Ilha de Moçambique Património Mundial – Um programa de Desenvolvimento Humana Sustentável e Conservação Integral*, Vol. I, p. 6.

5. Retábulos jesuítas em Angola e Moçambique

Os Retábulos consubstanciam-se portanto como um equipamento arquitectónico e litúrgico de rica ornamentação dos espaços do templo, sendo os que mais se prestam à actividade cultual seja ela em exercício individual, ou na eucarística reunida em assembleia, apenas restrita à Companhia, ou também aberta a todos os fiéis, e neste último caso até em torno de congregações ou confrarias agrupadas no seu seio, ou mesmo através de instituidores particulares. Os jesuítas irão ser, dentro da igreja de Roma e no amplo acompanhamento que dão à expansão da sua evangelização pelos vários continentes, mentores na adaptação deste equipamento litúrgico ao longo de vários períodos sucessivos. Deixaram pois um legado importante neste campo, podendo este ser contemplado em exemplares que se preservam ainda hoje nas igrejas que estiveram sob a sua administração.

Os retábulos presentemente existentes nas igrejas dos colégios de Luanda e da Ilha de Moçambique constituem-se exemplos desse mesmo expoente de equipamento arquitectónico específico, e o seu estudo será aqui empreendido por uma análise diversificada, em que, para cada exemplar considerado, serão abordadas singularmente várias incidências contextuais que ajudarão à sua compreensão. Estas integram uma metodologia regular de estudo para o universo dos retábulos em geral, e debruçar-se-ão sequencialmente sobre diferentes aspectos como, a encomenda, os seus usos e funções, a interacção das artes, as técnicas e os materiais utilizados, a respectiva periodização, as tipologias formais e os centros produtivos a que se agregam, bem como as oficinas e os artistas intervenientes na sua feitura.

5.1. Filiação artística

Justifica-se compreender rapidamente a importância de que se reveste a filiação artística na produção retabulística, e para o incremento da qual contribui em muito a

acção da Companhia de Jesus na reaproximação aos principais centros europeus, sobressaindo também aqui a acção mecénica do rei D. João V no seu reinado, que proporcionou a encomenda de diversas obras a artistas estrangeiros, como é exemplo o retábulo de São João Baptista na igreja da antiga Casa Professa de São Roque em Lisboa⁸⁹. Ver Doc. 33

Portugal acompanha pois de perto as inovações litúrgicas e também artísticas que ocorrem na Europa, nomeadamente em Roma que é o centro irradiante da cristandade, particularmente activo no contexto da Contra-Reforma, e afirma-se juntamente com a vizinha Espanha, como uma periferia importante pelo papel que os dois países assumiram na difusão do cristianismo por outras áreas geográficas.

A Companhia de Jesus, como se referiu, assume um papel relevante na expansão e fixação desta evangelização, e pelo seu empreendimento virá rapidamente a edificar portanto numerosos estabelecimentos que incorporarão templos próprios, e onde em muitos casos transportarão uma arquitectura de raiz comum, em que irão introduzir programas de animação complexos e elaborados.

Na vasta extensão geográfica para onde irradiará a acção dos jesuítas, todos estes influxos, se bem que preservando o respeito a padrões comuns, ganham por vezes contornos específicos e a granjear aceitações diferentes que se moldarão pelas preferências locais. A produção litúrgica na Índia em talha indo-portuguesa irá por esta razão tornar-se conspícua, vindo a estender compreensivelmente a sua influência às regiões sufragâneas do Índico.

Também em Portugal metropolitano se verifica, que a difusão das novidades artísticas ocorre a ritmos diferentes, reflectindo a adaptação relacionada com o perfil ideológico de cada clientela, assim como com a cultura artística dos profissionais envolvidos na produção de retábulos e de equipamentos litúrgicos.

Em alguns casos ocorre igualmente um contacto directo das regiões periféricas do território com as inovações artísticas europeias, gerando por um lado interpretações diferentes das normas de Lisboa, bem como por outro lado integrações que se revelam

⁸⁹ LAMEIRA, Francisco, "O Retábulo da Companhia de Jesus em Portugal, 1619-1759", *Promontoria Monográfica História da Arte 02*, p. 58.

ser de ocorrência anterior às da capital, como é referido poder vir a constituir exemplo a introdução simultânea de colunas salomónicas e de colunas berninianas de modelo italianizante mais erudito, e que, se bem que tendo acontecido num templo dos Teatinos, se encontram nos retábulos do corpo da Igreja de São Caetano na Velha Goa, e cuja ocorrência será pois anterior à sua introdução na metrópole, a qual terá acontecido apenas por volta de 1720⁹⁰.

Tal apenas reforçará igualmente a existência de preferências demarcadas, não só pelo perfil do cliente, como pela cultura artística e formação muito diferenciada dos profissionais que aqui firmaram a sua produção, assim como também pela ocorrência de predomínios nos mecanismos das relações artísticas entre os principais centros artísticos e Lisboa, onde a Companhia de Jesus teve papel notório, bem como entre esta e a província.

Parecerá pois não subsistirem hoje autonomias relevantes neste universo produtivo da retabulística portuguesa, onde perpassa de facto uma unidade assente em normas comuns, mas em que se verifique naturalmente existir uma preferência por determinadas especificidades regionais compositivas e iconográficas próprias. Estas ocorrem aliás um pouco por todo o lado, e talvez com maior sainete na produção indo-portuguesa.

5.2. A encomenda

Durante o período de mais de duzentos anos em que se prolongou a primeira permanência em Portugal da Companhia de Jesus, esta veio a fundar numerosas Casas Professas, Colégios, Noviciados e quintas de recreio e de produção. Construiu ao todo algumas dezenas de edifícios de vulto espalhados por todo o território, e vindo a dotar todos eles de um templo destinado aos exercícios espirituais, e que, ou se preservaram

⁹⁰ MECO, José, *“A Talha Indo-Portuguesa”*, in *“As Artes Decorativas e a Expansão Portuguesa”*, *Actas do 2º Colóquio de Artes Decorativas*, p. 7.

restritos aos jesuítas, ou, como em alguns casos aconteceu, foram abertos à sociedade como já aqui foi referido.

Estes templos, obedecendo a programas de animação ordenados do seu interior, foram pois dotados dos necessários equipamentos litúrgicos e arquitectónicos⁹¹, sendo os retábulos o seu vértice enquanto espaços e alvos privilegiados de convergência dos fiéis no exercício cultural. Ver Doc. 34

Os retábulos apresentam-se pois complementados por uma diversidade de modalidades artísticas, tais como as imagens de vulto ou de roca, as pinturas figurativas, a ornamentação em talha dourada, os painéis de azulejos, os revestimentos de pedraria, a pintura ornamental, etc.

Nos exemplares integrando as igrejas dos Colégios de Luanda e da Ilha de Moçambique, apenas se referirá a ocorrência da talha dourada e polícroma, da pedraria e da pintura ornamental.

Pela sua extensa diáspora no território não apenas metropolitano, assim como nos restantes territórios ultramarinos, a Companhia de Jesus constituir-se-á como sendo portanto a instituição da igreja melhor adaptada à realidade sócio religiosa portuguesa desse período.

Essa ampla propagação pelo território português é de tal modo efectiva, que podem vir a coexistir num mesmo centro urbano importante mais do que um estabelecimento, como se verificou acontecer em Lisboa capital do reino, onde existiram então sete instituições jesuítas⁹². Em Luanda terão de igual modo existido pelo menos duas edificações, sendo uma delas a primeira residência no morro de São Paulo também conhecido por de São Miguel, onde se situaria assim uma primeira igreja ali construída pelos Jesuítas⁹³, e a outra o colégio no Campo da Feira com a sua

⁹¹ Segundo Vitruvius, a arquitectura consta de: ordenação, disposição, euritmia, comensurabilidade, decoro e distribuição. VITRÚVIO, *Tratado de Arquitectura*, tradução do latim, introdução e notas por M. Justino Maciel, p. 37.

⁹² LAMEIRA, Francisco, "O Retábulo da Companhia de Jesus em Portugal, 1619-1759", *Promontoria Monográfica História da Arte 02*, p. 10.

⁹³ BATALHA, Fernando, "Arquitectura Antiga de Luanda", *V Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiro*, p. 457.

imponente igreja. Por sua vez na Ilha e Moçambique existiram igualmente, não só o complexo colegial com a sua igreja, mas também uma residência da Companhia.

Aos diversos Colégios da Companhia de Jesus em Portugal foram, em diversos momentos, agregados sustentos que se consubstanciavam por via da entrega de mosteiros até então pertencentes a outras Ordens Religiosas, ou por via de comendas de pequenas freguesias, ou por avultadas doações régias ou donativos particulares⁹⁴, como se verificou acontecer com instituidores tanto no de Luanda como no da Ilha de Moçambique, sendo a este efeito referido que a primeira igreja que os jesuítas edificaram em Luanda era “huã comoda Igreja e muito bem provida de imagens e ornamentos, ~q desmollas lhe levão do Reino”⁹⁵.

Todos estes suprimentos financeiros constituíram elementos fundamentais não só na edificação propriamente dita de todos estes estabelecimentos, como também na primorosa arquitectura dos seus locais de culto, como se verificou com a minuciosa encomenda de aparatosos retábulos de madeira entalhada e dourada ou até de pedraria policroma, com ou sem embutidos de várias cores. Na capela-mor da igreja de Jesus em Luanda estamos perante um destes exemplares em pedraria policroma com embutidos, enquanto na igreja de São Paulo na Ilha, não só perante um retábulo da capela-mor em madeira entalhada e dourada, como também de um púlpito notável de igual feitura.

Aliás, a opção de tratar este púlpito neste trabalho que se propõe focar os retábulos, justifica-se por este equipamento não somente constituir-se de igual modo, no programa da arquitectura interior do templo, num ponto nuclear de convergência do culto durante a homilia, momento alto da litúrgia com a explanação da Palavra de Deus a anteceder a eucaristia, como pelo facto deste exemplar se encontrar portanto numa destas duas igrejas da Companhia de Jesus, e constituir ser também uma peça relevante de talha em lavor indo-português.

⁹⁴ LAMEIRA, Francisco, “O Retábulo da Companhia de Jesus em Portugal, 1619-1759”, *Promontoria Monográfica História da Arte 02*, p. 10.

⁹⁵ DIAS, Pedro, *História da Arte Portuguesa no Mundo (1415-1822), O Espaço Atlântico*, p. 131, citando uma carta ânua.

Torna-se no entanto interessante destacar também aqui, o que se transfigurará como um aspecto revelador de uma mentalidade vanguardista por parte dos padres jesuítas, o facto de todas as dependências da Companhia procederem ao envio sistemático de uma informação periódica para os seus superiores que centralmente a recolhiam e guardavam, e onde se reportavam as intervenções efectuadas em cada edifício, incluindo os vários retábulos, independentemente de quem os tenha custeado. Surgem desta forma os *relatórios das obras* por triénios que, quando tendo sobrevivido ao tempo e aos seus factores destrutivos, se tornam hoje instrumentos preciosos de informação na elaboração de estudos. A este respeito, não foi possível localizar a existência de qualquer destes relatórios que se referisse, de alguma forma, aos retábulos e púlpito objecto de estudo neste trabalho.

A encomenda dos retábulos destinados às capelas-mores e às colaterais resultava ser da exclusiva responsabilidade dos padres da Companhia, que podiam no entanto recorrer ao contributo de avultadas esmolos para conseguirem financiar desta forma a sua feitura.

Os restantes retábulos destas igrejas, e que equipavam portanto as restantes capelas distribuídas quer no cruzeiro, quer no corpo das igrejas, podendo ser igualmente da responsabilidade dos próprios jesuítas, eram no entanto na maior parte dos casos custeados e administrados pelas Congregações ou Confrarias que aí se sediavam. Também podiam ocorrer outras situações, em que estes podiam ser suportados por instituidores particulares, que adquiririam desta forma o usufruto de capelas para jazigo sepulcral de seu corpo e de familiares mais próximos. Nos casos remanescentes, subsistissem os recursos financeiros suficientes, e não havendo quem demonstrasse interesse por determinada capela, era portanto a própria Companhia a tomar então para si o custo da encomenda do respectivo retábulo.

O retábulo da capela-mor da igreja do colégio de Luanda, sendo assim da responsabilidade da Companhia, teve a sua feitura acertada por contrato celebrado em Lisboa a 6 de Janeiro de 1711, no Colégio de Santo Antão-o-Novo, entre o padre jesuíta Francisco da Fonseca (procurador-geral das províncias da Índia) agindo em

procuração do Colégio de Luanda e o mestre pedreiro José Pereira⁹⁶. A feitura dos retábulos de ambas as capelas colaterais, seguramente feitos após 1713 e provavelmente pouco depois, sendo regida por igual princípio, terá recaído assim também para a responsabilidade dos próprios padres jesuítas.

Nas capelas que existem nas paredes testeiras do cruzeiro, assim como nas capelas dispostas em número de três de cada lado da nave, figurariam seguramente retábulos que hoje se perderam, sendo dito ser esta igreja de Jesus em Luanda “fabrica muito magnífica”, podendo ter lugar “entre as sumptuosas da Europa, em grandeza, ornato de capelas, pinturas e retábulos doirados”⁹⁷.

Nesta igreja há assim registos de lá se terem encontrado sediadas pelo menos as seguintes Congregações ou Confrarias:

- *Corpo de Deus*, que agregava os cidadãos mais notáveis e que se encarregava das cerimónias da Semana Santa ou Endoenças;
- *Senhora do Socorro*, constando nos seus registos quase todos os brancos de Angola, vivos e defuntos, gozando assim de sufrágios e indulgências e por eles se mandando celebrar muitas missas;
- *S. Francisco Xavier*, onde foram sepultados dois governadores⁹⁸, contando com muitos associados e em cuja capela, com a imagem do santo que talvez seja a mesma que ainda hoje se expõe no corpo da igreja no nicho de uma das capelas laterais, e com uma relíquia em braço de prata, se cantava missa em quase todas as sextas-feiras;
- *Onze mil Virgens*, que era administrada pelos estudantes tendo capela particular com seu retábulo e “imagem de culto”, tinha juízes e mordomos e fazia anualmente a sua festa, não apenas religiosa, mas também com “alardos, máscaras, encamisadas, luminárias e fogos do ar” e “com muitas danças e estâncias, a igreja muito armada”;
- e *Senhora do Rosário*, que era a confraria dos negros “forros e escravos do seu domínio, com capela particular, em que faziam sua festividade, acompanhando as confrarias dos brancos com seus pendões, tendo sermão, missa cantada, com o Senhor

⁹⁶ COUTINHO, Maria João Pereira, Actas do 2º Colóquio de Artes Decorativas. *As artes decorativas e a expansão portuguesa. Imaginário e viagens*, “*Ars Marmoris*: os mármore policromos do retábulo-mor da igreja do Colégio da Companhia de Jesus de Luanda”, p. 289.

⁹⁷ GABRIEL, Manuel Nunes, *Os Jesuítas Na Primeira Evangelização de Angola*, pp. 69, citando o que escreveu António de Oliveira de Cadornega cerca de 1680.

⁹⁸ GABRIEL, Manuel Nunes, *Padrões da Fé Igrejas Antigas de Angola*, p. 59.

Exposto, com gasto de cera, danças dos mesmos pretos e suas estâncias, por onde dá volta a procissão”⁹⁹.

O que terá sobrado destes retábulos de todas as restantes capelas, com a rápida degradação do edifício ocorrida após a expulsão dos jesuítas pelo Marquês de Pombal, a qual o leva ao estado de verdadeira ruína exposto às intempéries e perda de grande parte das suas preciosidades artísticas, é desmantelado e os seus altares assim como os materiais nobres são removidos para outros locais¹⁰⁰.

No que se refere aos exemplares em talha dourada existentes na igreja do antigo Colégio da Ilha de Moçambique, o retábulo-mor terá sido produzido no segundo quartel do século XVIII, tendo como tal sido encomendado pela própria Companhia de Jesus, é em talha indo-portuguesa e a sua feitura terá ocorrido em Goa, ou até na própria Ilha mas por mestres daí deslocados.

Existe também neste mesmo templo um púlpito colocado no flanco da nave, do lado do Evangelho, que é de grande riqueza decorativa e que é igualmente executado no mesmo tipo de talha, sendo esta não apenas dourada mas também policroma. Este sendo igualmente oriundo de Goa, é porém de produção anterior à do retábulo da capela-mor por não dever datar de depois de 1641, data em que o colégio da Ilha é portanto tido como fundado¹⁰¹, e por tal seguramente a sua igreja também já se encontrando devidamente edificada e equipada para o culto com este elemento, o qual obriga à sua colocação em local com porta de acesso elevada e aberta na parede da nave, com reserva prévia na alvenaria. Este púlpito, à semelhança de outros exemplares semelhantes, deverá ter possuído um espaldar que hoje já não existe, e comporta caixa ou cálice, saco ou parte inferior da bacia e sobrecéu ou guarda-voz.

Para todas estas inúmeras realizações, o procedimento obedecia sempre ao mesmo, sendo imprescindível fazer submeter ao Reitor ou Prepósito de cada Colégio a *traça* ou

⁹⁹ GABRIEL, Manuel Nunes, *Os Jesuítas Na Primeira Evangelização de Angola*, pp. 69 e 70, citando António de Oliveira de Cadornega, *História Geral das Guerras Angolanas, 1680*, Tomo 3, pp. 14 e 15.

¹⁰⁰ BATALHA, Fernando, “*Arquitectura Antiga de Luanda*”, V *Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiro*, p. 458.

¹⁰¹ SOUSA, José Augusto Alves de, sj, CORREIA, Francisco Augusto da Cruz, sj, *500 Anos de Evangelização em Moçambique (11 de Março de 1498 – 11 de Março de 1998)*, pp. 41 e 42.

risco de cada retábulo que se pretendia mandar executar, e este por sua vez encarregava-se de o remeter ao Provincial para obtenção da aprovação.

Esta comunicação umbilical e obrigatória que mantinha ligadas todas as digitações da Companhia com o seu núcleo central provincial, possibilitava assim a ocorrência de uma estreita interacção iconográfica e artística que desta centralidade, com a carga de actualidade que tal pudesse conter, revertia para as periferias veiculando padrões e deste modo favorecendo a recorrência de elementos característicos.

A esta rede de mecanismos interagindo, os quais eram necessariamente tidos e observados com regularidade constante, contrapunham-se por vezes, não só a transposição das especificidades artísticas próprias a determinadas preferências, mas também em alguns casos a ocorrência de um hibridismo¹⁰² por via de aculturação. Ambos os aspectos podem aliás ser constatados pela exemplificação respectiva dos retábulos de uma e outra das duas capelas-mores aqui focadas.

No que respeita à composição das Congregações ou Confrarias instaladas nas igrejas da Companhia de Jesus, e como já foi referido para as que se sabem terem portanto existido na igreja de Jesus de Luanda, é necessário compreendê-la por uma pluralidade possível de situações. Estas podiam assim agregar desde grupos socioprofissionais específicos a associações de devotos provenientes de diferentes meios sociais e de diferentes grupos étnicos. Estas Congregações mantinham-se contudo na sua grande maioria, sob a orientação directa dos padres jesuítas.

Relativamente às capelas entregues a particulares, os seus instituidores apresentam-se sempre como tendo sido pessoas de elevado estatuto social e de recursos financeiros proeminentes, como o eram a Casa Real, a fidalguia e os notáveis.

No que respeita à ocupação das oito capelas intercomunicantes que se localizam no cruzeiro e em ambos os flancos da nave única da igreja do colégio de Luanda, entre as quais se sediariam as Congregações e Confrarias, será verossímil assumir que também algumas se inscreveriam neste tipo de capelas particulares e terão pois tido o seu instituidor. Após a morte de um instituidor e dos seus descendentes, o que

¹⁰² LAMEIRA, Francisco, "O Retábulo da Companhia de Jesus em Portugal, 1619-1759", *Promontoria Monográfica História da Arte* 02, p. 11.

interrompia a relação subjacente da alocação do espaço, era normal que a capela que lhes fora reservada passasse a poder voltar a ser de novo atribuída a novo instituidor, ou a uma irmandade, que de então em diante passava assim a ser o novo responsável pela sua administração.

Na igreja do antigo Colégio da Ilha de Moçambique, não se verifica a ocorrência de um grande número de capelas, apenas se verificando existirem, um braço de um hipotético cruzeiro, assim como dois nichos opostos no intradorso da capela-mor, estando selado o do lado da Epístola, que está ocupado pelos restos mortais do que é tido por ter sido o fundador do Colégio, Bartolomeu Lopes, enquanto o do lado do Evangelho, entrando profundamente na parede, apresenta-se aberto e vazio.

5.3. Usos e funções

É no contexto específico da Contra-Reforma que a Companhia de Jesus é portanto fundada, vindo a assumir muito rapidamente, como foi já visto, um papel de grande militância na consolidação do cristianismo. A liturgia é nesse momento assumida como sendo uma das principais áreas de intervenção junto dos crentes, área para a qual os padres jesuítas se revelaram de imediato estarem preparados pela formação que possuíam, o que logo os distingue no seio da Igreja de Roma, e por isso vêm a ser rapidamente utilizados como verdadeiro corpo expedicionário nesse momento de implementação das reformas que se sucederam ao Concílio de Trento.

É pois na sequência deste processo reformista da Igreja que se assiste a partir dos princípios do século XVII, e no momento em que a Companhia processa igualmente uma redefinição no seu edificado, a um reajustamento dos usos e das funções a serem observados no culto ecuménico, surgindo então os retábulos como instrumentos privilegiados, não só de actuação, como de destino cultural. Tal virá a verificar-se com ubiquidade nos templos dos jesuítas, independentemente dos diversos retábulos que

ali possam existir serem administrados pelos próprios, pelas Congregações ou Confrarias, ou pelos instituidores particulares.

Até esse momento a maioria dos retábulos assumiam apenas uma vocação narrativa, servindo como tal de instrumento didático ou catequético, e por isso compunham-se essencialmente por sequências de pinturas figurativas sobre os ciclos religiosos. Irá registrar-se contudo em Portugal a manutenção tardia desta tipologia de retábulos, se bem que com uma ocorrência apenas meramente casual e esporádica.

De entre as inovações que foram assim introduzidas neste período, destacam-se tanto o culto ao Santíssimo Sacramento como o culto a um só tema, quer de imagens de Cristo, ou da Virgem, ou de santos, nomeadamente os mártires e as virgens mais ilustres, e também o culto às relíquias. Surgem pois desta forma e neste período os retábulos eucarísticos, os retábulos devocionais a um só tema e os retábulos relicários.

Neste estudo apenas nos debruçaremos sobre a sua ocorrência nas igrejas dos colégios de Luanda e da Ilha de Moçambique, as quais registam hoje possuírem apenas retábulos pertencentes às duas primeiras das referidas tipologias.

Assim no conjunto dos exemplares aqui estudados, dois são retábulos eucarísticos, encontrando-se um deles em Luanda e o outro na Ilha, e os restantes dois são retábulos devocionais a um só tema, os quais estão ambos também na igreja de Luanda. Porém o último exemplar de arquitectura litúrgica aqui focado, sendo um púlpito, não se enquadra assim nestas mesmas especificidades de tipologia, mas obedece, como se verá, a uma gramática compositiva de raiz comum.

Sabe-se contudo que na igreja de Luanda, a capela de São Francisco Xavier possuiu uma relíquia de braço em prata¹⁰³, pelo que o seu retábulo hoje desaparecido, para além de se saber também expor a imagem deste santo, terá por isso integrado a tipologia de retábulos relicários.

¹⁰³ GABRIEL, Manuel Nunes, *Os Jesuítas Na Primeira Evangelização de Angola*, pp. 69 e 70.

5.3.1. Retábulos eucarísticos

Pelo papel importantíssimo que os retábulos eucarísticos dedicados ao Santíssimo Sacramento detêm, é-lhes reservado o espaço de honra no interior do templo, ocupando estes portanto a capela-mor. São porém poucos os casos em que existe uma outra capela dentro da igreja onde o Santíssimo é colocado com carácter temporário, ou mesmo em definitivo em casos particulares, passando então esta capela dentro do templo a ser a que é dedicada ao Santíssimo Sacramento.

Nos retábulos eucarísticos destaca-se a existência não só do sacrário, como da introdução de um camarim na sua composição, o qual contém um trono piramidal em degraus no seu interior.

O sacrário é portanto valorizado nestes retábulos, passando a ser de dimensões monumentais. É pois em Lisboa que se observa o primeiro exemplo em que tal se verifica, sendo este o retábulo da ousia da Casa Professa de São Roque (c. 1628-1630)¹⁰⁴, e neste o sacrário ocupa o tramo central do primeiro corpo, ou seja aquela que é a localização mais importante e central dentro do retábulo.

Ver Doc. 35

Quanto ao camarim, preenchido portanto com o trono piramidal em degraus, destacava-se como o segundo elemento mais importante do retábulo logo a seguir ao sacrário, pois servia para a exposição solene do Santíssimo. Com esta finalidade específica, alguns retábulos anteriores podem são então adaptados para receberem o camarim.

Nos novos retábulos feitos de raiz, e que passaram a ter um só corpo, tanto o camarim com seu trono, como o sacrário, ocupam ambos o tramo central, que é portanto o ponto nuclear do retábulo. O sacrário fica então colocado na parte inferior, normalmente assente na banquetta e de acesso livre aos celebrantes, enquanto o camarim com seu trono fica na parte superior sendo o seu acesso restrito e feito por via de uma porta dando para a sacristia. O primeiro exemplar num templo jesuíta com esta nova concepção de raiz, aparecerá igualmente em Portugal metropolitano, sendo

¹⁰⁴ LAMEIRA, Francisco, "O Retábulo da Companhia de Jesus em Portugal, 1619-1759", *Promontoria Monográfica História da Arte* 02, p. 54.

considerado ser este o retábulo hoje inexistente da capela-mor da igreja de Sanfins de Friestas¹⁰⁵. Ver Doc. 36

A existência do camarim no retábulo, preenchido com o trono em degraus, e ocupando uma posição central, tem pois a simples finalidade de gerar o suporte físico que possibilite a introdução das novas determinações para a exposição solene do Santíssimo Sacramento durante os Jubileus.

Esta exposição do Santíssimo ocorria com particular ênfase no Jubileu das *Quarenta Horas*, que se realizava nos três dias que antecediam a quarta-feira de Cinzas, assim como nos ofícios da Semana Santa e nos restantes Jubileus, destacando-se dos demais o da *Comunhão Geral* que se realizava nos quartos domingos de cada mês.

Os Jubileus eram sempre assistidos por numerosos crentes entre os quais se conta a presença da casa real, corte e fidalgos, e surgem pois como um importante instrumento do culto cristão. Têm naturalmente origem em Roma, e começam a ser introduzidos em Portugal pela Companhia de Jesus nas primeiras duas décadas do século XVII (o das *Quarenta Horas* é introduzido em 1609, e o da *Comunhão Geral* em 1617). No período que decorria entre estas efemérides religiosas, a tribuna no retábulo para esta exposição era ocultada, preenchendo-se durante esses lapsos de tempo medianos a boca com uma tela pintada, existindo até para tal e em alguns casos painéis distintos adequados a cada época litúrgica.

Procedendo a uma transposição contextual, verifica-se que o retábulo eucarístico da capela-mor da igreja do colégio de Luanda transcreve na íntegra esta adaptação da tipologia à nova liturgia, ostentando assim um só corpo e um camarim central com trono piramidal em degraus na parte superior, e inscrevendo na parte inferior um sacrário monumental. Também há registo da existência de um retábulo que o antecedeu e que aí existiria em 1681, não se sabe feito em que material, apenas se referindo ser todo dourado com camarim, o qual se fechava com uma tela

Ver p. 110 ou
Foto 18

¹⁰⁵ LAMEIRA, Francisco, “O Retábulo da Companhia de Jesus em Portugal, 1619-1759”, *Promontoria Monográfica História da Arte 02*, p. 220.

representando a Circuncisão da autoria de Simão Rodriguez, e sendo o retábulo para onde se convergiria a devoção da *Confraria do Senhor*¹⁰⁶.

Quanto ao retábulo eucarístico da capela-mor de São Paulo da Ilha de Moçambique, se bem que sendo uma realização posterior ao de Luanda, datando do segundo quartel do século XVIII, tem um embasamento em alvenaria e apresenta ainda dois corpos e três tramos, não possui camarim mas incorpora um sacrário monumental ao qual poderá faltar hoje um primeiro corpo. Este apresenta-se portanto colocado em posição central frente ao maior nicho do retábulo, que se inscreve no tramo central do primeiro corpo, e em cima da banquetta que está afastada do plano do retábulo, contendo o embasamento de graus embutidos nas ilhargas para permitir o acesso ao ponto meano de exposição.

Ver p. 118, ou
Fotos 19 a 21

Ver Fotos 22 e
23

5.3.2. Retábulos devocionais

Os retábulos devocionais concentram a atenção preferivelmente num tema exclusivo de devoção, que é o do orago. Nalguns casos de exemplares existentes nos templos jesuítas verifica-se existirem igualmente no mesmo retábulo, além claro da figura do orago, outras duas figuras de devoção menos importantes, e portanto secundárias, sendo então as suas representações colocadas nos nichos ou mísulas dos tramos laterais.

Menos frequente era ocorrer a exposição no mesmo retábulo de numerosas imagens de vulto perfeito, como é exemplificado pelo retábulo de Santo Inácio existente na igreja do antigo Colégio das Onze Mil Virgens¹⁰⁷, em Coimbra, onde figuram surpreendentemente nove representações para além da do orago.

Ver Doc. 37

Os retábulos devocionais estão ainda presentes, se bem que em número reduzido, na igreja do Colégio de Luanda, e onde hoje se contam de entre os que lá existiriam

¹⁰⁶ CADORNEGA, António de Oliveira de, *História Geral das Guerras Angolanas, 1681*, anotado e corrigido por José Matias Delgado, Tomos III, p.14.

¹⁰⁷ LAMEIRA, Francisco, "O Retábulo da Companhia de Jesus em Portugal, 1619-1759", *Promontoria Monográfica História da Arte 02*, p. 177.

apenas os dois exemplares das capelas colaterais à capela-mor. Esta igreja tem portanto também no seu interior, além do habitual espaço cidual que consistem as duas paredes fundeiras do cruzeiro, ainda seis outras capelas dispostas três de cada lado da nave, sendo todos estes espaços laterais intercomunicantes.

Ver pp. 114 e
116, ou Fotos 24
e 25

Hoje, e certamente acontecendo após os trabalhos de reconstrução do templo que foram concluídos em 1958 e pretendendo assim certamente simbolizar ou substituir a função dos retábulos inexistentes, apenas se inscreve em cada capela um altar com banqueta em mármore de traço semelhante ao altar-mor, a que se sobrepõem um nicho nervurado encastrado na parede e emoldurado em alto-relevo por pilastras laterais e arquivolta.

Nestas seis capelas expõem-se actualmente imagens de vulto perfeito, a saber, e do lado da Epístola a partir do cruzeiro, as de S. José, Sagrado Coração de Jesus e de São Francisco Xavier, enquanto do lado do Evangelho e em igual sentido, as da rainha Santa Isabel, Santo Inácio de Loyola e Santo António. As paredes do cruzeiro por sua vez, encontram-se hoje vazias e desprovidas de qualquer alegoria ou arquitectura litúrgica.

Ver Fotos 26 a
31

Quanto a uma ocorrência de retábulos devocionais na igreja do antigo colégio da Ilha de Moçambique, esta não se encontra documentada, sendo apenas possível conjecturar sobre a ocupação do espaço testeiro no interior do templo onde poderiam assim se inscrever colateralmente à capela-mor, e onde aliás já se encontraram recentemente até colocados dois exemplos alegóricos a retábulos, mas de feitura muito recente e completamente descontextualizados. Existe igualmente neste templo uma capela lateral, localizada do lado da Epístola na que pode ser considerada a metade de num hipotético transepto, e ao centro da qual se encontra hoje colocada uma pia baptismal de feitura recente, e onde poderá, caso não seja esta de edificação também posterior aos Jesuítas, ter existido um retábulo adossado à parede de fundo.

Ver Doc. 38

Ver Foto 32

Os retábulos devocionais são normalmente divididos pela dignidade específica da titularidade do seu orago, agrupando-se em três conjuntos distintos, e sendo assim denominados de retábulos Cristíferos, Marianos e Hagiográficos.

Cristíferos

Dos retábulos devocionais que também terão existido na igreja de Jesus de Luanda, um pelo menos terá sido provavelmente de evocação Cristífera, não se tendo nenhuma indicação sobre a sua localização dentro deste templo.

Marianos

Os retábulos para o culto de devoção à Virgem Maria são de facto muito frequentes, existindo normalmente num mesmo templo mais de que uma capela dedicada a Nossa Senhora. Os títulos respectivos a esta devoção específica são numerosos, sendo alguns destes os seguintes: da Imaculada Conceição; e de Nossa Senhora da Doutrina, da Graça, do Socorro, da Anunciada, dos Prazeres, da Encarnação, da Consolação, da Piedade, da Boa Morte, da Assunção, entre outros mais.

Apenas pela referência que consistirá a sua existência, é relatado que durante as incursões no interior do sertão, no tempo de Paulo Dias de Novais, num ataque perpetuado em 1586 pelos Xhosas¹⁰⁸ contra as tropas portuguesas, sendo então o mais provavelmente acompanhadas por um capelão jesuíta, foi tomado um retábulo de campanha que era da invocação de Nossa Senhora¹⁰⁹.

Na igreja dos jesuítas em Luanda, e como já foi antes referido, sabe-se terem existido entre as Confrarias ali sediadas, a da *Senhora do Socorro* e a da *Senhora do Rosário*, cujas capelas para onde convergiria o seu culto terão pois tido destes retábulos marianos

Os seus dois retábulos colaterais são hoje de devoção a Maria, sendo o do lado da Epístola de consagração recente a Nossa Senhora de Fátima, enquanto o do lado do Engelho, sendo hoje de devoção a Nossa Senhora da Conceição e invocação da actual paróquia, substituiu a de Nossa Senhora de Cristo Crucificado, cuja imagem foi trazida

¹⁰⁸ Grupo étnico de origem Banto, que se instalou tanto no centro, como no sudeste e sul de África.

¹⁰⁹ DIAS, Pedro, *História da Arte Portuguesa no Mundo (1415-1822)*, O Espaço Atlântico, p. 98.

quando da reabertura do templo em 1958 sendo proveniente da igreja de Nossa Senhora do Rosário em Gambane, conforme consta em placa alusiva que se encontra colocada no intradorso esquerdo da capela, imagem esta que entretanto terá ficado completamente inutilizada e se perdeu¹¹⁰.

Hagiográficos

Nas igrejas da Companhia de Jesus os seus santos ocupam um lugar e uma exposição proeminentes. São Francisco Xavier é destes o mais cultuado, seguindo-se Santo Inácio de Loyola, Santo Estanislau, São Luís de Gonzaga, e São Francisco de Borja, assim como os três mártires do Japão: Paulo, João e Diogo.

Também a necessidade de querer expor de forma proeminente as imagens de vulto perfeito dos quatro principais santos da Companhia¹¹¹, esteve na origem não só da edificação de algumas fachadas exteriores das suas igrejas comportando quatro nichos, assim como de uma série de retábulos principais com dois corpos e três tramos, em que os nichos dos tramos laterais se destinavam a este mesmo fim.

Este modelo de altar jesuíta possibilitando uma exposição hagiográfica múltipla, encontrará igualmente uma aceitação noutras ordens religiosas.

É só no terceiro quartel do século XVII que começam a aparecer os retábulos principais com um corpo e três tramos, ainda que incorporando dois nichos sobrepostos nos tramos laterais, e no século XVIII já só passam a ser expostos, no retábulo principal da igreja, dois santos, sendo estes predominantemente Santo Inácio e São Francisco Xavier. O primeiro destes exemplares ocorre em 1702 no território metropolitano no Colégio de Elvas¹¹², constituindo-se igualmente como sendo destes exemplo, o da capela-mor da igreja de Jesus em Luanda datado portanto de 1711-1713.

Ver Doc. 39

¹¹⁰ Informação prestada pelo atual pároco da igreja de Jesus em Luanda, cónego Antero Beji.

¹¹¹ Santo Inácio, São Francisco Xavier, Beato Luís de Gonzaga e o Beato padre Francisco de Borja.

¹¹² LAMEIRA, Francisco, "O Retábulo da Companhia de Jesus em Portugal, 1619-1759", *Promontoria Monográfica História da Arte* 02, p. 146.

Existem no entanto outros santos que também foram objecto de grande devoção por parte dos Jesuítas, e que são Santo António de Lisboa, São João Baptista, Santa Bárbara, Sant'Ana, Santa Úrsula e Santa Quitéria.

O retábulo da capela-mor na Ilha de Moçambique, onde transparece claramente uma feição e tipologia própria à produção indo-portuguesa a que pertence, é composto de dois corpos e três tramos, apresentando sete nichos. O de maiores dimensões apresenta-se inscrito no tramo central do segundo corpo, enquanto os quatro medianos se apresentam colocados nos tramos laterais de cada corpo, e os dois mais pequenos nas ilhargas do ático. No nicho principal deverá ter figurado, ou São Francisco Xavier como sendo a invocação do colégio, ou São Paulo como invocação da sua capela, enquanto os restantes terão sido ocupados por imagens de restantes santos importantes da Companhia, entre as quais se encontraria seguramente a de Santo Inácio.

Quanto ao púlpito da capela do Colégio da Ilha de Moçambique, não sendo devocional mas sendo no entanto um elemento de arquitectura litúrgica, inscreve igualmente em si uma forte componente hagiográfica, pois expõe em cada um dos sete tramos das faces visíveis da sua caixa a representação de um santo. Estas imagens representarão assim, e rodando a partir do lado do Evangelho, São João Francisco Xavier(?), São Pedro, Santo António de Lisboa, *MENINO DEUS*, Santo Inácio de Loyola, São Paulo, e São Vicente (?)¹¹³. Confirma-se portanto aqui também, a presença da representação da iconografia da devoção habitual da Companhia de Jesus.

Ver p. 122 ou
Foto 33

Ver Fotos 34 a
40

5.3.3. Retábulos relicários

Os retábulos relicários constituem-se assim ser o terceiro tipo de retábulos dos que passam a ser portanto introduzidos como elementos de culto na liturgia da Igreja nos inícios do século XVII.

¹¹³ Identificação feita com a contribuição da irmã Eliete Duarte, das Irmãs Paulinas, do Rui Oliveira seu colaborador, e da Dra. Andreia Romão Machado, conservadora.

O culto às relíquias foi fortemente implementado pela Companhia de Jesus, sendo estas mesmas depositadas e guardadas em relicários normalmente de madeira. Estes podiam assumir várias formas, desde bustos masculinos a femininos, antebraços, pés, píxides e até formas micro-arquiteturais.

Os relicários eram na sua grande maioria expostos nos próprios retábulos ou em santuários existentes nas paredes laterais do intradorso das capelas, e eram colocados em lóculos ou nichos que apenas se predestinavam a esta finalidade.

Estes santuários que assim eram constituídos, estavam frequentemente resguardados por portas de madeira entalhada ou por telas, sendo a sua abertura, ou facultada aos fiéis, ou então mantida apenas nos dias festivos.

A presença dos retábulos relicários é constatada ocorrer em todos os templos dos jesuítas, sendo sempre de registar a existência de pelo menos um exemplar destes em cada uma das suas igrejas. Também não lhes caberia um local específico e reservado onde tivessem de estar integrados no interior do templo, podendo verificar-se a sua presença tanto nos retábulos-mores, como nos colaterais, ou nos dos transeptos, ou ainda nos das capelas laterais do corpo da igreja.

Por fim, os santuários onde os relicários eram expostos, podiam também ser meramente colocados numa capela sem terem por isso de estar integrados em qualquer estrutura de talha dourada.

Como já foi antes referido, consubstancia-se pois ter existido pelo menos um retábulo relicário na igreja do Colégio de Luanda, e que seria o que se encontraria na capela de São Francisco Xavier onde se reporta a exposição de uma relíquia em braço de prata¹¹⁴.

Em relação a esta tipologia de retábulos relicários, não se possui qualquer informação que conduza à confirmação de também terem existido na igreja do antigo Colégio jesuíta na Ilha de Moçambique, a não ser apenas a que advenha, não só da plausibilidade da sua existência também ali pela ocorrência desta ubiquidade, assim

¹¹⁴ GABRIEL, Manuel Nunes, *Os Jesuítas Na Primeira Evangelização de Angola*, pp. 69 e 70.

como pela possibilidade que este templo mostra de ter espaços próprios e disponíveis no seu interior para poder ter comportado ainda mais outros retábulos.

5.4. A interação das artes

Nas igrejas administradas pela Companhia de Jesus, os retábulos não se constituíam como sendo meros meios de intervenção na ornamentação de uma capela, mas pretendia-se que constituíssem porém equipamentos litúrgicos e arquitectónicos fundamentais na sua concepção, pois enquadravam as mesas dos altares, os pontos nucleares no interior do templo, ou seja os locais que se assumiam como privilegiados na convergência do culto.

A talha dourada preenchia as paredes laterais, a cobertura e os arcos das capelas, prolongando-se nalguns casos pelos frontispícios, e constituindo-se assim num conjunto ornamental coerente com outras manifestações artísticas como a azulejaria, a pintura figurativa, a pintura de ornatos, o estuque, a imaginária, quer fosse esta de vulto perfeito ou de roca, e nomeadamente até com a pedraria policroma contendo por vezes embutidos a cores, etc.

Resultava desta interação das artes elaborados sistemas decorativos, que se estruturavam com grande coerência iconográfica e formal, variando a utilização das diferentes manifestações artísticas consoante cada situação, e ocorrendo também o predomínio e acentuação de alguma delas, sendo a pintura figurativa mais frequente no século XVII e a talha dourada no XVIII.

É pelo modo como os responsáveis da Companhia de Jesus assumiram nas suas edificações o gosto que desenvolveram pela *Gesamtkunstwerk* ou *obra de arte total*, que transparecerá a forma como souberam, juntamente com os artistas a que recorreram, interpretar os princípios estéticos que vigoraram no mundo católico da Contra-Reforma, recorrendo para isso à animação dos espaços interiores e à conceptualização de programas iconográficos precisos.

Na maioria das igrejas jesuítas as capelas-mores e as laterais são edificadas profundas, sendo igualmente necessário compreender que muitas foram totalmente ornamentadas, recorrendo-se à justaposição coordenada e integral de várias modalidades artísticas, e contribuindo deste modo largamente com esta opção conceptual para a difusão das que se classificam constituir *obras de arte total*.

Se normalmente a construção do retábulo se assumia como a primeira preocupação de concretização desta arquitectura, cuidava-se no entanto de se promover nos anos seguintes que se assegurasse com iguais cuidados, a legibilidade dos programas artísticos na decoração do resto do espaço destas capelas, vindo inclusive a incluir-se frequentemente ao longo da sua execução, a renovação de elementos iniciais do retábulo.

Este fenómeno da interacção, ou até da complementaridade das artes em obediência a um programa preciso, revela-se ser tão interessante que em situações diversas tal transvaza para a concepção em si dos próprios retábulos, a qual podia vir também a agregar não apenas diferentes materiais, como conseqüentemente a aplicação de diferentes técnicas.

Além da imaginária retabular em madeira e da pintura figurativa, esta última mais utilizada nalguns planos dos intercolúnios e no ático durante o século XVI, surgiram no século XVII duas novas modalidades na realização dos retábulos que, como nos irão interessar, só atingem a maturidade na primeira metade do século seguinte.

A primeira destas duas novas modalidades consiste na elaboração de retábulos em pedraria, nomeadamente os colocados nas capelas-mores, que possuíam assim camarim, e cujo trono piramidal em degraus podia ainda ser em madeira entalhada e dourada, constituindo-se como exemplo mais relevante entre os templos jesuítas o da igreja do antigo Colégio de Nossa Senhora da Conceição de Santarém¹¹⁵.

Ver Doc. 40

A segunda modalidade que então também é introduzida, integrava embasamentos ou pedestais em pedraria policroma, decorados nalguns casos com embutidos de várias cores, e sobre os quais assentavam os retábulos de madeira entalhada e dourada. Esta

¹¹⁵ LAMEIRA, Francisco, "O Retábulo da Companhia de Jesus em Portugal, 1619-1759", *Promontoria Monográfica História da Arte 02*, p. 86.

última teve enorme aceitação nomeadamente em Lisboa e foi fortemente implementada pela Companhia de Jesus, ao ponto de não haver nenhum retábulo de madeira entalhada e dourada na igreja de São Roque¹¹⁶ que não assente num embasamento de pedraria, o qual pode apresentar uma realização com ou sem embutidos a cores.

Nas capelas das igrejas dos Colégios de Luanda e da Ilha de Moçambique, apesar de possuírem capelas profundas, não ocorre hoje nem a ornamentação total dos espaços, nem a existência de qualquer destas duas modalidades referidas. No entanto o retábulo-mor da igreja do Colégio de Luanda, com o seu camarim e trono piramidal em degraus, permite porém exemplificar a ocorrência do desenvolvimento indicado, ao ser assim integralmente constituído em pedraria policroma com embutidos de cor, opção que alcançará assim a maturidade na primeira metade do século XVIII, ou seja o momento em que se processou a realização deste exemplar notável numa oficina de Lisboa. Também o retábulo da capela-mor da igreja do antigo Colégio da Ilha de Moçambique, apresenta por seu lado um embasamento, que não sendo em pedraria, é contudo feito em alvenaria, e sobre ele se desenvolve o corpo em talha dourada do retábulo.

O templo angolano denota hoje uma sobriedade singela na arquitectura de ornamentação de todas as suas capelas, que resultando da reconstrução ocorrida no início da primeira metade do século passado, e empreendida quando o interior do templo se encontraria já desnudado, se compreende que por isso tenha sido então impossível repor com as ornamentações primitivas.

Para estas capelas, assim como para o primitivo retábulo da capela-mor e respectiva ornamentação, o qual foi substituído pelo actual exemplar cerca de 1713 e a que se refere apenas uma descrição que indica ter possuído camarim e ser integralmente dourado¹¹⁷, terá no entanto ocorrido uma conceptualização de programas iconográficos que determinaram a sua ornamentação rigorosa à semelhança do

¹¹⁶ , LAMEIRA, Francisco, "O Retábulo da Companhia de Jesus em Portugal, 1619-1759", *Promontoria Monográfica História da Arte 02*, pp. 54 a 74.

¹¹⁷ CADORNEGA, António de Oliveira de, *História Geral das Guerras Angolanas, 1680*, Tomo III, p. 14.

universo dos demais templos, recorrendo por isso igualmente a uma interacção das artes com o objectivo de conseguir constituir aqui também uma *obra total de arte*.

A notoriedade não só da concepção do complexo colegial descrito cerca de 1680 por ser “fábrica muito magnífica”, assim como a efectiva ocorrência de ornamentações com interacção de artes que também aqui tiveram lugar, fica bem patente nos relatos escritos já mencionados em capítulo anterior, que a reportavam ser de “estilo jesuítico”, e poder ter lugar “entre as sumptuosas da Europa, em grandeza, ornato de capelas, pintura e retábulos doirados”, assim como se referia, particularmente quanto à capela das Onze Mil Virgens que ali existia, o seu retábulo e “imagem de culto”¹¹⁸. Também resultando de um estudo sobre a arquitectura antiga de Luanda publicado em meados do século passado, se refere ser este mesmo templo “ricamente ornamentado, destacando-se os seus altares de mármore, os seus retábulos e pinturas de mestre, a sua prataria, que justificavam o apreço em que foi tido de ser o melhor e mais sumptuoso de Luanda”¹¹⁹.

Outras igrejas de Luanda já então também existentes, como a de Nossa Senhora da Nazaré e a do Carmo, possuem retábulos em estuque, que apesar de se apresentarem hoje com uma conservação deficiente, reflectem no entanto e de facto não só uma pobreza decorativa assim como uma qualidade de concepção inferior à que foi usada na feitura dos retábulos que se preservam na igreja de Jesus.

Quanto à animação do espaço da igreja do Colégio da Ilha de Moçambique, pela sua conceptualização iconográfica e formal, denota claramente a existência de uma gramática diferente, que, mantendo uma concepção embrionária e padrão, reflecte porém a presença marcada de uma feição que tem origem num gosto e prática então corrente nas feitura de Goa, o centro do arquiépiscopado da igreja no espaço do Índico, e onde provavelmente, tanto o retábulo da capela-mor, como o púlpito, terão sido encomendados a oficinas que usualmente trabalhariam para os Jesuítas¹²⁰.

¹¹⁸ GABRIEL, Manuel Nunes, *Os Jesuítas Na Primeira Evangelização de Angola*, p. 70.

¹¹⁹ BATALHA, Fernando, “*Arquitectura Antiga de Luanda*”, *V Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros – Coimbra 1963*, Actas, Volume IV, pp. 457 e 458.

¹²⁰ Aguarda-se que o trabalho desenvolvido por Mónica Reis, para a sua tese de Doutoramento nesta mesma Universidade do Algarve, possa vir a contribuir com informações a este respeito.

Tanto o retábulo desta capela-mor como o púlpito colocado na parede da nave do lado do Evangelho, são tidos por ser dois notáveis exemplos das artes integradas indo-portuguesas, a qual é também considerada ser “uma das mais fantásticas miscigenações artísticas mundiais” assim como “uma das manifestações artísticas que têm sido mais desprezadas ou ignoradas”¹²¹.

Numa tendência diferente da talha portuguesa metropolitana, ou da que se encontra nas Ilhas Atlânticas e no Brasil, onde se generalizou, vindo a materializar-se nas que são designadas por “igrejas forradas a ouro”, ou até na sua frequente combinação com a azulejaria, os retábulos em talha na Índia preservaram uma composição clássica repartida por vários panos e diferentes níveis, ocorrendo uma inserção individualizada na arquitectura que contrastava com os estuques e as pinturas murais, e os fazia ressaltar, assim como aos púlpitos, dentro do espaço cultural e no interior do templo. Estes dois equipamentos da arquitectura litúrgica constituem-se ser por isso os de maior destaque na produção em talha indo-portuguesa¹²².

Ver Foto 41

Existem porém escassos exemplos de capelas em igrejas na Índia com revestimento integral, verificando-se no entanto que tal acontece em apenas alguns casos, como se observa na capela do Santíssimo Sacramento na Sé de Goa, bem como em mais alguns outros templos. Também se sabe que estes exemplos já foram mais numerosos, sendo tal perspectivado pela existência de um número significativo de painéis soltos que a estas pertenceriam, os quais se encontram hoje espalhados por outras igrejas indianas e por colecções particulares, e mesmo até figurando em espaços museológicos.

Pela peculiaridade de que se revestem dentro da própria talha indo-portuguesa¹²³, no Museu de Arte Sacra da Ilha de Moçambique, instalado nos pisos superiores da igreja da Misericórdia, encontram-se hoje algumas colunas octogonais em talha na cor natural da madeira, que são dadas por terem pertencido ao retábulo da igreja, hoje em ruínas, do antigo Convento de São Domingos ali também existente.

Ver Foto 42

¹²¹ MECO, José, “A Talha Indo-Portuguesa”, in “As Artes Decorativas e a Expansão Portuguesa”, *Actas do 2º Colóquio de Artes Decorativas*, p. 1.

¹²² MECO, José, “A Talha Indo-Portuguesa”, in “As Artes Decorativas e a Expansão Portuguesa”, *Actas do 2º Colóquio de Artes Decorativas*, p.2.

¹²³ MECO, José, “A Talha Indo-Portuguesa”, in “As Artes Decorativas e a Expansão Portuguesa”, *Actas do 2º Colóquio de Artes Decorativas*, pp. 1 e 6.

Os retábulos mais importantes deste universo característico são os das capelas-mores, não apenas por uma concepção de maior complexidade na sua composição, como também pela maior extroversão na escultura que ostentam.

São igualmente muito característicos, e algo frequentes, o par de retábulos colaterais que ladeiam o arco da capela-mor, sendo quase sempre muito estreitos e com dois corpos de altura igual, como acontece nas igrejas do Bom Jesus na Velha Goa e em Damão, e que apresentam áticos projectados sobre o espaço da nave¹²⁴.

Na Índia, são no entanto pouco frequentes os retábulos com camarim, e ainda menos os exemplares que inscrevem trono no seu interior.

Nos casos mais invulgares verifica-se existir no retábulo, e ao centro da tribuna, um sacrário monumental inscrevendo uma micro-arquitectura na sua composição, como se verifica acontecer no da capela-mor da igreja de São Francisco e no da capela do Santíssimo da basílica do Bom Jesus, ambas localizadas na Velha Goa. Outros sacrários mais apresentam-se colocados apenas em posição centrada sobre o embasamento.

Também os numerosos púlpitos existentes neste universo bem característico de trabalhos litúrgicos em madeira entalhada, são tidos por apresentar a expressão mais original e indianizada de toda a talha indo-portuguesa. Estão colocados em posição soberana no centro das naves dos templos, adossados à parede, e impressionam não apenas pelas suas dimensões, como pela sua riqueza compositiva e decorativa, compondo-se a grande maioria de caixa, espaldar e sobrecéu.

De modo a completar esta breve incursão pela talha indo-portuguesa e suas aplicações, é de referir que esta se encontra de igual modo presente em diversas utilizações, tais como em cadeirais, espaldares de arcazes, mobiliário litúrgico como estantes e tocheiros, molduras de quadros, bem como enquadramentos de janelas e portas¹²⁵.

Na igreja da Companhia da Ilha de Moçambique, integrando deste modo o conjunto de realizações em talha oriundas da Índia, encontram-se hoje tanto o retábulo-mor como

¹²⁴ REIS, Mónica Esteves, *O Retábulo da Companhia de Jesus – Damão e Diu*, p.46.

¹²⁵ MECO, José, “A Talha Indo-Portuguesa”, in “As Artes Decorativas e a Expansão Portuguesa”, *Actas do 2º Colóquio de Artes Decorativa*, p. 3.

o seu púlpito dourado e policromo, este último de planta poligonal e apresentando uma composição característica da sua proveniência, a qual incorpora pois caixa, saco e sobrecéu.

Não se vislumbram hoje porém quaisquer indícios aparentes de ter aqui ocorrido a presença de estuque envolvente e decorado, nem tão pouco da presença dos dois característicos retábulos colaterais ao arco da capela-mor, os quais até possam muito provavelmente ter aí existido primitivamente, e que aliás até recentemente ainda se encontrariam, nesta mesma tradição, substituídos por mobiliário litúrgico moderno em seu ofício.

O púlpito também não apresenta hoje o habitual espaldar adossado à parede de suporte, o qual reforçaria assim a integração de suporte do conjunto, sendo por isso até possível que este elemento se tenha deteriorado e por isso se tenha perdido entretanto.

5.5. Técnicas e materiais

Para a feitura de um retábulo é necessário recorrer, não apenas à utilização de várias técnicas, mas também por vezes ao emprego de materiais diferentes, e tanto as primeiras como os segundos podem compreender-se segundo três partes integrantes fundamentais: a criação da *traça* ou do *risco*, a execução propriamente do retábulo, e as restantes actividades necessárias e complementares à sua realização.

Só os profissionais, quer por terem formação especializada como acontecia com os arquitectos ou os engenheiros militares, ou então por pertencerem a corporações de ofícios tais como pedreiros, pintores, entalhadores, ou simplesmente por se constituírem como sendo apenas *curiosos* eruditos na sua maioria clérigos, e entre todos estes referidos, apenas os mais competentes detinham um conhecimento artístico especializado que lhe permitiria assumir a responsabilidade da criação da *traça* ou do *risco* de um retábulo. Estes elaboravam-no normalmente em folha de papel, utilizando tinta preta, e ocasionalmente recorrendo também a outras cores, como o amarelo.

Para o estudo dos retábulos e demais equipamento litúrgico aqui tratados, será necessário compreender especialmente três tipos específicos de feitura, os quais recorrem por sua vez à utilização, tanto de técnicas distintas, como de materiais diversos.

Nos retábulos de pedraria ocorrem duas situações, sendo na mais frequente agregada ao *risco* do retábulo uma listagem ou *minuta* das cores das pedras a serem utilizadas na sua feitura, enquanto na outra restrita às obras de maior importância, é solicitado que o *risco* seja apresentado pintado, permitindo uma maior percepção do efeito final e do contraste cromático pretendido. Pela particularidade que retrata o cuidado posto na visualização prévia do conjunto arquitectónico que o retábulo representa na animação de um espaço de culto, é de referir que em situações excepcionais poderiam ser apresentadas maquetas de madeira, cujo único exemplo hoje existente em Portugal reproduz a capela de São João Baptista em São Roque¹²⁶, e está actualmente ali exposta integrando o acervo do museu da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa.

Ver Doc. 41

No que se refere aos materiais usados na realização dos retábulos que hoje ainda existem nas igrejas dos jesuítas em Portugal metropolitano e insular, a larga maioria é feita de madeira entalhada e dourada, existindo no entanto uma dezena de exemplares em pedraria, e destes apenas um reduzidíssimo número com embutidos de cores, assim como também uma pequena quantidade de exemplares em alvenaria estucada policroma e marmoreada.

Quanto aos retábulos em madeira entalhada e dourada que assentam em embasamento de pedraria, ou de madeira fingindo pedraria, é comparativamente muito mais elevado, contando-se existirem presentemente ao todo cerca de quatro dezenas no território metropolitano.

A demarcada opção pela feitura de retábulos em madeira entalhada que se regista existir nos templos jesuítas portugueses, explica-se não só pelo seu custo ser mais baixo, mas igualmente por reflectir uma questão de mera opção estética. Aliás, a este respeito, ambas as opções possuíam os seus adeptos, achando uns, além de um menor

¹²⁶ LAMEIRA, Francisco, "O Retábulo da Companhia de Jesus em Portugal, 1619-1759", *Promontoria Monográfica História da Arte* 02, p. 21.

custo, a “mais graça e formosura” que os retábulos em talha dourada tinham, e opondo os outros a monumentalidade dos de pedraria, que feitos na perfeição até “custam hoje (1689) muito menos do que se imagina”, sendo também perpétuos e ignífugos, não sendo por isso passíveis de se perderem pelo fogo¹²⁷.

Assim, para a feitura do equipamento litúrgico destas igrejas da Companhia nas duas costas africanas, foi utilizado para o conjunto que se encontra na igreja do Colégio de Luanda, pedraria policroma com embutidos a cores para o retábulo-mor e estuque policromo e marmoreado fingindo pedraria para os dois colaterais, enquanto para o conjunto da igreja do Colégio a Ilha de Moçambique recorreu-se à madeira entalhada dourada e policroma tanto para o retábulo da capela-mor como para o púlpito.

Na igreja da Companhia em Luanda o retábulo da capela-mor é pois em pedraria policroma com embutidos de cores, sendo este um exemplar de grande qualidade produzido numa oficina lisboeta, que para aqui foi especificamente encomendado e trazido, e constitui-se pelos materiais utilizados e pelo rigor da sua feitura como sendo um dos poucos exemplares deste género.

Quanto aos dois retábulos colaterais em estuque policromo e marmoreado, apresentam-se igualmente como exemplares de uma elevada qualidade de execução, inscrevendo ambos pares de colunas salomónicas nas ilhargas, as quais ostentam capitéis que são réplicas rigorosas dos do retábulo-mor, não só na forma como na composição figurativa, o que atestará assim ter a sua execução apenas podido ocorrer após a entrega do primeiro em 1713.

Ver Fotos 44 e 45

Por sua vez na igreja do Colégio de São Francisco Xavier, em Moçambique, tanto o retábulo da capela-mor como o púlpito, serão de produção goesa, sendo em madeira provavelmente proveniente da Província Norte do território da Índia, onde se localizam Damão e Diu, e são caracteristicamente em talha dourada assim como para o púlpito também policroma, apresentando estes dois exemplares ornamentação de feição orientalizada.

¹²⁷ LAMEIRA, Francisco, “O Retábulo da Companhia de Jesus em Portugal, 1619-1759”, *Promontoria Monográfica História da Arte* 02, pp. 21 e 22.

Os retábulos em madeira eram assim executados por profissionais especializados, a que se chamavam mais vulgarmente de entalhadores, podendo também ser designados por ensambladores, marceneiros, imaginários, etc. Na execução em madeira recorria-se portanto a várias técnicas que iam desde o entalhe em si, passando por variadas fases de acabamento e concluindo-se com o encaixe dos diferentes componentes.

No que concerne ao entalhe em si, ocorria geralmente uma diferenciação entre um maior número de profissionais a fazer ornatos vegetalista, de execução mais fácil e por isso mais acessível, e um número mais restrito destes que se ocupava de executar elementos figurativos, tais como meninos, anjinhos, querubins, serafins, figuras em alto-relevo e até a imaginária retabular, e que eram compreensivelmente de execução mais difícil e por isso exigiam do entalhador maior perícia e habilidade na talha.

Na feitura de um mesmo retábulo eram igualmente utilizadas diversas variedades de madeira, reservando-se a melhor para os elementos mais notáveis e aplicando-se a de menores qualidades aos lugares de menor visibilidade.

Por seu lado, a execução dos retábulos em pedraria estava a cargo de artistas especializados que normalmente se designavam por mestres pedreiros ou mestres de obras, sendo o número dos que estavam habilitados a este desempenho muito reduzido, e contando-se igualmente entre estes alguns estrangeiros sediados em Portugal. Para a feitura de retábulos também em pedraria mas com embutidos a cores, tal pressupunha naturalmente a execução de um trabalho ainda mais técnico e bem mais minucioso.

Em casos pontuais, foram também importados de Roma retábulos de pedraria, os quais eram de grande reputação, sendo disto exemplo os retábulos das capelas da Trindade e de São João Baptista na igreja de São Roque¹²⁸, assim como provavelmente o da capela-mor da igreja do Colégio do Salvador da Baía, hoje constituída sé catedral.

Ver Doc. 33 e
42

¹²⁸ LAMEIRA, Francisco, "O Retábulo da Companhia de Jesus em Portugal, 1619-1759", *Promontoria Monográfica História da Arte* 02, pp. 56 e 58.

Verifica-se também ter ocorrido o envio para fora de Portugal metropolitano de uma produção nacional em pedraria, constituindo-se disso claro exemplo o retábulo da capela-mor da igreja do Colégio de Luanda, realizado como já visto em Lisboa.

Entre as matérias-primas utilizadas na feitura destes requintados exemplares, era utilizada pedraria de várias cores, tais como o vermelho, amarelo, branco, azul, verde, preto, e outras, sendo esta proveniente dos diversos jazigos nacionais que se encontram localizados em Lisboa, Sintra, Serra da Arrábida, Vila Viçosa, Estremoz, Montes Claros, entre outros. Poderia no entanto também ser aplicada nestas realizações alguma pedra importada, nomeadamente a que era para o efeito trazida de Itália.

Finalmente, importa referir o conjunto de actividades complementares e que são necessárias na execução de qualquer obra retabulística.

Por um lado, o douramento e a policromia do trabalho em madeira entalhada que era da responsabilidade de pintores, particularmente dos que integravam a modalidade mais comum e que era entendida por ser ofício *mecânico*, como o douramento, encarnação, policromia e estofamento. Nestes trabalhos de acabamento, que por vezes tinham de aguardar durante anos pela disponibilidade dos fundos necessários à sua execução, recorria-se ao uso do *bol*, que era a massa utilizada para tapar os defeitos da madeira.

Merecem particular referência os bate-folhas, que eram os profissionais que se encarregavam de preparar o ouro em suporte com o adequado número de quilates, para poder seguidamente ser aplicado nas realizações por pintores/douradores. O ouro que para aqui era destinado provinha inicialmente, nos séculos XVII e XVIII de São Jorge da Mina na costa ocidental africana, passando, ainda no século XVIII, a ser oriundo da região de Minas Gerais no Brasil.

A pintura figurativa, por seu lado, também ocupa nestas actividades um lugar de principal destaque por ser da responsabilidade de pintores mais credenciados, ou seja apenas daqueles que sabiam praticar a modalidade de pintura de cavalete, sendo referida a existência, no retábulo que inicialmente existia na capela-mor da igreja do

Colégio de Luanda, de um painel para fechar o camarim com a representação da *Circuncisão* e da autoria do pintor Simão Rodrigues¹²⁹.

Nos casos dos retábulos em pedraria, o acabamento consistia em dar lustre ou proceder ao polimento da pedra, e que eram actividades que se executavam com pedra-pomes e pó, materiais também por vezes adquiridos em Itália.

O trabalho em estuque recorria basicamente ao uso de gesso sobre alvenaria, e era realizado por profissionais detentores de um ofício específico, aos quais se dá a denominação de alvanéis. Sobre este trabalho incidia não só o trabalho final de pintura como, para alguns casos, o do douramento.

5.6. Periodização

A periodização que é marcada por determinadas conjunturas predominantes, constitui-se como sendo um sistema estruturalista. Neste sentido, serão aqui aplicados os limites da epistemologia determinada por Francisco Lameira, que como já foi de início referido, é a que é comumente aceite entre nós para o efeito.

Apenas pela referência, este autor estabelece portanto um total de dez conjunturas distintas, marcadas por intervalos de tempo fixados por paradigma entre os 30 a 40 anos, a que corresponderá o período activo de uma geração, e com que determina a periodização a que cada retábulo corresponde. Destas conjunturas apenas três se referirão aos exemplares que dão corpo a este trabalho, sendo estas assim denominadas de protobarroco (C.1619 a C.1668), de barroco pleno (C.1668 a C.1713), e de barroco final (C.1713 a C.1745).

Estas conjunturas distinguem-se pois umas das outras por passarem a conter um conjunto de aspectos compositivos relevantes e distintos, introdução aliás para cuja produção precursora da Companhia de Jesus no campo das artes contribuiu em muito,

¹²⁹ CADORNEGA, António de Oliveira de, *História Geral das Guerras Angolanas, 1680*, Tomo III, p. 14.

o que é até especificamente salientado por Pedro Dias: “foi com os padres da Milícia que se iniciaram todas as correntes artísticas, da Renascença tardia ao fim do Barroco, e em todas as disciplinas, devido aos contactos constantes que tinham com os grandes centros artísticos da Europa, de onde vinham obras, artistas e projectos. Foram invariavelmente, até à sua extinção, os pioneiros na introdução de novidades estéticas”¹³⁰.

O retábulo mais antigo da Companhia de Jesus e existente em Portugal é de 1618, e pouco se sabe sobre os exemplares que o antecederam e cuja substituição terá sido ditada por imperativos de ordem estética e litúrgica, podendo-se pois aceitar que seguiriam assim de perto os modelos portugueses integrando a acervo ainda existente e produzido na segunda metade do século XVI.

De entre os retábulos que constituem o alvo deste estudo, integram-se cronologicamente no Barroco Pleno os três que se encontram em Luanda, e no Barroco Final o da Ilha de Moçambique. Quanto ao púlpito existente na igreja de Moçambique, é por seu lado ainda contemporâneo do Protobarroco. Também é de salientar que, se bem que os exemplares da igreja de Jesus em Luanda sejam filiados na produção portuguesa e obedecem portanto integralmente aos respectivos cânones do padrão de referência e cuja descrição se segue, tanto o retábulo como o púlpito existentes na igreja do Colégio da Ilha de Moçambique, estando filiados na produção denominada de indo-portuguesa, apresentam pois características próprias e distintas, como também se verá.

5.6.1. Protobarroco

Os retábulos da Companhia de produção do período Protobarroco são em número significativo em Portugal, não tendo porém subsistido algum exemplar entre os que poderiam existir nas igrejas do Colégio de Luanda, e também no da Ilha Moçambique.

¹³⁰ DIAS, Pedro, *História da Arte Portuguesa no Mundo (1415-1822), O Espaço Atlântico*, p. 377.

Do conjunto de todos os retábulos aqui tratados, apenas se refere pertencer portanto a este período o púlpito da igreja da Ilha, que se constitui como exemplar de talha que obedece na sua leitura a uma gramática diferente, mas onde se inscrevem no entanto e como se verá elementos próprios da conjuntura.

Em Luanda, e sabendo-se que a igreja do colégio já fora utilizada por ocasião das solenidades comemorativas da beatificação de Santo Inácio e de São Francisco Xavier, as quais foram celebradas em 3 de Dezembro de 1620 e antes ainda de ter sido concluída¹³¹, terá pois igualmente pertencido a este período o já referido “famoso” retábulo dourado da capela-mor com camarim¹³², e que antecedeu assim o notável exemplar em pedraria actualmente ali existente. Este primeiro retábulo poderá pois ter sido em talha dourada, que então ganha importância, transcrevendo muito provavelmente as particularidades da produção metropolitana próprias ao momento.

O retábulo em Portugal adquire um carácter muito particular nesta periodização, em que a decoração começa a adquirir grande importância, e em que a sobrecarga decorativa e dourada assume-se como elemento importante. A coluna refere a conjuntura, e os elementos escultóricos vão ganhando cada vez mais expressão, mas aparecem no entanto inovações tais como a perspectiva côncava, o entablamento interrompido e as arquivoltas concêntricas cortadas por aduelas, assim como predomina a tipologia de um corpo e três tramos, mas caminhando-se já para a que se seguirá e que incorporará um único tramo.

Quanto aos púlpitos de talha em lavor indo-português, que são frequentes nas igrejas da Índia, e cuja feitura se insere neste mesmo período, constitui-se ser notável o exemplar da igreja da Ilha de Moçambique. A grande maioria destes púlpitos apresenta portanto, e como também já foi anteriormente indicado, caixa ou cálice, saco ou parte inferior da bacia e sobrecéu ou guarda-voz.

Ver p. 122 ou
Foto 33

As caixas, que podem ser de base quadrangular ou poligonal, têm as arestas dos ângulos acentuadas por colunelos, que no caso do da Ilha têm portanto o primeiro terço diferenciado preenchido por brutescos sendo a restante parte do fuste canelada,

Ver Fotos 46 a
48

¹³¹ GABRIEL, Manuel Nunes, *Padrões da Fé Igrejas Antigas de Angola*, p. 56.

¹³² CADORNEGA, António de Oliveira de, *História Geral das Guerras Angolanas, 1680*, Tomo III, p. 14.

e que se constituem ser elementos característicos do século XVII na talha desta produção oriental¹³³, se bem que se integrem igualmente nas características que são tidas por específicas e próprias do Protobarroco. Quanto às faces do polígono, que podem também apresentar-se em alguns casos preenchidas por espelhos, apresentam-se decoradas, ou por ornatos que podem figurar a rosa da Pérsia, ou por painéis figurativos hagiográficos.

No exemplar da Ilha de Moçambique as faces inscrevem nichos com uma imagem perfeita em relevo quase pleno, executada com grande correcção mas rígida, e como se caracterizam aliás estas figurações na arte indo-portuguesa¹³⁴. Este púlpito é portanto uma peça do “*património colonial moçambicano*” e que se refere ser “muito qualificada pelo modelo conceptual de urna, pela forma decorativa que explora, pelo rico ornato de entalhe com recurso a esculturas de vulto, pelo poder fantasista e inventivo com que o artista casou módulos cristãos-tridentinos com intromissões exógenas de carácter hindu”¹³⁵.

Dos restantes dois componentes próprios destes púlpitos, o sacco pode apresentar-se facetado, tendo as arestas definidas por imaginária simbólica, como Nagas, Naginas, sereias, e outros animais fantásticos, enquanto o sobrecéu, decalcando quase sempre a forma de plano da caixa, apresenta por vezes um rebordo ou franja e a face inferior decorada, assim como pode apresentar-se em cúpula ou coroa¹³⁶, como se pode também observar neste exemplar da Ilha de Moçambique.

Ver Fotos 49 e 50

Ver Foto 51

O espaldar, presente na grande maioria dos púlpitos como elemento reforçando a integração na parede, provavelmente já não existirá hoje no exemplar da denominada capela do Palácio de São Paulo. Este elemento é em regra de talha baixa, ou mesmo rendilhada, e é centrado por um pequeno painel hagiográfico colocado sobre a porta

¹³³ LAMEIRA, Francisco, “O Retábulo em Portugal, das origens ao declínio”, *Promontoria Monográfica História da Arte 01*, p. 116.

¹³⁴ DIAS, Pedro, *História da Arte Portuguesa no Mundo (1415-1822), O Espaço do Índico*, p. 373, e, MECO, José, “A Talha Indo-Portuguesa”, in “*As Artes Decorativas e a Expansão Portuguesa*”, *Actas do 2º Colóquio de Artes Decorativas*, p. 3.

¹³⁵ SERRÃO, Vítor, “Para uma metodologia de pesquisas integradas sobre a arte Luso-Moçambicana no período colonial: Dois casos mal conhecidos de pintura dos séculos XVII e XVIII”, *Actas do IV Simposium Internacional, Língua Portuguesa - Diálogo entre Culturas*, pp. 276 e 277.

¹³⁶ MECO, José, “A Talha Indo-Portuguesa”, in “*As Artes Decorativas e a Expansão Portuguesa*”, *Actas do 2º Colóquio de Artes Decorativas*, p. 3.

de acesso, que serve de elemento de ligação entre o guarda-voz e a caixa com o saco. Nos exemplares mais trabalhados o espaldar é ladeado por faixas com festões ascendentes ou por lóbulos de renda, que saem de um par de volutas ou cornucópias que se encontram por baixo do saco, enquadram a caixa, e, em alguns casos, apresentam figuras a relevo que suportam o sobrecéu¹³⁷.

5.6.2. Barroco pleno

O barroco pleno assume-se como sendo a conjuntura de maior implantação em Portugal, registando congregar mais de metade dos retábulos existentes nos templos dos jesuítas, e tendo sido também a que teve indiscutivelmente maior aceitação social.

A persistência por esta preferência irá ser de igual modo reflectido em alguns exemplares tardios, cuja composição se manterá alheia à introdução de inovações que já vinham ocorrendo há mais de uma década, e como se constata em dois retábulos do Colégio de Braga, que são, o de Santa Úrsula datado de 1726¹³⁸, e o de São Francisco Xavier de 1730¹³⁹, e de certo modo também nos retábulos colaterais da cabeceira da igreja de Jesus em Luanda, cuja execução terá sempre de ser posterior a 1713.

Ver Doc. 43 e
44

Os retábulos integrando o Barroco Pleno apresentam pois as seguintes características comuns, e que os referenciam:

- as plantas apresentam-se tanto planas ou rectas, bem como em perspectiva côncava;
- o embasamento pode ser não só de dois registos mas também de um único, sendo porém sistematicamente empregue mísulas na composição do banco;
- as colunas, sendo as mais empregues completamente revestidas de elementos vegetalistas, apesar de em alguns casos se recorrer ao uso de pilastras, são

¹³⁷ MECO, José, “A Talha Indo-Portuguesa”, in “As Artes Decorativas e a Expansão Portuguesa”, *Actas do 2º Colóquio de Artes Decorativas*, p. 3.

¹³⁸ LAMEIRA, Francisco, “O Retábulo da Companhia de Jesus em Portugal, 1619-1759”, *Promontoria Monográfica História da Arte 02*, p. 208.

¹³⁹ Idem, p. 204.

torsas e contêm seis a sete espiras integralmente decoradas por cachos de uvas, parras, fénix, etc.;

- o entablamento, conforme se tratando de um exemplar com três tramos ou apenas de um único, restringe-se quer aos tramos laterais, quer aos elementos arquitectónicos da composição;
- os áticos surgem nestes retábulos como os elementos que mostram maior liberdade interpretativa, sendo porém a solução mais comum a que emprega arcos salomónicos plenos que são cortados transversalmente por aduelas ou raios, mas podendo, em alternativa de composição menos frequente e para os exemplares trípticos, apresentarem a parte central definida por pilastras ou consolos, ou então apenas conterem composições livres preenchidas com elementos vegetalistas.

Para além destas características, igualmente se inscrevem nos retábulos deste período as colunas salomónicas com origem na coluna santa, bem como acresce referir a ocorrência de arquivoltas concêntricas e de arcos salomónicos que dão continuidade às colunas e apresentam-se também em espiral, o que se constitui ser uma solução tipicamente portuguesa. Também é neste mesmo período que os arcos salomónicos, podendo deixar de ser plenos, adaptam-se nestes casos apenas em relevo à arquitectura da composição.

As colunas, com suas espiras e gargantas intermédias, bem como o seu revestimento ornamental, constituem-se elemento essencial de atenção no estudo destes retábulos pois ao mudarem para elementos vegetalistas ou florais, significará que o retábulo, se bem que mantendo a gramática compositiva do Barroco pleno, deixou já de pertencer a esta conjuntura.

É também neste período que aparece o camarim central, com trono piramidal em degraus, o qual não se circunscreve apenas aos retábulos eucarísticos e pode assim integrar igualmente a composição dos retábulos com outros usos e funções.

Na composição dos retábulos integrando o Barroco Pleno, são também empregues soluções diferentes relacionadas com os diversos usos ou funções a que estes se destinam.

Assim, nos retábulos eucarísticos ocorre um predomínio de tipologia com corpo único e três tramos, em cujo tramo do meio se encontra assim, para além de um sacrário monumental colocado quase sempre ao centro do banco, um camarim que interrompe o entablamento e no interior do qual está colocado um trono piramidal em degraus, enquanto os tramos laterais apresentam-se por sua vez com nichos emoldurados destinados à exposição de dois santos da Companhia de Jesus.

Quanto aos retábulos devocionais, e para os que são a um só tema, predomina a composição de um corpo e um único tramo, podendo em alguns casos serem também tripartidos, enquanto para os que são devocionais a três temas, predomina a composição de corpo único com três tramos, podendo o tramo central ser definido por uma tribuna que interrompe o entablamento, sendo os tramos laterais destinados à exposição de imagens de vulto perfeito de santos de menor devoção, e que são colocadas ou em nichos emoldurados ou em mísulas que aí se inscrevem.

Por fim, os retábulos relicários deste período, dando continuidade à solução usada na conjuntura anterior, apresentam os lóculos, ou seus nichos, inscritos nos tramos laterais, ocorrendo no entanto e ocasionalmente a colocação dos lóculos no banco.

Tanto o retábulo da capela-mor da igreja do Colégio da Companhia de Jesus em Luanda, bem como os das duas capelas colaterais, são portanto exemplares característicos deste período.

O da capela-mor como já foi referido, é em pedraria policroma com embutidos e cores e de feitura notável, apresenta uma composição característica aos retábulos eucarísticos do período, com a tipologia de um único corpo e três tramos, e inscrevendo no do meio camarim e trono com quatro degraus, assim como nichos nos laterais em que se exporiam provavelmente Santo Inácio e São Francisco Xavier. O ático contém arcos salomónicos plenos cortados transversalmente por aduelas. Os tramos são delimitados por colunas salomónicas. A policromia deste soberbo exemplar em pedraria é predominantemente composta pelo branco e o vermelho, sendo alguns dos embutidos a preto e outros policromos. Ao centro deste retábulo está colocado um sacrário monumental trifacetado, assente sobre o banco e igualmente feito de mármore na tricromia base do retábulo, e apresentando micro-arquitetura na sua

Ver p. 110, ou
Fotos 18, assim
como 52 a 56

composição onde colunas torsas marcam as arestas limitando os panos. Todo o conjunto, assim como a mesa do altar branca, assenta sobre um estrado também em mármore, com degraus igualmente a branco e pavimento enxaquetado.

Os retábulos das capelas colaterais, são por sua vez em alvenaria estucada policroma e marmoreada fingindo pedraria, de feitura provavelmente logo sucedânea à do retábulo-mor, e denotando igualmente uma grande qualidade de execução. São de um único corpo e um só tramo onde se inscreve um nicho central, e denotam marcadas semelhanças com o retábulo-mor. Estes dois retábulos em estuque, que seguramente substituíram da mesma maneira os dois outros exemplares que ali se encontrariam e que pertenceriam à conjuntura anterior, revestem-se de uma particularidade interessante. A sua feitura ocorrerá portanto em data anterior à do primeiro exemplar feito neste material e nesta técnica, e que hoje é recenseado entre os retábulos da Companhia de Jesus existentes no território metropolitano, ou seja o que se encontra na capela de São Francisco de Borja da igreja do Colégio de Nossa Senhora da Conceição em Santarém, e cuja realização está determinada ser apenas de meados do século XVIII¹⁴⁰.

Ver pp. 114 e 116,
ou Fotos 24 e 25,
assim como 57 a
59

Ver Doc. 45

Estes três retábulos que ainda hoje se encontram portanto na igreja do Colégio de Luanda, pertencendo assim a esta mesma conjuntura, apresentam também todos exactamente os mesmos detalhes compositivos, tais como altar, banco e sotobanco, mísulas sob as colunas salomónicas de seis espiras de cor marmoreada, capitéis de igual figurino, entablamento interrompido pelo núcleo do tramo central e limitando-se aos elementos das ilhargas, assim como ático delimitado por arcos salomónicos e arquivolta cortada por igual número de aduelas.

5.6.3. Barroco final

Do conjunto de exemplares que este trabalho trata, apenas se inscreve neste período o retábulo em talha indo-portuguesa de feitura goesa da ousia da igreja do antigo Colégio de São Francisco Xavier, na Ilha de Moçambique.

¹⁴⁰LAMEIRA, Francisco, "O Retábulo da Companhia de Jesus em Portugal, 1619-1759", *Promontoria Monográfica História da Arte* 02, p. 94.

Deverá no entanto ter substituído um retábulo anterior, que teria de se encontrar seguramente aí desde a conclusão do colégio, ou seja em meados do segundo quartel do século precedente, e que pertenceria provavelmente também ao período protobarroco.

Este exemplar ocupa a grande parte da parede fundeira da capela-mor, e desenvolve-se sobre o embasamento comportando dois corpos e três tramos. O ático, sendo de dimensões notáveis e de grande ostentação, é de composição tripartida, apresentando colunas torsas e segmentos curvos de frontão por cima de um pano central com o trigrama da Companhia - IHS -. O retábulo sendo eucarístico, possui no tramo central do primeiro corpo um sacrário monumental, que apresenta micro-arquitetura e cornijas proeminentes marcando as arestas como nos pagodes asiáticos e mostrando assim uma feição marcadamente oriental. A este sacrário, e à semelhança do que ocorre em outros exemplares, faltará hoje o primeiro corpo.

Ver p. 118 ou Foto 19

Ver Foto 60

Ver Fotos 61 a 63

O retábulo apresenta igualmente sete nichos distribuídos pelos restantes tramos, dois dos quais nas ilhargas do ático, e destinando-se provavelmente o mais importante, colocado ao centro do segundo corpo, à exposição do orago deste templo que é portanto São Paulo, e os restantes aos outros santos mais importantes da Companhia de Jesus.

Todos os tramos são delimitados por colunas torsas pares de seis espiras com ornamentações florais nas gargantas, e os panos marcados por arcos a emoldurar os nichos com sobreposição de frontões nos das ilhargas. O tramo central do primeiro corpo, onde se encontra o sacrário, apresenta-se restrito por um arco e pilastras. As colunas são características da produção do espaço índico do século XVIII¹⁴¹, e apresentam fuste com as seis espiras lisas, sendo as gargantas ornamentadas por motivos florais e vegetalistas. Verificam-se também na matriz destes motivos, uma ocorrência de paralelismos com as ornamentações de colunas em vários exemplares deste período e apenas da região de Goa. Tal pode ser constatado por acontecer tanto no retábulo da sacristia da igreja de Nossa Senhora das Neves em Raia-Salcete, como no retábulo da ousia da Igreja de Nossa Senhora de Livra Febres em Cindel-Ribandar-

Ver Fotos 64 e 65

Ver Foto 66

¹⁴¹ LAMEIRA, Francisco, "O Retábulo em Portugal, das origens ao declínio", *Promontoria Monográfica História da Arte 01*, p. 116.

Tiswadi, na coluna solta da Igreja de São Miguel em Taleigão-Tiswadi, e também no retábulo da ousia da Igreja de Nossa Senhora do Pilar em Seraulim-Salcete. Confirmar-se-á por isto, ser assim e também de Goa, a proveniência da feitura da talha do retábulo da capela-mor desta igreja na Ilha de Moçambique¹⁴².

De notar igualmente entre a ornamentação a relevo deste exemplar, a presença de elementos vegetalistas de feição asiática, como a flor de lótus com a particularidade de conter também as excrescências no botão goesas, bem como de coroas rematando os panos da composição tripartida do ático, aí inscritas em feição de palmetas.

Este retábulo, hoje repostado em dourado desde as intervenções efectuadas nos finais da década de sessenta do século passado¹⁴³, e que terá resultado de uma pintura cobreada, já se apresentou com o douramento primitivo coberto a branco e por purpurinas escurecidas, conforme consta em registo fotográfico publicado em 1945, resultante possivelmente tal dos trabalhos de restauro e preservação empreendidos entre 1888 a 1891¹⁴⁴, ou de alguma outra intervenção menos precavida que tenha ocorrido ainda posteriormente a esta.

5.7. Tipologias

No que se referirá aos retábulos da Companhia de Jesus existentes no território metropolitano, e possivelmente também assim em todas as restantes ramificações que

¹⁴² REIS, Mónica Esteves, *“Esclarecimentos sobre os retábulos indo-portugueses – Goa”*, que a pedido teve a gentileza de tecer as seguintes considerações: “Relativamente à execução artística do retábulo da Igreja do Colégio da Companhia, na Ilha de Moçambique, a denotar uma via indo-portuguesa, pode avançar-se que esta será via Goa, considerando como paralelos os exemplares presentes em várias igrejas das Velhas Conquistas, nomeadamente nas talukas de Tiswadi e Salcete. Este motivo decorativo, que se cinge à garganta da coluna, despe-se dos elementos eucarísticos comuns, ocupando-se em total exclusividade dos motivos florais (no caso, a flor de lótus) acompanhados de vegetalismos estilizados à guisa que se (de)compõe de artista para artista, característicos inclusive de um barroco tardio. Não servem, por isso, de elementos que permitam a identificação de uma oficina de entalhadores ou se estes seriam artífices locais de ascendência goesa ou artífices goeses em Moçambique.”

¹⁴³ FONSECA, Pedro Quirino da, e outros, *Monumenta, Boletim da Comissão dos Monumentos Nacionais da Província de Moçambique nº 6*, p.88.

¹⁴⁴ LOBATO, Alexandre, *Ilha de Moçambique Panorama Histórico*, capítulo “Capela de S. Paulo”.

daqui sejam directamente procedentes, constata-se que a tipologia de maior aceitação foi a de um corpo e um só tramo reunindo ali dois terços dos exemplares recenseados¹⁴⁵. Esta mesma tipologia agrega em si metade dos quatro retábulos sobre os quais se debruçou este trabalho.

O restante terço da existência metropolitana recai sobre os retábulos com a tipologia de corpo único com três tramos, que são principalmente utilizados nas capelas-mores, enquanto nos exemplares aqui focados, apenas um quarto, ou seja apenas um dos retábulos obedece a esta tipologia, inscrevendo-se igualmente numa capela-mor.

É de notar porém a ocorrência de retábulos entre os exemplares desta tipologia que, apresentando uma composição tripartida, não têm o espaço existente entre o par de colunas que inscrevem nas ilhargas preenchido com mísula ou nicho para exposição de imagens, sendo assim e talvez mais correcto integrá-los na tipologia de um corpo e um só tramo.

No território metropolitano a preferência pelos retábulos com a tipologia de dois corpos e três tramos, ou a que usa dois corpos e apenas um único tramo, restringe-se ao século XVII, sendo pouco frequente no século seguinte.

Na igreja do Colégio da Ilha de Moçambique, o exemplar da capela-mor é no entanto desta mesma tipologia tríptica com dois corpos, mas data assim do segundo quartel do século XVIII, podendo também e provavelmente ter de início sido ali igualmente colocados nas paredes colaterais ao arco desta capela, retábulos com um único tramo e dois corpos que se caracterizaram neste mesmo período na área da influência índica, mas de cuja presença não subsistem hoje quaisquer vestígios.

Ver p. 118 ou
Foto 19

De grande aceitação foram os retábulos com *arco*, e que é uma solução compositiva que se encontra presente em um terço dos exemplares hoje existentes nos templos jesuítas portugueses, e que de igual modo se apresenta inscrito no tramo central do primeiro corpo deste retábulo-mor da igreja da Ilha de Moçambique.

¹⁴⁵ LAMEIRA, Francisco, "O Retábulo da Companhia de Jesus em Portugal, 1619-1759", *Promontoria Monográfica História da Arte 02*, p. 29.

Os retábulos existentes nestas igrejas dos dois colégios dos jesuítas das duas costas africanas, principalmente quanto aos de Luanda que reflectem mais a influência directa das tendências metropolitanas, não se prestam a estatísticas rigorosas pois trata-se apenas de uma leitura incidindo sobre a actual amostragem reduzida do número de exemplares presentes nestes dois templos. Será porém lícito inferir e conjecturar que, os retábulos que existiriam na igreja de Jesus em Luanda, deverão ter espelhado as tendências que se observam prevalecer no universo de exemplares de Portugal metropolitano, o mesmo acontecendo com os retábulos colaterais que possivelmente também se encontrariam na da Ilha de Moçambique, mas que espelhariam porém as tendências da sua ocorrência na Índia.

Na igreja dos Jesuítas na Ilha, o púlpito, constituindo-se exemplar único no âmbito deste trabalho, obedece assim à já referida gramática dos numerosos púlpitos do mesmo período existentes na Índia da alçada portuguesa, e a sua composição obedece ao padrão habitual daquela produção, como se viu.

5.8. Oficinas e artistas intervenientes

A última parte deste capítulo tratará portanto de compreender o ambiente, e o universo produtivo, que geraram a ocorrência do processo, tanto da criação, como da feitura dos diversos retábulos que vieram conseqüentemente a integrar os espaços culturais dos templos dos Jesuítas em território português.

Cada centro produtivo constituía-se pois como a resposta, não só humana como técnica, que se encontrava focada numa dada região a que poderiam corresponder um ou vários núcleos episcopais, e onde resultava determinado predomínio das oficinas ali estabelecidas, isto independentemente da verdadeira proveniência dos profissionais que nelas exerceriam assim o seu ofício.

Igualmente acontecia que, perante a inexistência de recursos locais e face à necessidade de assegurar uma resposta imposta pela solicitação da realização

retabulística, este constrangimento acabava por ditar o recurso a oficinas exógenas e agregadas a um centro produtivo mais activo. Estas últimas eram deste modo atraídas e acabavam geralmente por se fixar gradualmente no local da nova encomenda, estabelecendo-se aí inicialmente com carácter temporário, e onde frequentemente vinham a optar por se radicar.

É a partir desse momento que estas oficinas, que tomam assim assento numa nova região, passam não só a contribuir localmente para a satisfação das necessidades produtivas que ali existam, bem como vêm de igual modo a formar e gerar localmente novos agentes no exercício da sua arte.

O sistema corporativo de ofícios que vigorava então na sociedade, determinava a existência de regras próprias, não só para percorrer a formação no ofício, como também para responder ao mercado de trabalho, e disto resultava que a oficina constituía-se pois como sendo a unidade nuclear e fundamental na execução de cada retábulo.

Na metrópole e nas ilhas atlânticas está sobejamente documentado que a Companhia de Jesus, no que se refere à realização de retábulos para as suas igrejas, recorreu aos préstimos de profissionais com oficina aberta e cujo talento e reputação eram meritórios e comprovados.

Já no que respeita às realizações no Brasil, e provavelmente nos restantes territórios ultramarinos, é sabido que a Companhia recorreu para este efeito também à competência de irmãos laicos formados no seu escol. Estes vieram a produzir notáveis obras de entalhe retabular nas suas igrejas, como se constituem exemplo as obras do irmão João Correia e do irmão Domingos Trigueiro empreendidas na igreja do Colégio de Salvador e actual Catedral, assim como de outros anónimos responsáveis pela feitura dos retábulos do Colégio do Rio de Janeiro¹⁴⁶.

É portanto sobre estes profissionais, que foram os principais responsáveis dessas mesmas oficinas, que tem de incidir a atenção, o que permite poder proceder assim à

¹⁴⁶ LAMEIRA, Francisco, "O Retábulo em Portugal, das origens ao declínio", *Promontoria Monográfica História da Arte 01*, p. 31.

identificação das particularidades artísticas próprias, assim como das especificidades então existentes, quer estas oficinas fossem de entalhe, de pedraria ou de estuque.

Esta questão pode no entanto revelar-se ser de estudo mais complexo para os casos em que intervêm na feitura de uma mesma obra duas ou mais oficinas, quer tal se registre por acontecer em trabalho desenvolvido simultaneamente, o que podia justificar-se quando era necessário abreviar o prazo de conclusão da obra, quer quando ocorria em campanhas de intervenção sucessivas e no que constituía a progressão normal da sua realização até ficar pronta.

Também é de referir que se detecta a existência de casos de retábulos adquiridos pela Companhia em Itália, ou apenas encomendados a profissionais ali estabelecidos e que eram convidados a mudarem-se para poderem executá-los no local a que se destinavam.

Deste estudo trespassam os indícios da existência de um núcleo oficinal em Luanda, onde a arte do alvanel parece colher uma preferência, e também uma visão muito superficial do que terá sido a produção que se gerou na Índia, e que resultou num acervo retabulístico de vulto na denominada arte indo-portuguesa, com os seus expoentes identificados em Goa, Damão, Cochim, Diu, Bombaim, Salcete, e mais alguns outros locais¹⁴⁷.

É pois necessário focar assim a atenção apenas sobre as oficinas que agiram directamente na execução dos retábulos objecto deste trabalho, ou seja, numa oficina específica de Lisboa a qual pertencia assim ao centro produtivo da Estremadura, e também naquelas que muito possivelmente terão existido sediadas em Luanda como primeira cidade de Angola, e por fim nas que se encontrariam portanto em Goa.

Lisboa

Lisboa, a cidade capital do território, emerge no panorama português como um importante centro artístico, enquanto as restantes regiões demarcam-se em periferia.

¹⁴⁷ MECO, José, "A Talha Indo-Portuguesa", in "As Artes Decorativas e a Expansão Portuguesa", *Actas do 2º Colóquio de Artes Decorativa*, pp. 1 a 10.

O centro produtivo da Estremadura em que se insere, abarca o arcebispado da capital e o bispado de Leiria, e constitui-se pois como sendo um dos dois principais centros produtivos nacionais.

As principais, e também mais credenciadas oficinas então existentes em Portugal, encontram-se sediadas em Lisboa. A sua influência na produção retabulística estende-se, não só a outras regiões metropolitanas, mas também como sendo a fonte de fornecimento exógeno de mão-de-obra para as ilhas atlânticas, assim como para os territórios ultramarinos.

Lisboa é também o único centro produtivo onde a Companhia manda executar os retábulos em pedraria que encomenda para os seus espaços, recaindo por isso a sua preferência sobre a competência dos profissionais aí estabelecidos.

O retábulo da capela-mor da igreja do Colégio de Luanda constitui-se ser exemplo desta preferência, tendo sido a sua feitura assegurada por José Pereira, artista instalado em Arroios, e de quem se não conhecem presentemente mais outras obras. Foi posteriormente transportado para Luanda, como consta do contrato, recentemente revelado, que foi celebrado com este profissional a 6 de Janeiro de 1711, na igreja do Colégio de Santo Antão-o-Novo, agindo o padre jesuíta Francisco da Fonseca (procurador-geral das províncias da Índia) em procuração do Colégio da Companhia de Jesus em Luanda¹⁴⁸.

Ver Doc. 54

Os retábulos de pedraria não sendo quantitativamente os de maior expressão, são porém as obras mais elitistas e também as que se encontram mais próximas do panorama artístico de Itália, sendo de grande qualidade na sua execução, e agregando para a sua realização figuras de grande mérito artístico, onde se reúnem tanto profissionais nacionais como estrangeiros.

Quanto ao que se refere especificamente à elaboração dos respectivos *riscos* ou *traças*, concorriam para isto normalmente arquitectos e mestres de obras, assim como ocasionalmente entalhadores ou pintores, mas sendo porém também em Lisboa que

¹⁴⁸ COUTINHO, Maria João Pereira, Actas do 2º Colóquio de Artes Decorativas. *As artes decorativas e a expansão portuguesa. Imaginário e viagens*, “*Ars Marmoris: os mármores policromos do retábulo-mor da igreja do Colégio da Companhia de Jesus de Luanda*”, p. 289 a 291.

surgem duas dezenas de mestres pedreiros com competência para igualmente os conceber.

Durante algum tempo aventou-se poder ser o *risco* do exemplar de pedraria de Luanda da autoria do arquitecto João Antunes, ou até do mestre entalhador José Rodrigues Ramalho¹⁴⁹, o que seria sustido por serem ambos reputadamente experientes neste domínio, mas o texto do aludido contrato poderá afastar essa possibilidade ao referir explicitamente “na forma do Risco que está assinado por eles partes”¹⁵⁰, o que poderá determinar autoria antes de significar apenas aceitação.

Luanda

Em Luanda transparecerá, pela ocorrência dos retábulos que ali se observam e dos que são descritos também terem por lá existido, o se ter possivelmente ali verificado o que pode ser uma marcada preferência pela realização de retábulos em alvenaria estucada.

Para além dos exemplares que são os dois retábulos colaterais da igreja de Jesus, são igualmente em alvenaria estucada a totalidade dos retábulos que se apresentam hoje noutros templos da cidade, cuja edificação é anterior à da igreja dos jesuítas. Tal ocorre nos três retábulos existentes na igreja santuário de Nossa Senhora da Nazaré edificada em 1664¹⁵¹, assim como também nos quatro exemplares da igreja de Nossa Senhora do Carmo, com invocação de Santa Teresa, e por sua vez construída entre 1660 e 1689¹⁵².

¹⁴⁹ CARVALHO, Ayres de, *Novas Revelações Para a História do Barroco em Portugal*, Separata de BELAS-ARTES Nº 20, p.17, e, LAMEIRA, Francisco, *Promontoria Monográfica História da Arte 01*, “O Retábulo em Portugal, das origens ao declínio”, pp. 31 e 32.

¹⁵⁰ COUTINHO, Maria João Pereira, Actas do 2º Colóquio de Artes Decorativas. *As artes decorativas e a expansão portuguesa. Imaginário e viagens*, “*Ars Marmoris: os mármores policromos do retábulo-mor da igreja do Colégio da Companhia de Jesus de Luanda*”, p. 290.

¹⁵¹ Conforme consta em placa alusiva inscrita na fachada principal desta igreja.

¹⁵² RODRIGUES, Hélder, *Promontória, Revista do Departamento de História, Arqueologia e Património da Universidade do Algarve*, “*Igreja do Antigo Convento de Santa Teresa dos Carmelitas Descalços de Luanda*”, p. 159.

Reforça a leitura desta provável preferência pelos retábulos em estuque, o facto de igual modo o ter sido o da capela-mor da igreja de Nossa Senhora da Conceição, a qual estaria construída logo em 1590¹⁵³ e foi constituída Sé de Luanda por largos anos, acabando por cair em ruínas e ser abandonada em 1818¹⁵⁴ sem que subsistam hoje vestígios visíveis da sua edificação. Neste templo é pois descrito ter sido o retábulo do “altar-mor feito todo de tijolo, e depois engessado, dourado e pintado com molduras e frizos”¹⁵⁵.

A Luanda terão portanto chegado inicialmente, e provenientes da metrópole, profissionais a quem se recorreu para a feitura dos retábulos das igrejas que por lá se foram desde logo erigindo. Alguns destes, por lá prevendo inicialmente ficar por tempo determinado, poderão assim ter optado por aí se fixar, facto cuja plausibilidade de ocorrência será atestada pela cláusula que a precave, e consta até no contrato celebrado na igreja de Santo Antão sobre a execução, entrega e ensablamento do retábulo para a capela-mor da igreja do Colégio dos Jesuítas em Luanda¹⁵⁶.

Talvez pela oportunidade da ocorrência da vinda de alvanéis e sua sucessiva fixação, possa ter resultado com o tempo numa preferência local por esta técnica de realização, notando-se hoje ali uma predominância bem vincada de retábulos em alvenaria e estuque.

Tal poderá pois reflectir a possibilidade de se ter constituído assim em Luanda um núcleo destes profissionais, cuja arte passa a ser requisitada, o que virá a consolidar esta preferência, e que só por si acabará por resolver uma questão local e prática da falta de recursos técnicos e da carência de materiais mais nobres. Estas dificuldades práticas far-se-iam com certeza então sentir, o que poderá ter favorecido um aperfeiçoamento local da técnica, a qual acaba igualmente por se impor deste modo na igreja do Colégio de Luanda.

¹⁵³ DIAS, Pedro, *História da Arte Portuguesa no Mundo (1415-1822)*, O Espaço Atlântico, p. 130.

¹⁵⁴ GABRIEL, Manuel Nunes, *Padrões da Fé Igrejas Antigas de Angola*, p. 61.

¹⁵⁵ CADORNEGA, António de Oliveira de, *História Geral das Guerras Angolanas, 1680*, anotado e corrigido por José Matias Delgado, Tomos II, p. 424.

¹⁵⁶ COUTINHO, Maria João Pereira, Actas do 2º Colóquio de Artes Decorativas. *As artes decorativas e a expansão portuguesa. Imaginário e viagens*, “*Ars Marmoris*: os mármore policromos do retábulo-mor da igreja do Colégio da Companhia de Jesus de Luanda”, p. 290.

Esta opção pela feitura de um retábulo em alvenaria estucada, registrar-se-á portanto ocorrer na Igreja de Jesus em Luanda cerca de três dezenas de anos antes do primeiro exemplar deste género que é referido pertencer a um templo da Companhia em Portugal metropolitano¹⁵⁷. Sendo também curioso realçar novamente que os retábulos em estuque se encontram portanto em outros templos de Luanda, e que estes são todos de execução anterior à dos dois exemplares da igreja dos Jesuítas

Considerando-se portanto não só o que possa ser uma preferência local pelos retábulos em estuque, mas também a precedência com que estes ocorrem, será consistente pensar que os retábulos colaterais da igreja do antigo colégio de Luanda possam ser assim obra de um mestre que ali se encontrasse pois estabelecido.

Ali terão também chegado profissionais de outras artes, como o serão douradores e pintores, onde terão de igual modo trabalhado, e talvez aí até se tenham acabado por fixar, mestres entalhadores ligados à realização dos retábulos em talha, os quais poderão ter vindo a integrar algumas das capelas do corpo da igreja da Companhia, assim como outros que possam ter também existido noutros templos de Angola.

Dos que terão assim existido na igreja do Colégio, hoje não subsistem ali quaisquer vestígios, havendo, e como se viu, apenas a memória transcrita de terem sido desmontados, e o que deles restaria transferido para outros templos. Não será pois consistente que estes retábulos tenham sido feitos em pedraria, e por tal só o poderiam ser portanto em madeira entalhada, o outro material que apenas permitiria a referida operação de remoção.

A reforçar esta ideia da ocorrência de uma muito provável migração para Angola de alguns profissionais que aí passam assim a exercer o seu ofício, sabe-se ter para ali seguido degredado um sobrinho de Santos Pacheco, mestre entalhador de Lisboa, e que sendo carpinteiro de profissão ali chegou em 1751, durante o governo de D. António Soares Portugal, conde do Lavradio, que foi quem dirigiu as cerimónias das exéquias em honra de D. João V. Para estas cerimónias, foi desenhado nesse mesmo

¹⁵⁷ LAMEIRA, Francisco, "O Retábulo da Companhia de Jesus em Portugal, 1619-1759", *Promontoria Monográfica História da Arte* 02, p.26.

ano um baldaquino¹⁵⁸ destinado à Sé da cidade de São Paulo da Assunção de Luanda, que se pensa possa ter sido assim executado por este mesmo carpinteiro, sob a orientação e enquadramento na arte dado a partir das instruções esmeradas de seu tio, que se encontraria portanto em Lisboa.

Os retábulos da Companhia que se encontram actualmente em Luanda, mostram obedecer portanto ao padrão metropolitano, sendo por isso aceitável ler nestes todos os considerandos que lhe sejam aplicáveis.

Goa

Na Índia, a adaptação da arte de fazer retábulos a esta região asiática, onde tanto templos e altares, como cultos e deidades, se referem fazer parte integrante de uma cultura local, despertando as mais variadas e espectaculares formas de representação¹⁵⁹, sofre uma assimilação e ganha por isso a sua autonomia.

Que os profissionais e oficinas de talha dourada e policroma existiram, é uma realidade atestada pelo universo de cerca de novecentos retábulos que ainda hoje aí se encontram espalhados por grande número de templos, e dispersos ao longo de todo este território¹⁶⁰. É assim de Goa, sede arquiepiscopal do Índico, que é originária a produção tanto do retábulo da capela-mor como do púlpito aqui estudados, os dois exemplares em talha indo-portuguesa que se encontram na igreja do antigo Colégio da Ilha de Moçambique.

¹⁵⁸ O original do desenho do baldaquino de Luanda encontra-se no Arquivo Histórico Ultramarino e poderá ter sido inspirado, segundo A. Quelhas em *"Catafalco, Sé de Luanda"*, e Luiz Alberto Ribeiro Freire em *"Origem e Evolução dos Retábulos Baianos"*, no exemplar da Gravura 5 *"D'Autels et Tombeaux"*, de G.M. Oppenrd (Paris 1672-1742).

¹⁵⁹ REIS, Mónica Esteves, *"A Arte Retabular da Companhia de Jesus em Damão: focando o Retábulo de Nossa Senhora com o Menino na sacristia da Igreja de Nossa Senhora dos Remédios"*, *Revista da História da Arte e Arqueologia* - nº 11, p. 37.

¹⁶⁰ Informação prestada por Mónica Esteves Reis.

Após portanto um primeiro momento em que se relata a ida de retábulos feitos em Portugal metropolitano destinados aos templos na Índia, rapidamente a sua feitura começa a ser empreendida localmente e ali se radica também¹⁶¹.

Porém, é principalmente pela elaboração do *risco* que se compreende instruirá a feitura e se constituirá assim como veículo de difusão privilegiado, que a produção retabulística na Índia irá permanecer ligada à sua filiação europeia, donde continuarão a fluir as inovações compositivas específicas às conjunturas que adquirem, e cuja adoção transparece nos retábulos ali feitos.

Assim, seguindo a mesma lógica que explica a fixação de oficinas de talha no território metropolitano, para a Índia terão seguido por certo profissionais que para ali foram deslocados a fim de assegurar a execução das encomendas provenientes das várias instituições religiosas ali estabelecidas, nomeada e principalmente para Goa pela importância que detinha pela sua condição de sede eclesiástica.

Grande parte destes mestres europeus, que poderão até ter tido a intenção de aí permanecer inicialmente apenas de uma forma temporária, acabarão também por se introduzir no mercado local de encomendas e por se instalar num território novo e vasto, muito distante da metrópole, na mira da almejada fortuna, e onde o efeito da concorrência dos seus congêneres se faria, num primeiro momento, de certeza sentir menos. Revelar-se-á para estes profissionais ser possivelmente também mais aprazível passar a residir por lá em vez de optar pelo périplo de um regresso imediato ao velho continente, onde talvez pouco os prenderia, assim como até pela impossibilidade de o fazerem pela imposição de um degedo a que pudessem ter de estar sujeitos.

Da fixação na Índia destas variadas classes profissionais especializadas, resultou garantidamente, não só a formação dentro da especialidade de artistas locais, como o aparecimento de uma descendência familiar autóctone já sucedânea, e também já miscigenada, que se adapta e se impregna rapidamente da cultura local e a que passa assim a pertencer. Tornam-se pois naturalmente permeáveis a esta assimilação de

¹⁶¹ REIS, Mónica Esteves, “A Arte Retabular da Companhia de Jesus em Damão: focando o Retábulo de Nossa Senhora com o Menino na sacristia da Igreja de Nossa Senhora dos Remédios”, *Revista da História da Arte e Arqueologia* - nº 11, p. 43.

uma estética marcadamente asiática, que não poderia senão se exprimir numa produção que reflecte este processo de aculturação e que acaba por marcar a sua arte.

Nesta produção retabular, a arte de entalhar a madeira encontra também na Índia uma forte tradição escultórica local, onde os artistas são tidos por muitos como pertencentes aos Brâmanes, a mais dignificada das castas em que a sociedade ali se divide¹⁶².

Será importante também não menosprezar que os retábulos, destinando-se a integrar a composição arquitectónica dos pontos nucleares da convergência da devoção dos crentes, cuja grande maioria proviria portanto da evangelização daquela parte asiática do mundo, se compreendem por isso vir naturalmente a reflectir uma feição ao gosto endógeno, e que nesta região se vai portanto afirmar num *fácies* próprio.

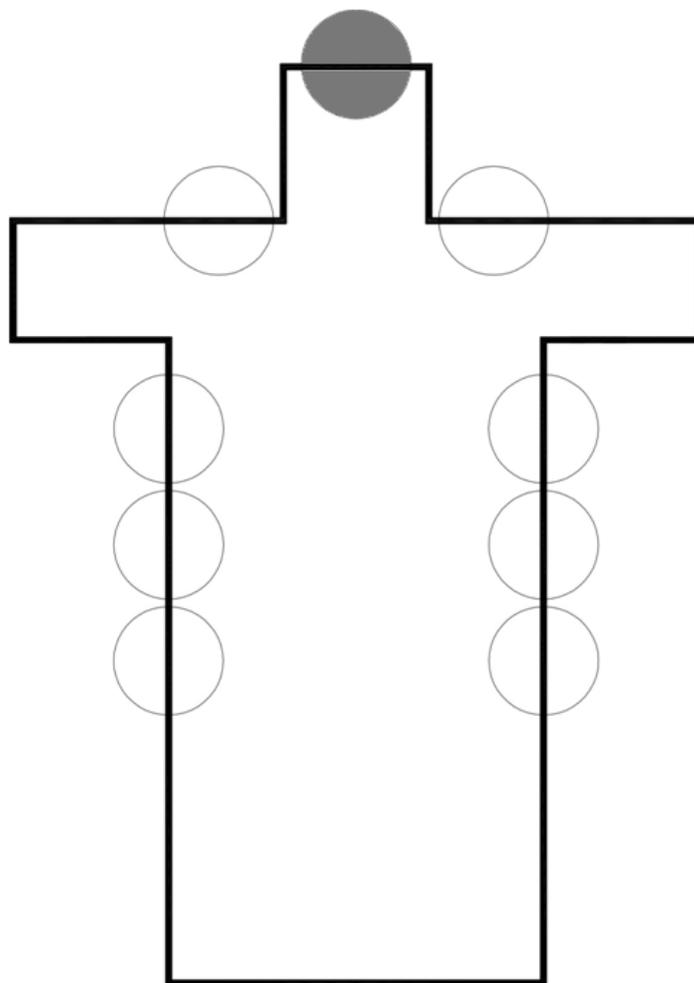
Do número incógnito de gerações de profissionais que foram incorporando estes centros produtivos na Índia ao longo do decurso dos anos, começam hoje a isolar-se alguns nomes como será o caso de Mestre Babuxa, identificado por Vítor Serrão como autor dos três retábulos da cabeceira da igreja do Convento de Santa Mónica, na Velha Goa, e que foram executados por volta de 1625¹⁶³.

¹⁶² REIS, Mónica Esteves, “A Arte Retabular da Companhia de Jesus em Damão: focando o Retábulo de Nossa Senhora com o Menino na sacristia da Igreja de Nossa Senhora dos Remédios”, *Revista da História da Arte e Arqueologia* - nº 11, p. 44.

¹⁶³ MECO, José, “A Talha Indo-Portuguesa”, in “As Artes Decorativas e a Expansão Portuguesa”, *Actas do 2º Colóquio de Artes Decorativas*, p. 5.

6. Catálogo dos retábulos recenseados

6.1 – Retábulo da capela-mor da igreja do antigo Colégio de Luanda





Luanda. Igreja do antigo Colégio da Companhia de Jesus

Retábulo da capela-mor

Execução: 1711-1713.

José Pereira

Ocupa a totalidade da parede testeira da capela-mor.

Retábulo eucarístico em pedraria policroma com embutidos a cores, de planta côncava, composto por embasamento de duplo registo, um corpo com três tramos, e ático. Exemplar que integra o Barroco pleno (c. 1668 – c. 1713), e apresenta tricromia base a vermelho, preto e branco. A execução deste retábulo foi ajustada por um contrato celebrado em Lisboa a 6 de Janeiro de 1711, no Colégio de Santo Antão-o-Novo, entre o padre jesuíta Francisco da Fonseca (procurador-geral das províncias da Índia) agindo em procuração do Colégio da Companhia de Jesus em Luanda e o mestre pedreiro José Pereira, morador por cima da igreja dos Anjos, e no qual ficou estabelecido que este último se comprometia a fazer, na policromia determinada, um “Retábulo de pedraria... e mais embutidos... tudo na forma do Risco”, ficando também fixado o prazo até Fevereiro de 1713 para a sua realização, assim como os demais detalhes regulando o seu posterior transporte para Luanda, bem como a sua ensablagem no destino.

O embasamento mostra banco e sotobanco, e assenta, com o altar, sobre estrado em pedraria. O banco apresenta nas ilhargas panos com embutidos, enquanto o sotobanco, intercalando painéis de embutidos e mísulas para suporte das colunas, apresenta ao centro um tabernáculo trifacetado, na tricromia do retábulo e cuja micro-arquitectura integra colunas torsas nas arestas.

O corpo, apresenta o tramo central interrompendo o entablamento e inscrevendo camarim com trono piramidal de quatro degraus. Os tramos laterais, ladeados por colunas torsas de seis espiras encimadas por capitel, apresentam no espaço intercolúnio um nicho, com mísula e cúpula. Debaxo e por cima de cada nicho, inscrevem-se painéis com ornamentos.

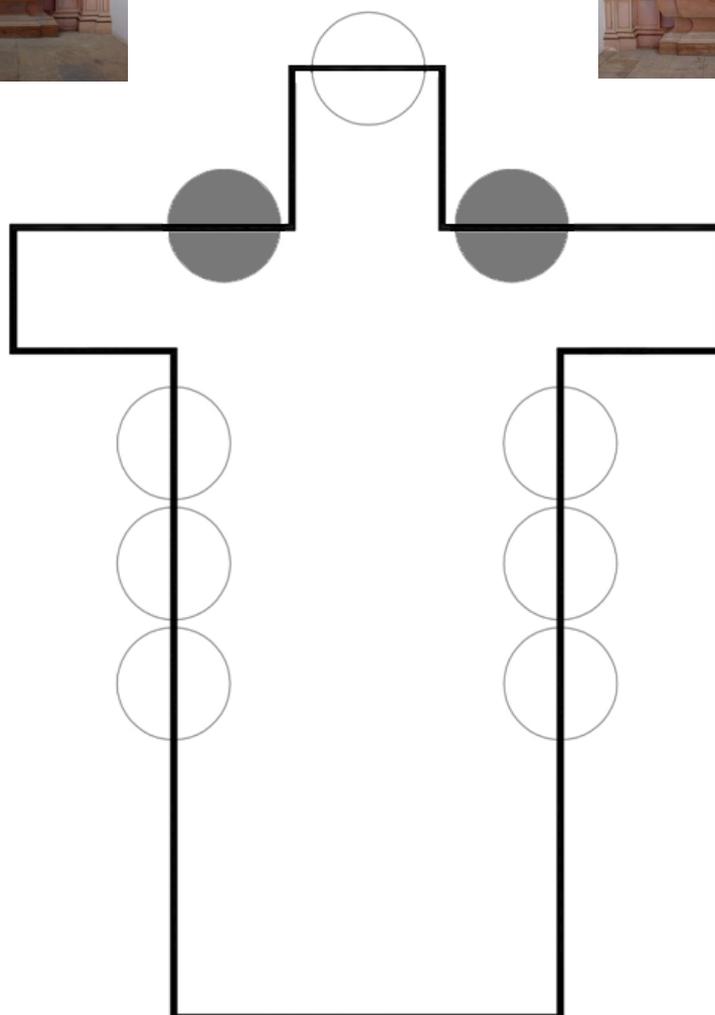
O entabulamento, é interrompido e desenvolve-se sobre os tramos laterais, e suporta o ático que se apresenta delimitado por dois arcos salomónicos, que por vez limitam uma arquivolta plena cortada por cinco aduelas com chave nas extremidades e seis panos contendo motivos embutidos.

O retábulo encontra-se cuidado e em razoável estado de conservação, estando o mármore vermelho oxidado e por isso com a sua coloração natural empalidecida.

Bibliografia específica:

- Fernando Batalha, *“Arquitectura Antiga de Luanda”, V Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros*, pp. 457 e 458;
- Francisco Lameira, *“O Retábulo da Companhia de Jesus em Portugal, 1619-1759”, Promontoria Monográfica História da Arte 02*, p. 32;
- Maria João Pereira Coutinho, *As artes decorativas e a expansão portuguesa. Imaginário e viagens, “Ars Marmoris: os mármore policromos do retábulo-mor da igreja do Colégio da Companhia de Jesus de Luanda”, pp. 279 a 292;*
- Pedro Dias, *História da Arte Portuguesa no Mundo (1415-1822), O Espaço Atlântico*, p. 99;
- Manuel Nunes Gabriel, *Os Jesuítas Na Primeira Evangelização de Angola*, p. 90;
- Manuel Nunes Gabriel, *Padrões da Fé Igrejas Antigas de Angola*, p. 62.

6.2 – Retábulos das capelas laterais da igreja do antigo Colégio de Luanda





Luanda. Igreja do antigo Colégio da Companhia de Jesus

Capelas colaterais da cabeceira

Execução: Primeiro quartel do século XVIII

Foram mandados executar pelos padres deste colégio certamente pouco após 1713, desconhecendo-se a identidade do artista autor da sua execução, sendo porém provável que este se encontrasse estabelecido em Luanda.

Ocupam a totalidade da parede testeira das capelas colaterais.

Retábulos devocionais a um só tema, em estuque marmoreado e policromo, de planta côncava, e que são compostos por, embasamento de registo duplo, um corpo com um tramo, e ático.

Os dois retábulos, sendo iguais e com detalhe de composição muito semelhante ao da capela-mor, diferem no orago e integram a conjuntura barroco pleno (c. 1668 – c. 1713). O do lado da Epístola tem hoje como orago Nossa Senhora de Fátima, enquanto o do lado do Evangelho Nossa Senhora da Conceição

O embasamento é portanto composto por banco e sotobanco, onde se inscrevem mísulas, e sobre este assenta o corpo do retábulo com nicho central encimado por arco de volta perfeita que interrompe o entablamento, bem como um par de colunas torsas com seis espiras em cada ilhargia apresentando-se o espaço intercolúnio marcado por painel liso apenas emoldurado por friso em relevo.

O entablamento é interrompido e circunscreve-se apenas às ilhargas.

O ático é cortado por cinco aduelas com chaves nas extremidades, inscrevendo dois arcos salomónicos que delimitam uma arquivolta plena.

Encontram-se cuidados e em razoável estado de conservação.

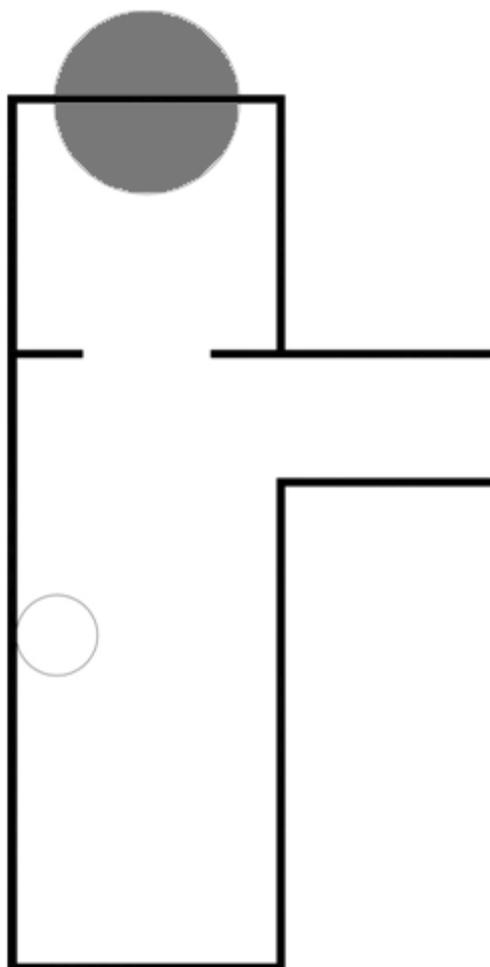
Bibliografia específica:

- Fernando Batalha, *“Arquitetura Antiga de Luanda”, V Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros*, pp. 457 e 458;

- Manuel Nunes Gabriel, *Os Jesuítas Na Primeira Evangelização de Angola*, p. 90.



6.3 – Retábulo da capela-mor da igreja do antigo Colégio da Ilha de Moçambique





Ilha de Moçambique. Igreja do antigo Colégio da Companhia de Jesus

Retábulo da capela-mor

Execução: Segundo quartel do século XVIII

Ocupa a maior parte da parede testeira da capela-mor.

Foi mandado executar pelos responsáveis do colégio no segundo quartel do século XVIII, e é da autoria de artistas desconhecidos de Goa.

Retábulo eucarístico em talha dourada, de planta plana, composto por banco, dois corpos com três tramos, e ático. O retábulo incorpora ao todo oito nichos para colocação de equipamento litúrgico e de estatuária sacra. Constitui exemplar de talha indo-portuguesa do período do barroco final, com colunas torsas de seis espiras aos pares, apresentando grinaldas de flores nas gargantas, e estando colocadas em delimitação dos panos. Ou provém de uma oficina de Goa, ou foi executado localmente por artistas daí provenientes e para tal deslocados.

O embasamento em alvenaria restringe-se ao banco e, afastando-se do corpo do retábulo, incorpora um espaço com degraus nas ilhargas para acesso ao nível do nicho central. No corpo inferior, o tramo central apresenta o maior nicho do retábulo inscrevendo o tabernáculo e está delimitado por pilastras rematadas por arco de volta perfeita. Os tramos laterais são limitados por pares de colunas torsas de desenvolvimento inverso e seis espiras, contendo nicho de cúpula semiesférica coberto por frontão. Um entablamento contínuo marca a separação dos dois corpos. O corpo superior incorpora outros três nichos, sendo o do tramo central maior e os dos laterais cobertos por frontão. Os tramos laterais são demarcados pelo mesmo tipo de colunas pares. Ao último corpo sobrepõe-se novo entablamento contínuo.

O ático, sendo encimado por palmeta e ladeado por cornucópias, apresenta um nicho em cada ilharga. Ao centro, e de notável grandeza, está colocado o brasão com o trigrama - IHS - dos Jesuítas, ladeado por colunas únicas de igual composição à dos corpos, e suportando um frontão curvo interrompido.

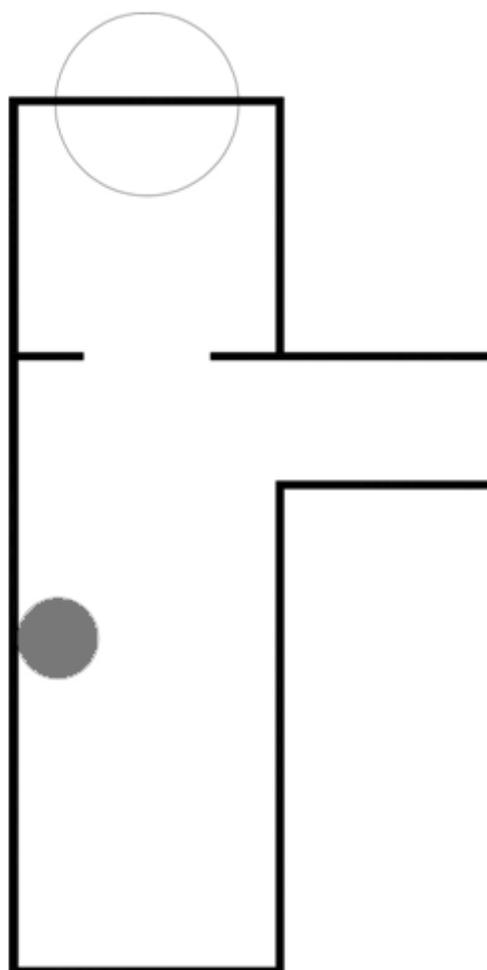
De notar a ausência das representações escultóricas dos nichos, nomeadamente a do orago (S. Paulo) e as dos quatro outros santos da Companhia. Não subsistirá também hoje o primeiro corpo deste tabernáculo, elemento que completaria deste modo a composição característica destes exemplares.

O retábulo encontra-se em mau estado de conservação e a necessitar de intervenção urgente não só nesse sentido como até de restauro.

Bibliografia específica:

- Alberto Feliciano Marques Pereira, *A Arte em Moçambique*, p. 97;
- Alberto Feliciano Marques Pereira, *Valores Artísticos Religiosos dos Séculos XVII a XIX, Existentes na Província de Moçambique*, p. 39;
- Alexandre Lobato, *A Ilha de Moçambique - Monografia*, pp. 25 a 28;
- Alexandre Lobato, *Ilha de Moçambique - Panorama Histórico, "Capela de S. Paulo"*;
- José Meco, "A Talha Indo-Portuguesa", *As Artes Decorativas e a Expansão Portuguesa, Actas do 2º Colóquio de Artes Decorativas*, p. 6, e "As artes decorativas", *História da Arte em Portugal*, volume 7, o *Maneirismo*, Alfa, Lisboa, 1986, p.161.
- Pedro Dias, *História da Arte Portuguesa no Mundo (1415-1822), O Espaço do Índico*, p. 372.
- James Riley, "The museums of Mozambique Island", *V Encontro de Museus de Países e Comunidades de Língua Portuguesa*, p. 135.
- Sara de Sousa Teixeira, "A Arte Indo-Portuguesa em Moçambique", *Actas do IV Simposium Internacional, Língua Portuguesa - Diálogo entre Culturas*, Aprender, Revista da Escola Portuguesa de Moçambique – Centro de Ensino e Língua Portuguesa, p. 196.
- Sara de Sousa Teixeira, "Museus da Ilha de Moçambique e a Preservação de Memórias Colectivas", *Aprender Juntos*, Revista da Escola Portuguesa de Moçambique – Centro de Ensino e Língua Portuguesa, Ano III, número 4-5, p. 86.

6.4 – Púlpito da igreja do antigo Colégio da Ilha de Moçambique





Ilha de Moçambique. Igreja do antigo Colégio da Companhia de Jesus

Púlpito

Execução: C. 1641

Localiza-se na nave no lado do Evangelho, foi mandado executar pelos padres da Companhia na primeira metade do século XVII, desconhecendo-se a identidade dos autores, seguramente entalhadores sediados em Goa.

Em madeira entalhada e policroma, apresenta planta poligonal e comporta caixa ou cálice, saco ou parte inferior da bacia e sobrecéu ou guarda-voz.

O saco em forma de taça rematada por pináculo, onde se inscrevem lóbulos, que, decalcando a planta octogonal, são demarcados por um dragão em cada aresta e ornamentados por imaginária de notação oriental.

A caixa é composta por sete tramos, definidos por colunas com o terço inferior decorado por brutescos, e o resto do fuste com caneluras. Em cada tramo surge um nicho preenchido com imagem em alto-relevo de santos assente em mísula.

O sobrecéu tem planta octogonal, avultando na face inferior lavra vegetalista de feição asiática.

Encontra-se em mau estado de conservação, faltando possivelmente o espaldar.

Bibliografia específica:

- Alberto Feliciano Marques Pereira, *A Arte em Moçambique*, p. 101;
- Alberto Feliciano Marques Pereira, *Valores Artísticos Religiosos dos Séculos XVII a XIX, Existentes na Província de Moçambique*, p. 43;
- Alexandre Lobato, *A Ilha de Moçambique - Monografia*, pp. 25 a 28;
- Alexandre Lobato, *Ilha de Moçambique - Panorama Histórico, "Capela de S. Paulo"*;
- Francisco Lameira, *"O Retábulo em Portugal, das origens ao declínio"*, *Promontoria Monográfica História da Arte 01*, p. 116;
- José Meco, *"A Talha Indo-Portuguesa"*, in *"As Artes Decorativas e a Expansão Portuguesa"*, *Actas do 2º Colóquio de Artes Decorativas*, p. 6;
- Pedro Dias, *História da Arte Portuguesa no Mundo (1415-1822), O Espaço do Índico*, p. 373.
- James Riley, *"The museums of Mozambique Island"*, *V Encontro de Museus de Países e Comunidades de Língua Portuguesa*, p. 135.

- Sara de Sousa Teixeira, "A Arte Indo-Portuguesa em Moçambique", *Actas do IV Simposium Internacional, Língua Portuguesa - Diálogo entre Culturas*, Aprender, Revista da Escola Portuguesa de Moçambique – Centro de Ensino e Língua Portuguesa, p. 196.

- Sara de Sousa Teixeira, "Museus da Ilha de Moçambique e a Preservação de Memórias Colectivas", *Aprender Juntos*, Revista da Escola Portuguesa de Moçambique – Centro de Ensino e Língua Portuguesa, Ano III, número 4-5, p. 86.

- Vítor Serrão, "Para uma metodologia de pesquisas integradas sobre a arte Luso-Moçambicana no período colonial: Dois casos mal conhecidos de pintura dos séculos XVII e XVIII", *Actas do IV Simposium Internacional, Língua Portuguesa - Diálogo entre Culturas*, pp. 276 e 277.

7. Conclusão

Foi aqui empreendido um percurso de análise que se pretendeu possa ajudar, não só a compreender desde a sua génese e passando pela sua aceitação e consecutivo amadurecimento, assim como a explicar a essência das gramáticas das duas expressões distintas da arte retabulística dos jesuítas existentes em ambas as costas africanas, onde se assumem hoje por vértice tanto os retábulos da igreja de Jesus em Luanda bem como os exemplares em talha da capela de São Paulo na Ilha de Moçambique, templos estes que, integrando os respectivos complexos colegiais da Companhia de Jesus aí edificadas, inscrevem e denotam em toda a sua abrangência as duas realidades diferentes donde são hirsutos, e a que pertenceram.

Angola e a costa ocidental de África constituem uma região deste continente primeiramente demandada pelos Portugueses nas suas viagens marítimas, o que terá vindo a acontecer nas diferentes expedições que empreenderam sempre mais para Sul, e que culminaram com a determinação do caminho marítimo para a Índia. Esta costa sendo mais próxima, tornou-se assim de mais fácil e frequente acesso, o que permite compreender uma mais regular e maior transferência de influxos a partir da metrópole. Talvez fruto do enraizamento de uma preferência adquirida por esta mesma proximidade edificadora que ali chega difundida de Portugal, ainda hoje Luanda transfigura uma marcada semelhança com o edificado metropolitano no seu tecido urbano contemporâneo.

O Oceano Índico cuja teia de ligações, existente entre os seus povos costeiros e ao longo da história, só hoje começa por seu lado a ser compreendida. Recordemos que Vasco da Gama na sua primeira viagem aporta a Melinde, onde embarca um piloto árabe que vai conduzir a frota até Kappakadavu, próxima de Calecute, na costa sudoeste da Índia. É pois normal que os Portugueses tenham tomado rapidamente consciência da existência destes corredores transaccionais antigos e activos, e, ao instalarem-se naquela região do mundo, venham deste modo a decalcar e a aproveitar a essência dessas ligações.

É portanto deste ponto de destino, cuja rota marítima fica então aberta para a Europa, que naturalmente, e com a consolidação da presença portuguesa na Índia, irá fluir dali a sua autoridade sobre os entrepostos e praças estabelecidos na outra costa do Oceano Índico, tornando-a assim dependente não só administrativa como eclesiástica e culturalmente.

É também importante realçar a questão que se prende com a diferença da introdução da presença cultural portuguesa em África. Esta ocorre de uma forma directa em Angola, e também indirectamente, por via da Índia, em São Sebastião de Moçambique, que permanece sob a administração do governo estabelecido na Índia e eclesiasticamente sufragânea de Goa.

É pela importância estratégica desta praça, que a Ilha de Moçambique se viu investida em 1752 na responsabilidade de passar a ser a capital de Moçambique, passando então a estar separada da administração da Índia, mas donde porém recebeu ao longo da sua consolidação como aglomerado habitacional grande influência, e por isso acabando por se constituir culturalmente mais como uma sua ramificação.

O complexo da Companhia de Jesus que aqui é portanto edificado, estando de igual modo sujeito à orientação proveniente da Província de Goa, compreende-se que receba assim e naturalmente dali os influxos artísticos para a animação dos espaços do seu templo. É na igreja deste colégio que se encontram pois os dois exemplares de talha indo-portuguesa em estudo, pelo que sendo ambos de produção goesa, impôs-se portanto associar aqui a leitura das especificidades próprias àquele centro produtivo.

Deste encontro de culturas resulta que, a evangelização em Angola se deparou com a realidade factual de ter de intervir junto de uma sociedade de gentios leigos, levando uma existência que se preservaria então num patamar civilizacional semelhante ao europeu posicionado entre o Calcólito e o limiar de uma primeira Idade do Ferro de raízes alóctones, enquanto a da Índia teve de se moldar por parâmetros totalmente diferentes, pois confrontou-se ali com a presença de uma cultura local erudita e milenar, a qual foi pois necessário compreender e assimilar para nela se poder movimentar e progredir.

Em Angola no lado ocidental da costa ocidental africana, é a introdução de um culto envolvido na novidade do relato bíblico com o êxtase da sua expressão e ornamentação específicas, assim como não menos desprezável, o facto desta mesma evangelização se apresentar alicerçada em todo um poderio transposto pela surpresa e incompreensão das novidades tecnológicas que são então igualmente trazidas pelos portugueses.

Enquanto no outro lado, irradiando da Índia para as praças portuguesas estabelecidas na costa oriental, a expressão de uma necessidade de coabitação da cristandade numa região do mundo em que culturalmente, tanto a religião é tida com particular e enfática devoção, e o misticismo com ela coabita e nela se imiscui, como não só a organização social é complexa mas também o edificado pre-existente já notável.

Ressalta igualmente um aspecto que se reveste ser de importância no estudo da produção retabulística jesuíta nestes dois polos africanos, e que é o que se prende meramente com a diferenciação da escala de edificação dos complexos da Companhia de Jesus existentes em Luanda e na Ilha de Moçambique. Uma é feita de raiz e para ser sumptuosa, e a outra é consecutivamente adaptada e remodelada ao longo do tempo, sendo inicialmente levantada como fortificação, vindo depois a alicerçar o colégio, e acabando por servir finalmente de palácio governamental.

Em Luanda trata-se de uma edificação concebida com grande envergadura e surpreendendo, não só pelo edifício do Colégio, mas principalmente pela sua igreja cuja fachada perspectiva a notoriedade que se pretendeu atribuir ao local. Também o retábulo da capela-mor desta igreja, realizado portanto numa oficina de Lisboa, denota esta mesma monumentalidade de concepção, pois constitui-se ser um dos poucos exemplares de retábulos em pedraria com embutidos de cores integrando o espólio ainda existente nos templos que estiveram sob a administração da Companhia de Jesus no mundo português.

Na Ilha de Moçambique, são ali portanto aproveitadas as ruínas da que constitui ser a primeira fortificação da praça, e nelas se edifica o complexo do Colégio de São Francisco Xavier e da sua igreja, que presentemente como Palácio de São Paulo e sua capela constituem expoentes do edificado urbano da Ilha de Moçambique. Esta

radicação de um colégio dos Jesuítas nesta praça, é a que prevalece hoje como a que fora delineada como sendo uma das três opções recomendadas para a sua localização em Moçambique. A Companhia de Jesus, e conforme fora a opinião de Goa, acaba por se estabelecer assim no que constituía ser o principal aglomerado português existente nesse território.

As ruínas que são portanto doadas à Companhia de Jesus, são assim parcialmente aproveitadas para a construção do complexo do colégio com a sua igreja, e é neste templo que se encontram tanto o púlpito como o retábulo da capela-mor em talha indo-portuguesa.

Reforça a naturalidade desta ligação constante de Moçambique com a Índia, o facto de Bartolomeu Lopes ser considerado o mesmo instituidor, tanto deste Colégio da Ilha como do Colégio de Diu, vindo os seus restos mortais a repousar divididos por ambos os lugares. Aliás e como se viu, não foi este o único doador a apoiar os empreendimentos da Companhia, quer em Moçambique, quer na Índia, sendo também disso exemplo o caso de João Dias Ribeiro, nobre nascido em Cabo Delgado no norte de Moçambique.

Na igreja do Colégio de Luanda subsistem dois retábulos pertencentes às capelas colaterais da cabeceira em estuque policromo e marmoreado imitando pedraria, que se apresentam com uma excelente qualidade de execução, e que se considerarão como sendo o vértice local de uma produção que poderá ter estado ali estabelecida.

Em Luanda perpassa assim a existência de uma produção retabulística de qualidade em estuque, denotando-se que ali prevalece, já desde o século XVII e até portanto meados do século XVIII, uma preferência pela feitura de retábulos neste material e técnica.

Esta execução de retábulos em alvenaria e estuque, ocorre como se viu igualmente em outras igrejas de Luanda, como a de Nossa Senhora da Conceição, de Nossa Senhora da Nazaré e de Nossa Senhora do Carmo. Terá portanto também paralelamente ocorrido em Luanda a disponibilidade de um núcleo de alvanéis, que possivelmente já aí se tenha fixado, e cuja produção se estenderá assim por cerca de século e meio.

Constata-se igualmente, que a realização dos dois retábulos em estuque da igreja dos jesuítas em Luanda, só podendo ter sido executados senão no local onde se encontram, vem a anteceder, em cerca de trinta anos, o primeiro exemplar que se regista existir numa igreja da Companhia de Jesus no território metropolitano português.

Deduziu-se igualmente, e para concluir as considerações sobre a ocorrência da retabulística dos jesuítas em ambos os locais, ter existido pelo menos um retábulo relicário na igreja de Luanda, que se encontraria na capela cujo orago era São Francisco Xavier, e aventando-se, apenas pela transposição de padrão usual, também poder ter existido algum destes exemplares na igreja do Colégio da Ilha de Moçambique.

Quanto à talha indo-portuguesa, permanecendo filiada na produção europeia, é portanto um hibridismo reflectindo a ocorrência de uma aculturação de raiz oriental que deverá ser compreendida inserida na retabulística como uma especificidade da produção portuguesa, e que no caso específico deste trabalho ocorre sob o enquadramento de uma encomenda que provém da Companhia de Jesus.

Também para ambos os casos, ou seja para uma produção de feição atlântica em Luanda assim como para uma produção de feição Índica na Ilha de Moçambique, procedeu-se às análises formal, sociológica, iconológica e estruturalista dos exemplares aqui reunidos. Em todos estes foi assim dada atenção a estes quatro factores de estudo, ou seja, a caracterização pela arquitectura que apresentam, a resposta que proporcionam como destino de culto e no contexto litúrgico em que se inscrevem, a carga específica que cada exemplar transfigura na especificidade do orago a que se presta bem como dos que eram particularidade da Companhia de Jesus, e a componente determinada pela epistemologia a que cada um obedece.

Este estudo sobre os retábulos das igrejas dos colégios da Companhia de Jesus nas duas costas africanas, acabou igualmente por proporcionar, o que não se reveste de somenos importância, a possibilidade de associar um registo fotográfico actual a alguns documentos interessantes e alusivos à arquitectura destes colégios e das respectivas igrejas, os quais já se encontram publicados em várias fontes bibliográficas, versando questões periféricas, mas nem sempre sendo facilmente acessíveis.

Sobre os retábulos em si, não constituiu objectivo nuclear deste trabalho procurar pois fontes inéditas, nem tão pouco trazer para a ribalta questões inovadoras, mas, não deixando de se gerar porém a oportunidade de se poder introduzir algumas precisões, apenas interessou o suscitar de forma estruturada e abrangente, muito por recurso à leitura conjectural possível e como resultante de uma interacção multidisciplinar, a compreensão da génese da produção retabulística existente nas duas costas africanas, a qual tem apenas sido referida de forma empírica e factual.

Foi pois assim possível estabilizar algumas considerações e constatar, para além da já explicada existência das duas influências distintas, o facto de transparecer igualmente na realização do programa da arquitectura do interior da igreja da Ilha de Moçambique, uma preferência da Companhia de Jesus por uma produção retabulística de feição compositiva diferente e em autonomia ao seu habitual padrão ornamental metropolitano e coevo. Tal deve no entanto ser assumido como nunca ter acontecido à revelia de uma cadeia decisória hierárquica consciente, e à qual era necessário se submeter internamente, bem como ter preservado sempre, apesar da presença de elementos figurativos provenientes da mística pagã, o decoro doutrinado e a que se obrigava estar cingida.

Esta diferença na composição decorativa, que se constata existir na ornamentação do espaço deste templo jesuíta, poderá justificar-se não só pela proximidade geográfica e consequente afinidade com a Índia, como talvez por se ter então constituído também como sendo socialmente a opção mais propícia e adequada a ter de ser tomada para a sua concepção, podendo atestar desta forma também o moldar de uma abordagem evangélica da Companhia perante a existência de outras sensibilidades culturais da Ilha, procurando não só compreendê-las como buscar desta feita uma aproximação.

Nestas costas de África, mais especificamente em São Paulo da Assunção de Luanda, em Angola, e em São Sebastião de Moçambique, na Ilha, as manifestações edificadoras diversificadas da Companhia de Jesus que ali ocorrem, sendo como já visto na primeira marcadamente de raízes atlânticas e na outra Índicas, é de aceitar que implicaram em ambos os lugares a afirmação de escolas artísticas de génese diferente, marcadas pelas características próprias ao sistema estruturalista da periodização da retabulística

portuguesa, com enquadramentos sociais próprios, e resultando para cada uma delas em características formais e iconográficas distintas.

Os retábulos da Companhia de Jesus que se encontram portanto na capela-mor da igreja do Colégio de Luanda e na da igreja do Colégio da Ilha de Moçambique, ambos da primeira metade do século XVIII, sendo respectivamente do primeiro e segundo quartel, assim como os dois outros colaterais da primeira, que lhe são contemporâneos, e o púlpito da segunda, de meados do século XVII, fazendo claramente transparecer as duas realidades produtivas distintas de que são fruto, constituem-se ser por isso, e neste domínio específico da retabulística, os dois expoentes da digitação da arte dos jesuítas que hoje ainda ocorre em África.

8. Bibliografia

AARHUS, Arkitektskolen i (Danmark), *Ilha de Moçambique – Relatório/Report*, Secretaria de Estado da Cultura, Moçambique, 1982-85.

ALMEIDA, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, Academia das Ciências de Lisboa, Portucalense Editora e Livraria Civilização Editora, Volumes I, II, III, IV, Barcelos, 1967-1971.

ANDRÉ, Emmanuel, sj, HERMANS, Michel, sj, “UN PORTRAIT ANCIEN D’IGNACE DE LOYOLA. SA VALEUR ET SON ODYSSÉE”, *ARCHIVUM HISTORICUM SOCIETAS IESU, ANNO LX. FASC. 119, ROMAE, IAN. – IUN. 1991*.

AXELSON, Eric, *Portuguese in South-East Africa 1600-1700*, Witwatersrand University Press, Johannesburg, 1960.

BANGERT, William V., sj, *História da Companhia de Jesus*, Livraria A.I. – Apostolado da Imprensa, Porto, Abril 1985.

BARROSO, D. António, Bispo de Híméria e Prelado de Moçambique, *Relatório, em 1894*, Companhia Editora do Minho, Barcelos (Arquivo Histórico de Moçambique, Cota C274d).

BATALHA, Fernando, “*Arquitectura Antiga de Luanda*”, *V Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros – Coimbra 1963*, Actas, Volume IV, Coimbra, 1966.

BIBLIOTECA ESTENSE, em Modena, Itália,

Itália <http://bibliotecaestense.beniculturali.it/info/img/geo.html>

BRÁSIO, Padre António, *Monumenta Missionária Africana*, Academia Portuguesa da História, Volumes V, XII, XIII, XIV e XV, Lisboa, 1982.

CADORNEGA, António de Oliveira de, *História Geral das Guerras Angolanas, 1680*, anotado e corrigido por José Matias Delgado, Tomos I, II e III, Agência Geral do Ultramar, Lisboa, 1972.

CARVALHO, Ayres de, *Novas Revelações Para a História do Barroco em Portugal*, Separata de BELAS-ARTES Nº 20, Lisboa, 1964.

CORREIA, Francisco, sj, *O Venerável Padre Gonçalo da Silveira, Proto-mártir da África Austral (1521-1561)*, Editorial A.O., Braga, Fevereiro de 2006.

COUTINHO, Maria João Pereira, “*Ars Marmoris: os mármores policromos do retábulo-mor da igreja do Colégio da Companhia de Jesus de Luanda*”, Actas do 2º Colóquio de Artes Decorativas. *As artes decorativas e a expansão portuguesa. Imaginário e viagens*, ESAD, CCCM, FRESS, Lisboa, 2010.

CÚRIA PROVINCIAL DA COMPANHIA DE JESUS, *Constituições da Companhia de Jesus e Normas Complementares*, Livraria A.I. - Apostolado da Imprensa, Lisboa 1997.

DIAS, Pedro, *História da Arte Portuguesa no Mundo (1415-1822), O Espaço do Índico*, Circulo de Leitores, Lisboa, 1998.

DIAS, Pedro, *História da Arte Portuguesa no Mundo (1415-1822), O Espaço Atlântico*, Círculo de Leitores, Lisboa, 1999.

DUARTE, irmã Eliete, “*Identificação Hagiográfica*”, Irmãs Paulinas, eliete@paulinas.pt, Maio 10, 2012.

FELICIANO, Mateus, “*Ordem dos Jesuítas*”, Blog da Seara, Seara Urbana, <http://searaurbana.com/?p=1416> .

FONSECA, Pedro Quirino da, e outros, *Monumenta, Boletim da Comissão dos Monumentos Nacionais da Província de Moçambique nº 6*, Imprensa Nacional de Moçambique, Lourenço Marques, 1970.

FONSECA, Pedro Quirino da, “*Algumas descobertas de interesse histórico-arqueológico na Ilha de Moçambique*”, *Monumenta, Boletim da Comissão dos Monumentos Nacionais da Província de Moçambique nº 8*, Empresa Moderna, Lourenço Marques, 1972.

FREIRE, Luiz Alberto Ribeiro, *XXII Colóquio Brasileira de História da Arte, "A Origem e Evolução dos Retábulos Baianos"*, CHBA, 2002,

<http://www.chba.art.br/coloquios/2002/textos/texto22.pdf> .

GABRIEL, Manuel Nunes, *Os Jesuítas Na Primeira Evangelização de Angola*, Edição do Secretariado Nacional das Comemorações dos 5 Séculos, Escola Tipográfica das Missões, Cucujães, Fevereiro 1993.

GABRIEL, Manuel Nunes, *Padrões da Fé Igrejas Antigas de Angola*, Editora Pax, Braga, 1981.

GEORGETOWN UNIVERSITY, Washington DC, Estados Unidos da América, <http://jesuits.georgetown.edu/heritage4.html> .

GONÇALVES, Nuno da Silva, sj, *"A Companhia de Jesus em Portugal"*, http://www.companhia-jesus.pt/intro/hist_port.htm.

GONÇALVES, Nuno da Silva, sj, *Os Jesuítas e a Missão de Cabo Verde (1604-1642)*, Brotéria, Lisboa, 1996.

GOOGLE Imagens, <http://www.google.com/imghp?hl=pt-PT&tab=wi> .

GOOGLE Mapas, <http://maps.google.com/maps?hl=pt-PT&tab=il> .

IGESPAR, *Património, "Ilha de Moçambique"*, www.igespar.pt.

LAMEIRA, Francisco, *"O Retábulo em Portugal, das origens ao declínio"*, *Promontoria Monográfica História da Arte 01*, Departamento de História, Arqueologia e Património da Universidade do Algarve, Loulé, 2005.

LAMEIRA, Francisco, *"O Retábulo da Companhia de Jesus em Portugal, 1619-1759"*, *Promontoria Monográfica História da Arte 02*, Departamento de História, Arqueologia e Património da Universidade do Algarve e Centro de História da Arte da Universidade de Évora, Loulé, 2006.

LIMA, Viana de, *A Ilha de Moçambique em perigo de desaparecimento, uma perspectiva histórica, um olhar para o futuro*, Fundação Calouste Gulbenkian, Porto, Agosto de 1983.

LOBATO, Alexandre, *A Ilha de Moçambique (Monografia)*, Imprensa Nacional de Moçambique, Lourenço Marques, 1945.

LOBATO, Alexandre, *Ilha de Moçambique Panorama Estético*, Agência-Geral do Ultramar, Lisboa, 1966.

LOBATO, Alexandre, *Ilha de Moçambique Panorama Histórico*, Agência-Geral do Ultramar, Lisboa, 1967.

LOYOLA, Inácio, *Ecrits*, traduzidos e apresentados sob a direcção de GIULIANI, Maurice, sj, Collection Christus, nº 76, Desclée de Brouver, Paris, 1991.

MACIEIRA, Isabel Maria de Sousa Nunes da Silva, *A Ilha de Moçambique durante a Idade Moderna: a “Cidade de Pedra e Cal”*, Universidade do Algarve, Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Mestrado em História da Arte Portuguesa, Faro, 2007.

MARJAY, Frederic P., *Índia Portuguesa – Estudo Histórico*, Livraria Bertrand, Lisboa, 1959.

MECO, José, “A Divina Cintilação – Talha, Azulejos, Mármore, Chinoiserie”, in AA. VV., *O Convento dos Cardaes, Veios da Memória*, Quetzal, Lisboa, 2003.

MECO, José, “A Talha Indo-Portuguesa”, in “As Artes Decorativas e a Expansão Portuguesa”, *Actas do 2º Colóquio de Artes Decorativas*, Lisboa, 2010.

MUSEU DE SÃO ROQUE, em Lisboa, Portugal,
<http://www.museudesoroque.com/pt/exposicao-permanente/companhia-de-jesus/retrato-do-rei-d-joao-iii.aspx> .

MUTAL, S. (Coordenador/Consultor), “Relatório Global”, *Ilha de Moçambique Património Mundial – Um programa de Desenvolvimento Humano Sustentável e Conservação Integral*, 6 Volumes sectoriais e relatórios com mapas dos locais, STS/PNUD/UNESCO/WHC, Maputo, Dezembro 1998.

PEREIRA, Alberto Feliciano Marques, *A Arte em Moçambique*, Lisboa, 1966.

PEREIRA, Alberto Feliciano Marques, *Valores Artísticos Religiosos dos Séculos XVII a XIX, Existentes na Província de Moçambique*, Lisboa, 1965.

QUELHAS, A., “*Catafalco, Sé de Luanda*”, *Pensar e Falar Angola*, 2007,
<http://blogdangola.blogspot.pt/2007/06/catafalcp-s-de-luanda.html> .

REIS, Mónica Esteves, “*A Arte Retabular da Companhia de Jesus em Damão: focando o Retábulo de Nossa Senhora com o Menino na sacristia da Igreja de Nossa Senhora dos Remédios*”, *Revista da História da Arte e Arqueologia - nº 11*, Universidade Estadual de Campinas, Brasil, Janeiro-Junho 2009.

REIS, Mónica Esteves, “*Esclarecimentos sobre os retábulos indo-Portugueses – Goa*”, monicaereis@gmail.com. Maio 08, 2012.

REIS, Mónica Esteves, *O Retábulo da Companhia de Jesus – Damão e Diu*, Relatório do Seminário de Curso da Licenciatura em Património Cultural, Universidade do Algarve, Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Departamento de História, Arqueologia e Património, Gambelas, Junho de 2007.

RIBEIRO, Irmão Avelino, sj, “*Ajuda com informações sobre iconografia*”, avelino.ribeiro@jesuitas.pt, Dezembro 2012.

RILEY, James, “*The museums of Mozambique Island*”, *V Encontro de Museus de Países e Comunidades de Língua Portuguesa*, Ministério da Cultura de Moçambique, Departamento de Museus, Maputo 18 a 24 de Setembro de 2000, pp. 133 a 140.

RODRIGUES, Eugénia, ROCHA, Aurélio, e NASCIMENTO, Augusto, *Ilha de Moçambique*, Alcance Editores.

RODRIGUES, Hélder, “*Igreja do Antigo Convento de Santa Teresa dos Carmelitas Descalços de Luanda*”, *Promontória, Revista do Departamento de História, Arqueologia e Património da Universidade do Algarve*, , nº 9, pp. 157 a 170, Loulé, 2011.

RODRIGUES, Simão, *Memórias fundacionais e outros escritos*, tradução e organização de Francisco de Sales Baptista, sj, Editorial A.O., Braga, Setembro de 2010.

SALE, Giovanni (direcção), *L’Art des Jésuites*, Paris, Mengés, 2003.

SANTOS, Frei João dos, *Ethiopia Oriental*, Manoel de Lira Impressor, Évora, 1609 (Biblioteca do Arquivo Histórico de Moçambique, Cota A-5).

SCHEBESTA, Paul, *Portugal : a Missão da Conquista no Sudeste de África*, Missionários do Verbo Divino, Lisboa, 2011.

SERRÃO, Vítor, “*Para uma metodologia de pesquisas integradas sobre a arte Luso-Moçambicana no período colonial: Dois casos mal conhecidos de pintura dos séculos XVII e XVIII*”, *Actas do IV Simposium Internacional, Língua Portuguesa - Diálogo entre Culturas*, Aprender, Revista da Escola Portuguesa de Moçambique – Centro de Ensino e Língua Portuguesa, p. 269 a 289, Maputo, 2008.

SILVA, Francisco Ferreira da, *A Obra Missionária na Província de Moçambique*, Relatório, Typografia a Vapor da Officina de S. José, Porto, 1911.

SOUSA, José Augusto Alves de, sj, *Os Jesuítas em Moçambique 1541-1991*, Livraria Apostolado da Imprensa, Braga, 1991.

SOUSA, José Augusto Alves de, sj, CORREIA, Francisco Augusto da Cruz, sj, *500 Anos de Evangelização em Moçambique (11 de Março de 1498 – 11 de Março de 1998)*, Livraria A.I., Braga, Paulinas, Maputo, 1998.

TEIXEIRA, Sara de Sousa, “*A Arte Indo-Portuguesa em Moçambique*”, *Actas do IV Simposium Internacional, Língua Portuguesa - Diálogo entre Culturas*, Aprender, Revista da Escola Portuguesa de Moçambique – Centro de Ensino e Língua Portuguesa, Maputo, 2008, pp. 193 a 200.

TEIXEIRA, Sara de Sousa, “*Museus da Ilha de Moçambique e a Preservação de Memórias Colectivas*”, *Aprender Juntos*, Revista da Escola Portuguesa de Moçambique – Centro de Ensino e Língua Portuguesa, Ano III, número 4-5, Janeiro 2005, pp. 80 a 87.

TRIGUEIROS, António, sj, apresentação multimédia “*Simão Rodrigues – Sessão evocativa dos 500 anos do seu nascimento*”, *Revista Brotéria*, Igreja de São Roque, Lisboa, 9 de Dezembro de 2010.

VERDETE, Carlos, *História da Igreja Católica, do Cisma do Oriente (1054) até ao fim do século XIX*, Volume II, Paulus Editora, Lisboa, 2009.

VITRÚVIO, *Tratado de Arquitectura*, tradução do latim, introdução e notas por M. Justino Maciel, IST PRESS, Lisboa, 2009.

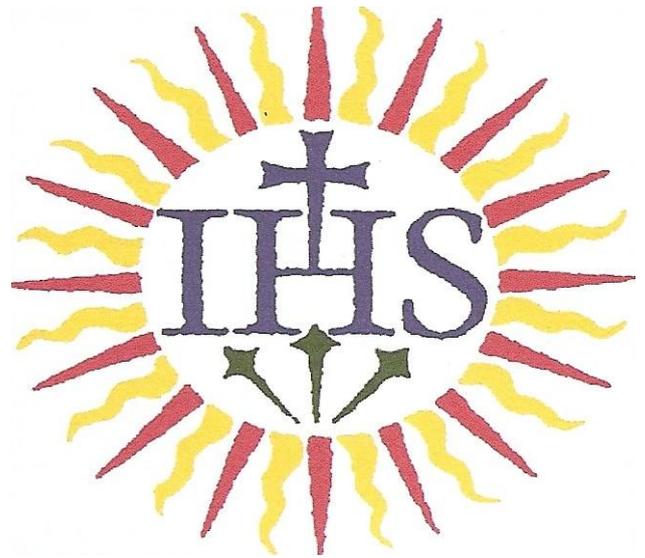
WIKIPEDIA, <http://en.wikipedia.org/wiki/File:Luanda.jpg> .

9. Apêndice documental e fotográfico



Doc. 1 – Inácio de Loyola

Fonte: Google imagens – autor desconhecido, c. 1598-1600, medalhão em óleo sobre cobre, 9,3 cm x 7,2 cm, encontra-se na Cúria Provincial belga Meridional e do Luxemburgo



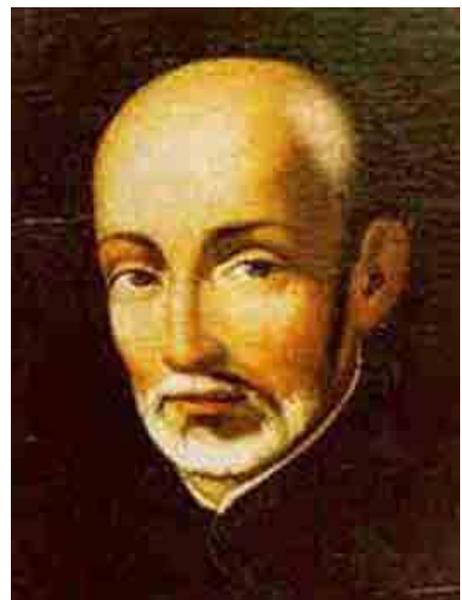
Doc. 2 - Anagrama da Companhia de Jesus

Fonte: www.santoinacio.com.br



Doc. 3 – D. João III

Fonte: Google imagens – Cristóvão Lopes, c. 1550-1560, óleo sobre madeira, 65 cm x 50,5 cm, Museu de São Roque, Lisboa



Doc. 4 – Simão Rodrigues de Azevedo

Fonte: Google imagens – atribuído a Domingos da Cunha, *O Cabrinha*, Século XVII, óleo sobre tela, 64 cm x 48 cm, Cúria Provincial dos Jesuítas, Lisboa, com a legenda "P. SIMON RODERICUS SOC IESV"



Doc. 5 – Francisco Xavier

Fonte: Trabalho português de influência *Nambam*, c. 1600, madeira estofada e policromada, 114 x 52 x 27 cm, Museu de São Roque, Lisboa



Doc. 6 – Mapa de Cantino

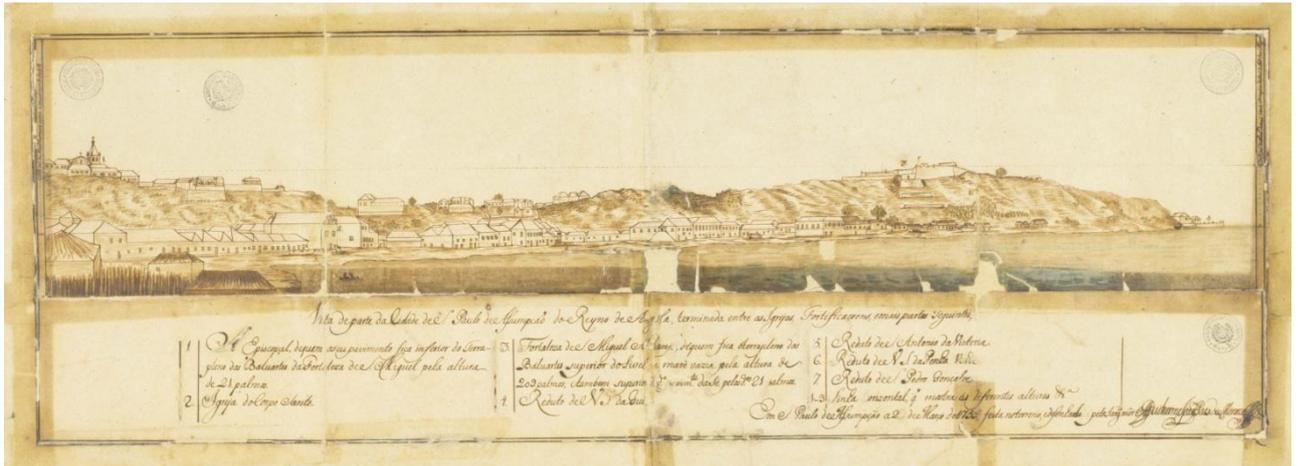
Fonte: Google imagens – Planisfério português encomendado por Alberto Cantino a mando do duque de Ferrara, c.1502, 220 cm x 105 cm, original encontra-se na Biblioteca Estense, em Modena, Itália



Doc. 7 – Fotografia de satélite de Luanda
Fonte: Google Mapas - 2012

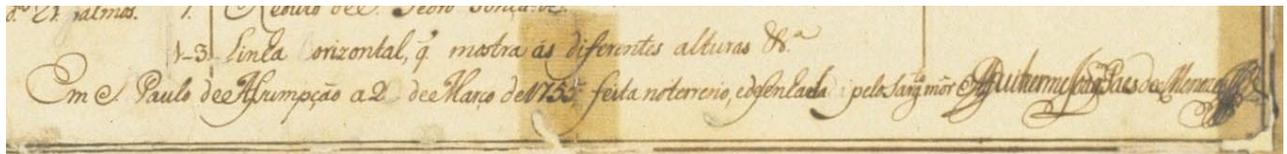


Doc. 8 – Fotografia de satélite do antigo Colégio dos jesuítas em Luanda
Fonte: Google Mapas - 2012



Doc. 9 – Desenho de São Paulo da Assunção de Luanda, com data de 20 de Março de 1750, “feito no terreno e legendado” pelo Sargento-mor Guilherme Paez de Menezes, e mostrando no canto superior esquerdo o cimo da fachada e a torre da Igreja de Jesus

Fonte: Wikipédia - 2012



Doc. 10 – Detalhe da data e assinatura do Documento anterior



Doc. 11 – Fachada atual da Igreja de Jesus em Luanda

Fonte: Pedro Dias, *História da Arte Portuguesa no Mundo (1415-1822)* - O Espaço Atlântico



Foto 1 – Cabeceira da Igreja de Jesus em Luanda
Fonte: autor



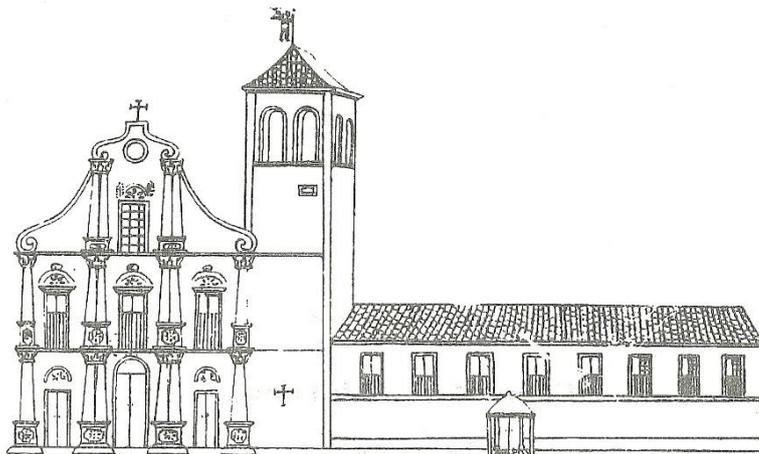
Foto 2 – Capelas laterais do lado da Epístola na igreja de Jesus em Luanda
Fonte: autor



Foto 3 - Capelas laterais do lado do Evangelho na igreja de Jesus em Luanda
Fonte: autor



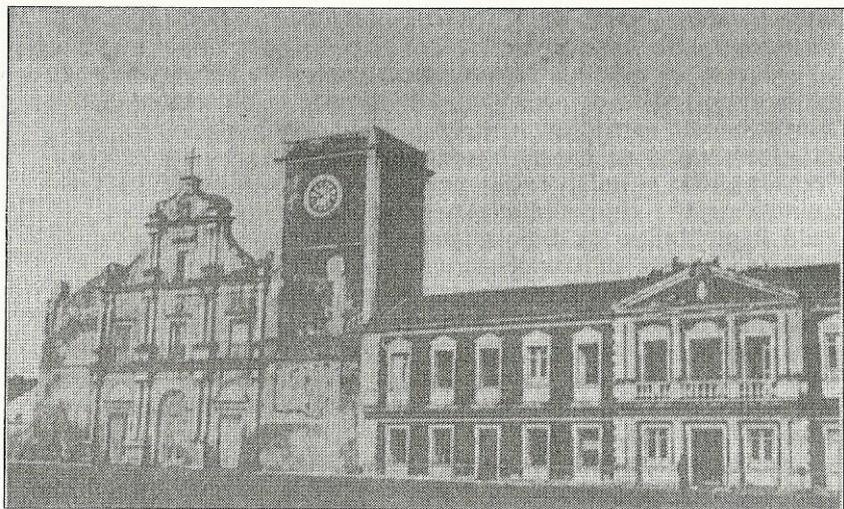
Foto 4 - Coro da Igreja de Jesus de Luanda
Fonte: autor



Palácio do Bispo (Antigamente Convento dos Jesuítas).

Doc. 12 – Desenho da Igreja de Jesus e do Paço Episcopal de Luanda

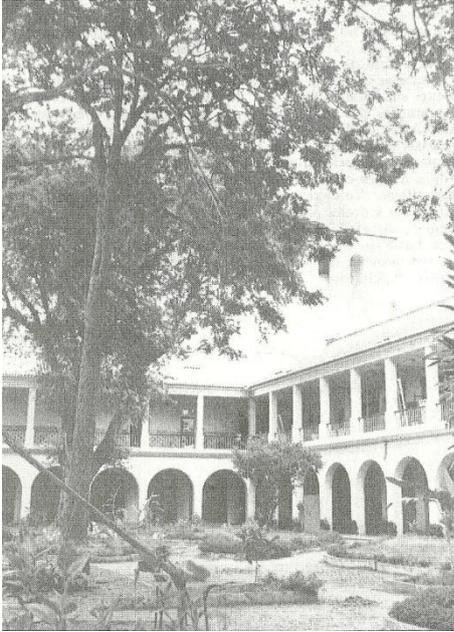
Fonte: Manuel Nunes Gabriel, *Os Jesuítas na Primeira Evangelização de Angola*, p.68



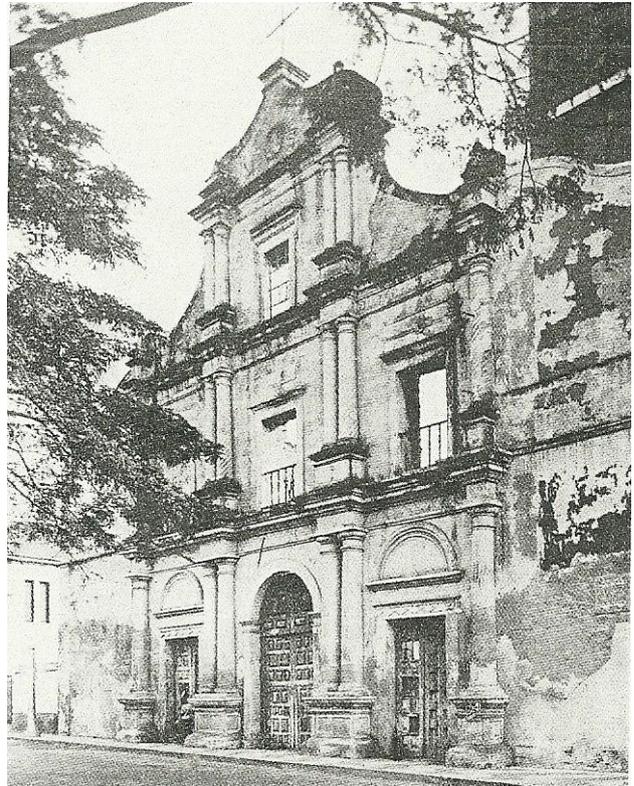
Igreja de Jesus e Paço arquiépiscopal, antes da restauração da igreja.

Doc. 13 – Fachada da Igreja de Jesus e Paço arquiépiscopal em Luanda

Fonte: Manuel Nunes Gabriel, *Os Jesuítas na Primeira Evangelização de Angola*, p.71



Doc. 14 – Claustro do antigo Colégio de Luanda
Fonte: Manuel Nunes Gabriel, *Os Jesuítas na Primeira Evangelização de Angola*, p.91



Doc. 15 – Fachada da Igreja de Jesus de Luanda, antes da reabilitação do edifício
Fonte: Manuel Nunes Gabriel, *Padrões da Fé – Igrejas Antigas de Angola*, p.65



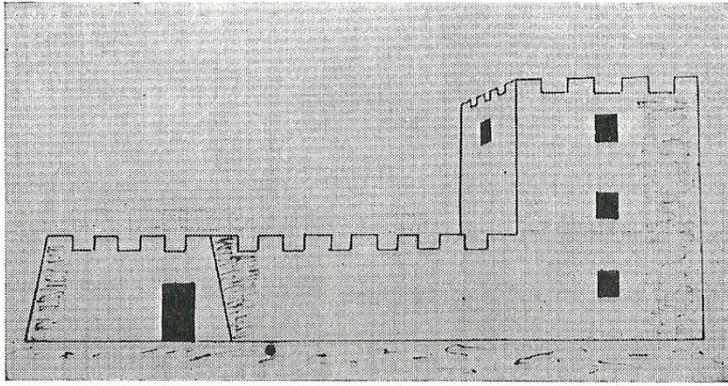
Doc. 16 - Fachada da Igreja de Jesus de Luanda, após a reabilitação do edifício
Fonte: Manuel Nunes Gabriel, *Padrões da Fé – Igrejas Antigas de Angola*, p.65



Doc. 17- Fotografia de satélite da Ilha de Moçambique
Fonte: Google Mapas - 2012

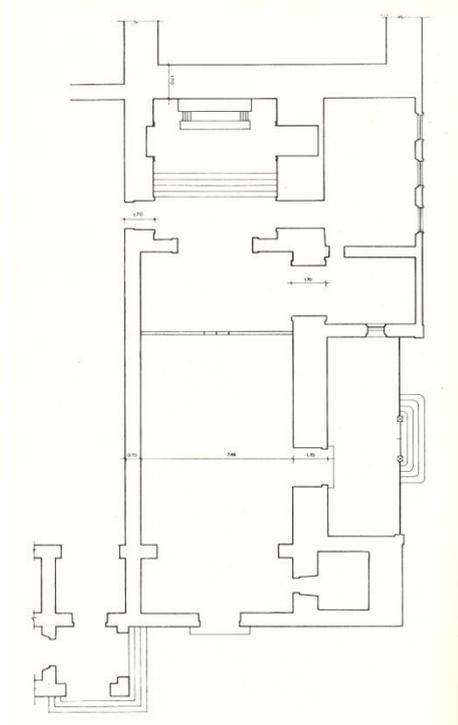


Doc. 18 – Fotografia aérea da ponta norte da Ilha de Moçambique e da Fortaleza de São Sebastião
Fonte: Google Imagens - 2012



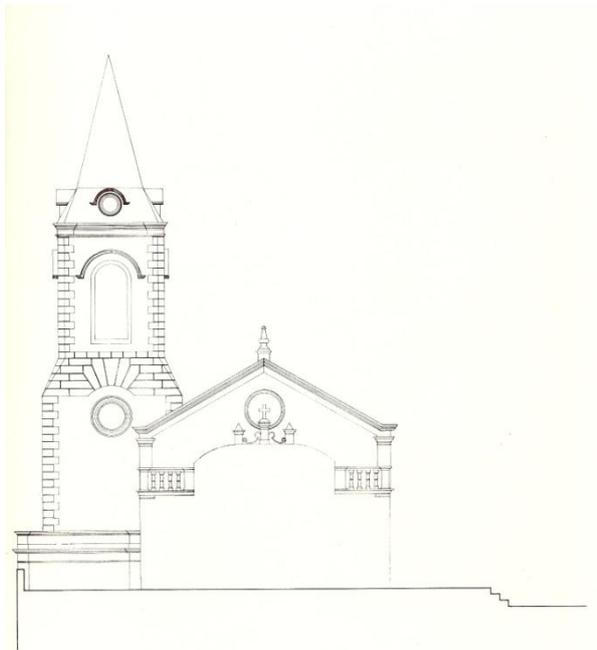
Doc. 19 – Forte de São Gabriel (1508), reconstituição de um desenho de D. João de Castro

Fonte: Alexandre Lobato, *A Ilha de Moçambique – Monografia*, p. 24



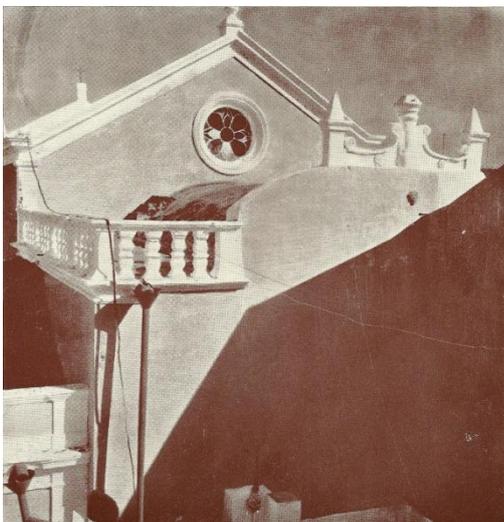
Doc. 20 – Planta da igreja do antigo Colégio da Ilha de Moçambique onde a espessura das paredes revelará os muros do antigo forte de São Gabriel

Fonte: Quirino da Fonseca, *Monumento nr 8*, estampa V



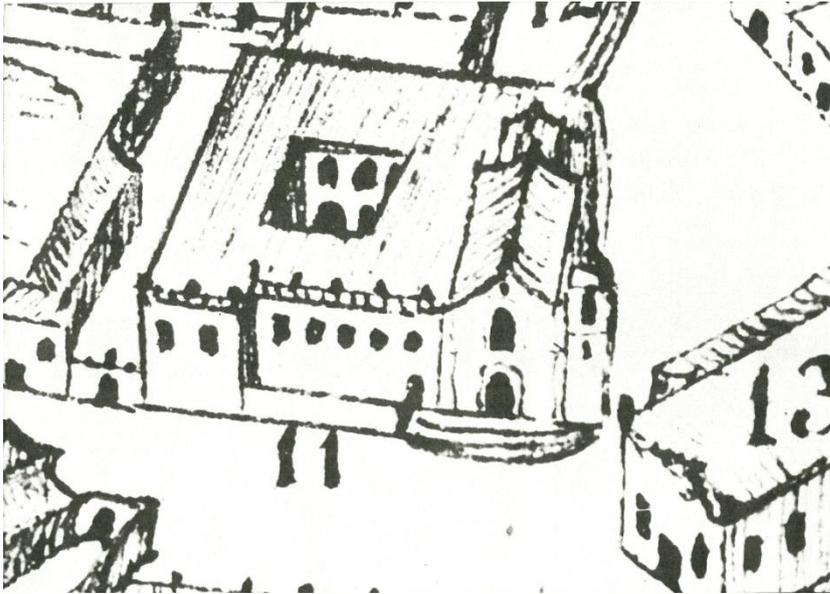
Doc. 21 – Alçado posterior da igreja do antigo Colégio da Ilha de Moçambique, vendo-se o tardo da que terá sido a Ermida de São Paulo

Fonte: Quirino da Fonseca, *Monumento nr 8*, estampa VI



Doc. 22 – Vista posterior da capela-mor da igreja do antigo Colégio da Ilha de Moçambique

Fonte: Quirino da Fonseca, *Monumento nr 8*, estampa VII



Doc. 23 – Colégio e igreja dos Jesuítas na Ilha de Moçambique, ampliação do desenho de Gregório Taumaturgo de Brito (1754)

Fonte: Alexandre Lobato, *Ilha de Moçambique – Panorama Histórico*



Foto 5 – Fachada actual da antiga igreja dos Jesuítas na Ilha de Moçambique

Fonte: autor



Foto 6 – Alçado sul actual da antiga igreja dos Jesuítas na Ilha de Moçambique

Fonte: autor



Foto 7 – Cabeceira da antiga igreja do antigo Colégio dos Jesuítas na Ilha de Moçambique
Fonte: autor



Foto 8 – Nave e Coro da antiga igreja do antigo Colégio dos Jesuítas na Ilha de Moçambique
Fonte: autor



Foto 9 – Capela lateral do lado da Epístola na antiga igreja do antigo Colégio dos Jesuítas na Ilha de Moçambique
Fonte: autor



Foto 10 – Lápide tumular de Bartolomeu Lopes no intradorso da capela-mor, do lado do Evangelho
Fonte: autor

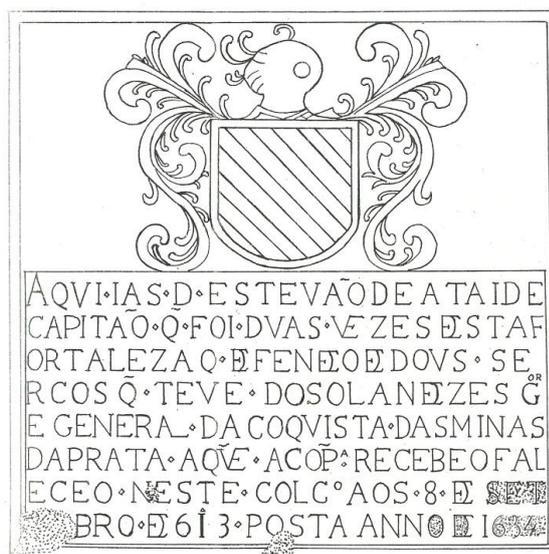


Doc. 24 – Lápide tumular de Bartolomeu Lopes desenhada por Raúl Gomes em 1944, com a transcrição do epitáfio “Sepultura de Bartolomeu Lopes fundador deste Colégio em vida e do de Dio por morte. A Companhia de Jesu em gratificação lhe dedicou este lugar em onde descansam a maior parte de seus ossos. Faleceu no Colégio de S. Paulo de Goa recebido na Companhia na hora da morte aos 6 de Março de 1649”

Fonte: Alexandre Lobato. *Ilha de Mocimboaue – Panorama Histórico*



Foto 11 - Lápide tumular de Estêvão de Ataíde no intradorso da capela-mor, do lado da Epístola e por cima da porta da sacristia
Fonte: autor



Doc. 25 – Lápide tumular de D. Estêvão de Ataíde desenhada por Raúl Gomes em 1944, com a transcrição do epitáfio “Aqui jaz D. Estêvão de Ataíde, Capitão que foi duas vezes desta Fortaleza que defendeu de dous cercos que teve dos holandeses, Governador e General da Conquista das Minas de Prata, a quem a Companhia recebeu. Faleceu neste Colégio aos 8 de Setembro de 1613. Posta [no] ano de 1634”

Fonte: Alexandre Lobato, *Ilha de Moçambique – Panorama Histórico*



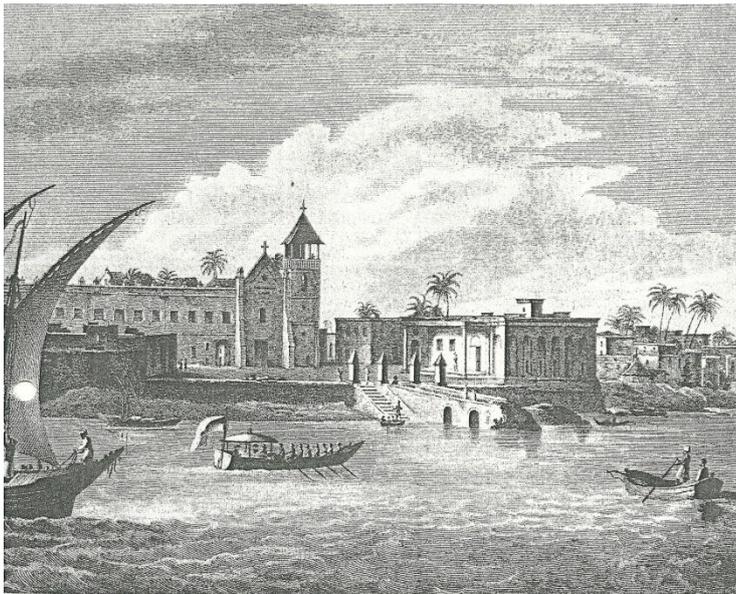
Doc. 26 – Fotografia de satélite do complexo do antigo Colégio de São Francisco Xavier, do jardim e da Casa da Companhia de Jesus na Ilha de Moçambique
 Fonte: Google Maps - 2012



Foto 12 – Edifício das TDM-Telecomunicações de Moçambique, e antiga Casa da Companhia de Jesus na Ilha de Moçambique
 Fonte: autor



Foto 13 - Edifício das TDM-Telecomunicações de Moçambique na Ilha, na extrema do jardim do antigo Colégio dos Jesuítas e vendo-se o campanário da igreja
 Fonte: autor

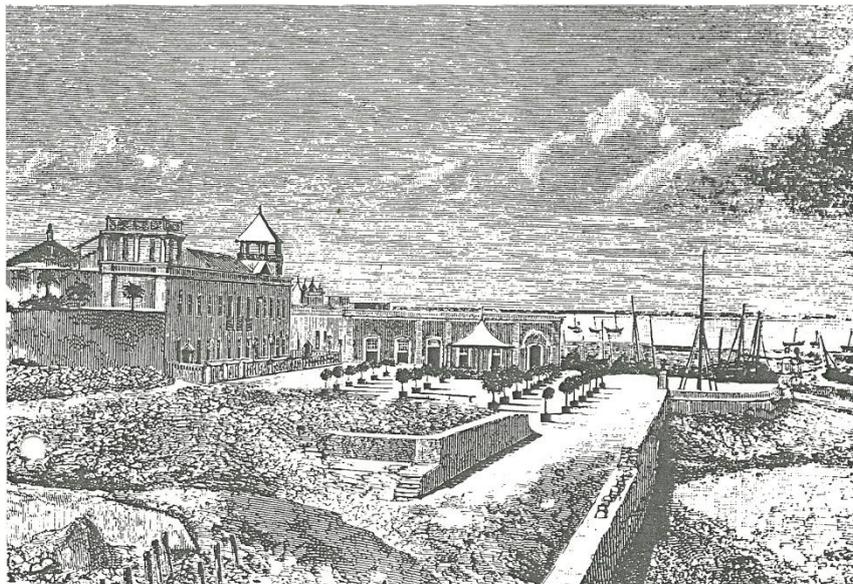
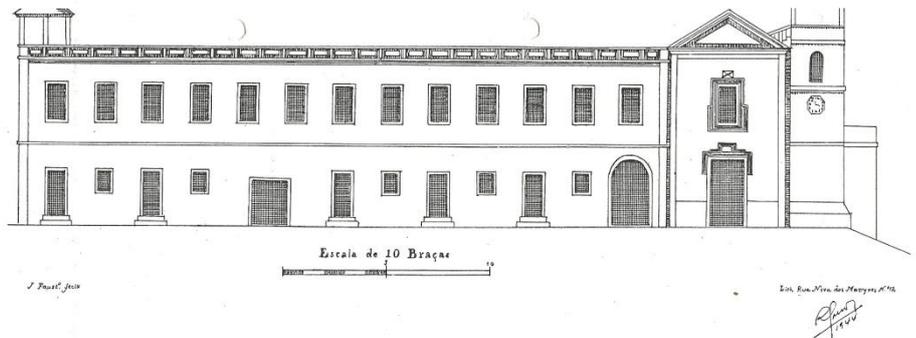


Doc. 27 – Igreja e antigo Colégio dos Jesuítas na Ilha de Moçambique, desenho do explorador inglês Henrique Salt (1809)

Fonte: Alexandre Lobato, *Ilha de Moçambique – Panorama Histórico*

Doc. 28 - Igreja e antigo Colégio dos Jesuítas na Ilha de Moçambique, desenho do capitão-general Dr. Xavier Botelho (1829)

Fonte: Alexandre Lobato, *Ilha de Moçambique – Panorama Histórico*

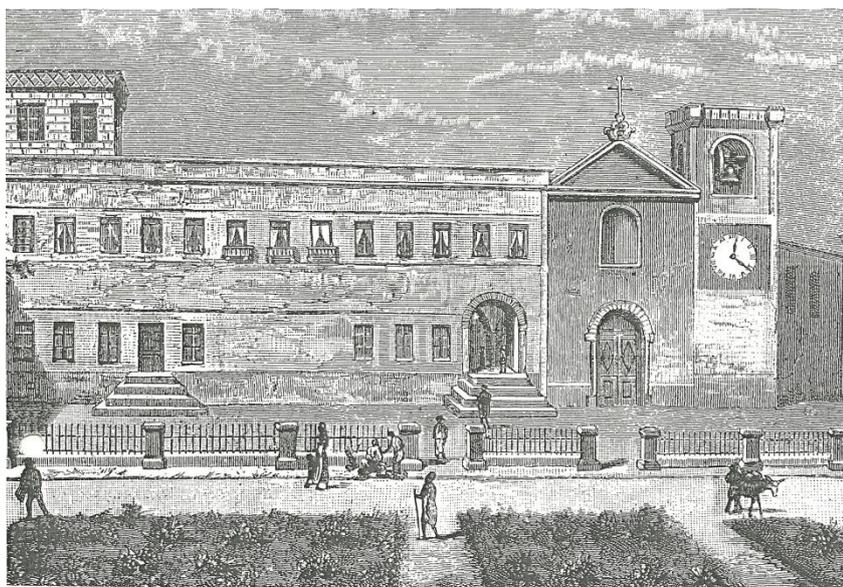
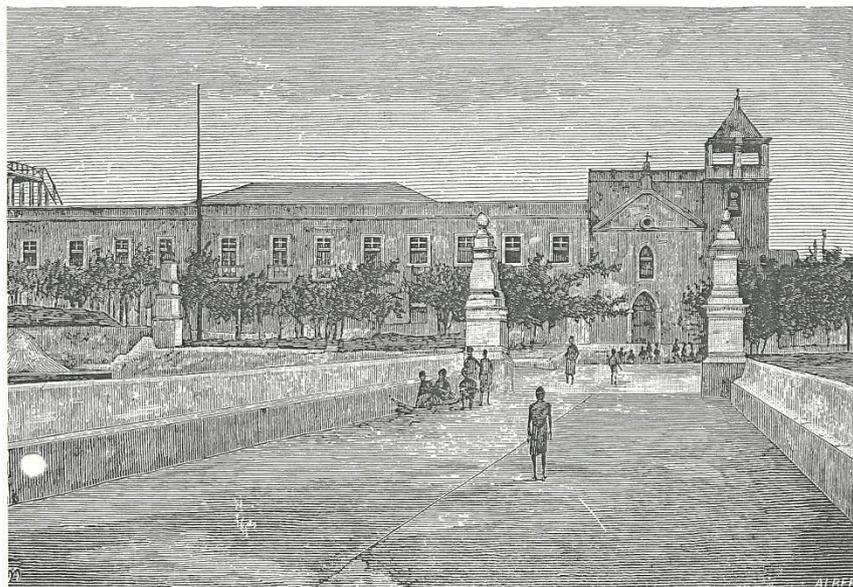


Doc. 29 - Igreja e antigo Colégio dos Jesuítas na Ilha de Moçambique, gravura publicada pelo Dr. Manuel Ferreira Ribeiro (1875)

Fonte: Alexandre Lobato, *Ilha de Moçambique – Panorama Histórico*

Doc. 30 - Igreja e antigo Colégio dos Jesuítas na Ilha de Moçambique, desenho do comandante Isaiás Newton (1883)

Fonte: Alexandre Lobato, *Ilha de Moçambique – Panorama Histórico*



Doc. 31 - Igreja e antigo Colégio dos Jesuítas na Ilha de Moçambique, desenho do padre Courtois (publicado em 1888)

Fonte: Alexandre Lobato, *Ilha de Moçambique – Panorama Histórico*

Doc. 32 - Igreja e antigo Colégio dos Jesuítas na Ilha de Moçambique, gravura do século XIX

Fonte: Alexandre Lobato, *Ilha de Moçambique – Panorama Histórico*

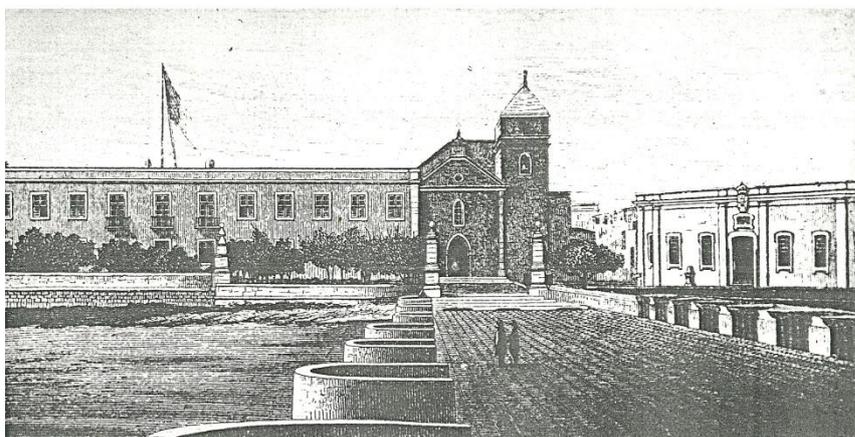




Foto 14 – Claustro do antigo Colégio dos Jesuítas na Ilha de Moçambique

Fonte: autor



Foto 15 – Coleção de Riquexós apresentada no interior do claustro do antigo Colégio dos Jesuítas na Ilha de Moçambique

Fonte: autor



Foto 16 – Fachada da igreja e do antigo Colégio dos Jesuítas na Ilha de Moçambique

Fonte: autor



Foto 17 - Fachada do antigo Colégio dos Jesuítas na Ilha de Moçambique

Fonte: autor



Foto 19 – Retábulo em talha dourada de lavor indo-português da capela-mor da igreja do antigo Colégio da Companhia de Jesus na Ilha de Moçambique
Fonte: autor



Foto 18 – Retábulo em pedraria com embutidos policromos da capela-mor da igreja do antigo Colégio da Companhia de Jesus em Luanda
Fonte: autor



Foto 20- Retábulo da capela-mor da igreja do antigo Colégio da Companhia de Jesus na Ilha de Moçambique, detalhe dos pedestais sobre o embasamento em alvenaria

Fonte: autor



Foto 21 - Retábulo da capela-mor da igreja do antigo Colégio da Companhia de Jesus na Ilha de Moçambique, embasamento e altar

Fonte: autor



Foto 22 - Retábulo da capela-mor da igreja do antigo Colégio da Companhia de Jesus na Ilha de Moçambique, embasamento com degraus de acesso ao nicho central na ilharga do lado do Evangelho

Fonte: autor



Foto 23 - Retábulo da capela-mor da igreja do antigo Colégio da Companhia de Jesus na Ilha de Moçambique, embasamento com degraus de acesso ao nicho central na ilharga do lado da Epístola

Fonte: autor



Foto 25 – Retábulo colateral do lado da Epístola da Igreja de Jesus em Luanda
Fonte: autor



Foto 24 – Retábulo colateral do lado do Evangelho da Igreja de Jesus em Luanda
Fonte: autor

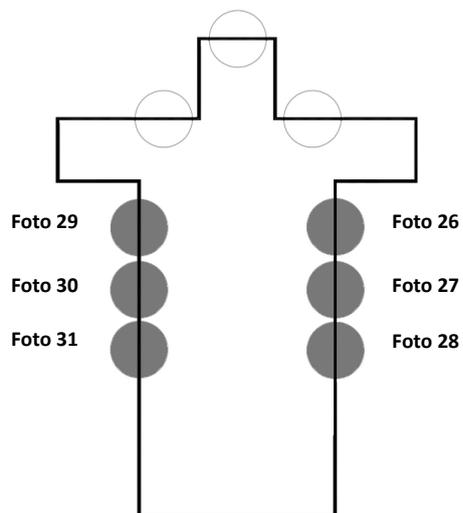


Foto 26 – 1ª capela lateral do lado da Epístola a partir da cabeceira da Igreja de Jesus em Luanda (Rainha Santa Isabel)

Fonte: autor

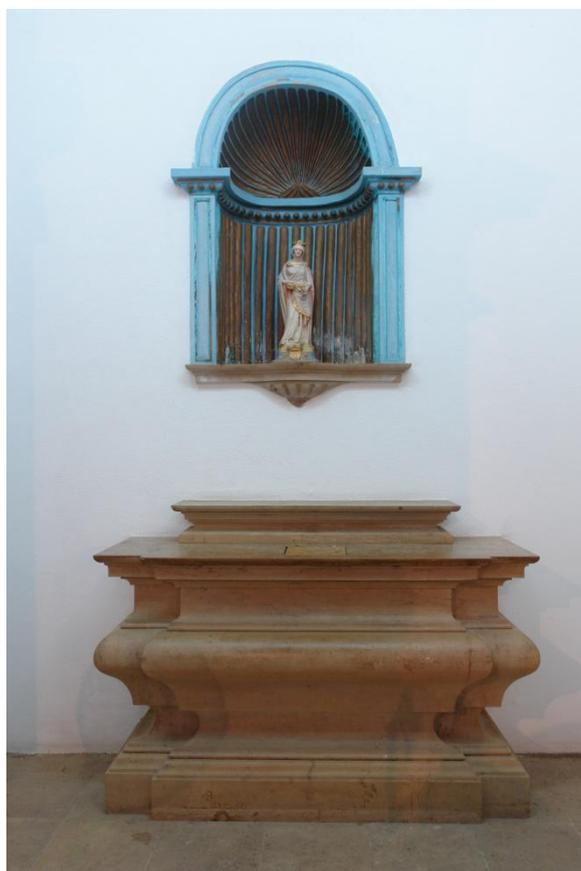


Foto 27 – 2ª capela lateral do lado da Epístola a partir da cabeceira da Igreja de Jesus em Luanda (Santo Inácio de Loyola)

Fonte: autor



Foto 28 – 3ª capela lateral do lado da Epístola a partir da cabeceira da Igreja de Jesus em Luanda (Santo António de Lisboa)

Fonte: autor

Foto 29 – 1ª capela lateral do lado do Evangelho a partir da cabeceira da Igreja de Jesus em Luanda (São José)

Fonte: autor



Foto 30 – Foto 29 – 2ª capela lateral do lado do Evangelho a partir da cabeceira da Igreja de Jesus em Luanda (São Francisco Xavier)

Fonte: autor



Foto 31 – Foto 29 – 3ª capela lateral do lado do Evangelho a partir da cabeceira da Igreja de Jesus em Luanda (Sagrado Coração de Jesus)

Fonte: autor



Foto 32 – Capela do (meio) transepto do lado da Epístola, onde se encontra hoje uma pia baptismal (e também ali guardado algum mobiliário do recheio do Palácio de São Paulo então em obras de conservação), da igreja do antigo Colégio da Ilha de Moçambique

Fonte: autor



Foto 33 – Púlpito da igreja do antigo Colégio de São Francisco Xavier, na Ilha de Moçambique
Fonte: autor

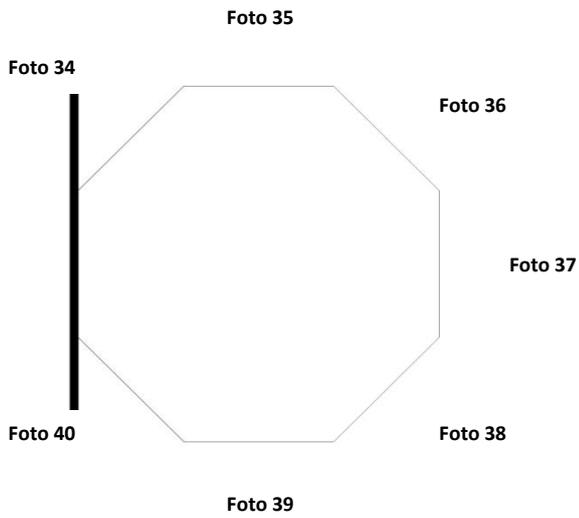


Foto 34 – São Francisco Xavier (?) com lanterna da luz da fé e livro, caixa do púlpito da igreja do antigo Colégio da Ilha de Moçambique
 Fonte: autor



Foto 35 – São Pedro com chave simbólica, caixa do púlpito da igreja do antigo Colégio da Ilha de Moçambique
 Fonte: autor



Foto 36 – Santo António de Lisboa paramentado sobre hábito franciscano, caixa do púlpito da igreja do antigo Colégio da Ilha de Moçambique
 Fonte: autor



Foto 37 – **MENINO DEUS** com os dedos da mão direita em posição de bênção e na mão esquerda o cibório eucarístico, caixa do púlpito da igreja do antigo Colégio da Ilha de Moçambique

Fonte: autor



Foto 38 – Santo Inácio de Loyola com cruxifixo (já partido?) e livro com a regra da Companhia de Jesus, caixa do púlpito da igreja do antigo Colégio da Ilha de Moçambique

Fonte: autor



Foto 39 – São Paulo com espada e livro, caixa do púlpito da igreja do antigo Colégio da Ilha de Moçambique

Fonte: autor



Foto 40 – São Vicente (?) com caravela e grelha de puas, caixa do púlpito da igreja do antigo Colégio da Ilha de Moçambique

Fonte: autor



Foto 41 – Púlpito a meio da parede da nave e do lado do Evangelho, na igreja do antigo Colégio da Ilha de Moçambique

Fonte: autor



Foto 42 – Colunas octogonais em talha indo-portuguesa, tidas por pertencer ao retábulo da igreja do antigo Convento dos Dominicanos na Ilha de Moçambique, hoje expostas no *Museu de Arte Sacra* local instalado nos pisos superiores da igreja da Misericórdia

Fonte: autor

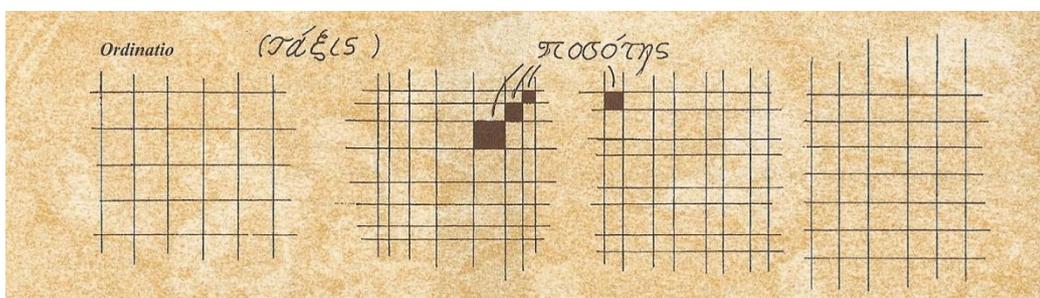
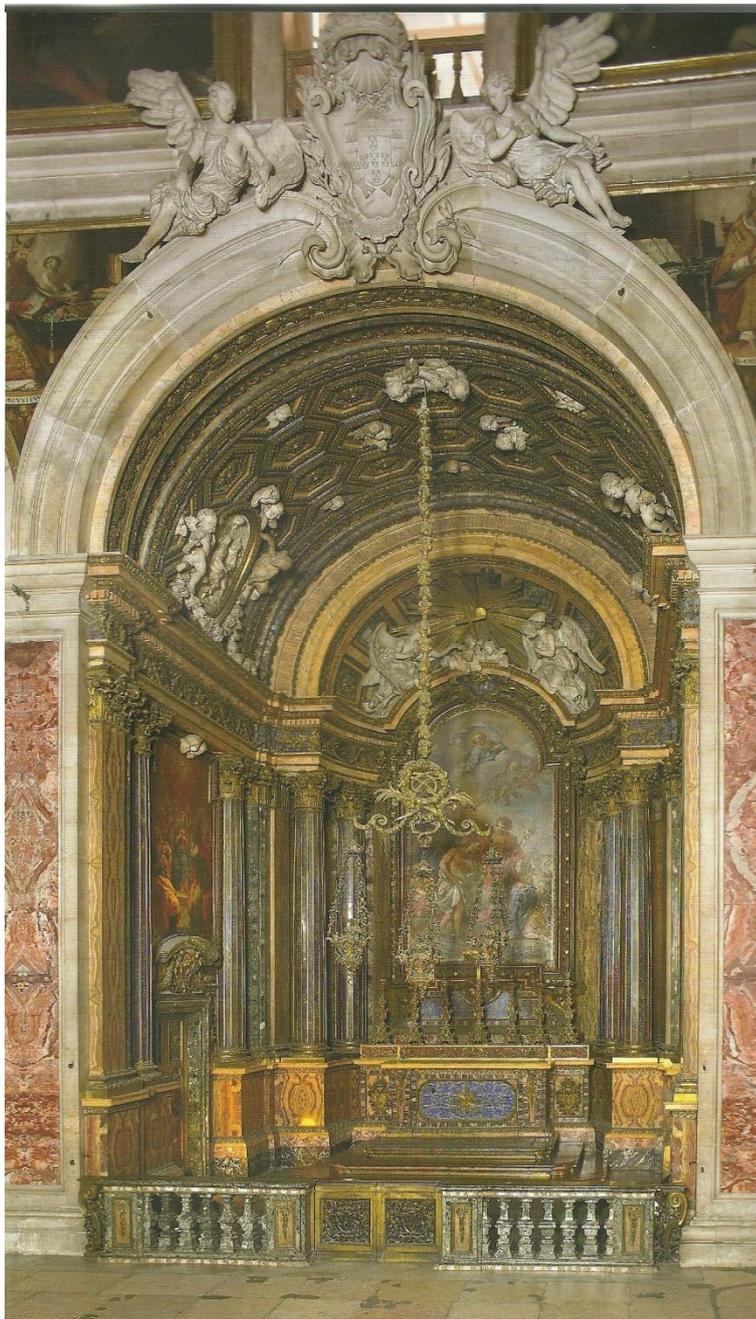


Foto 43 – Púlpito com caixa, saco e sobrecéu, da igreja do antigo Colégio dos Jesuítas na Ilha de Moçambique

Fonte: autor

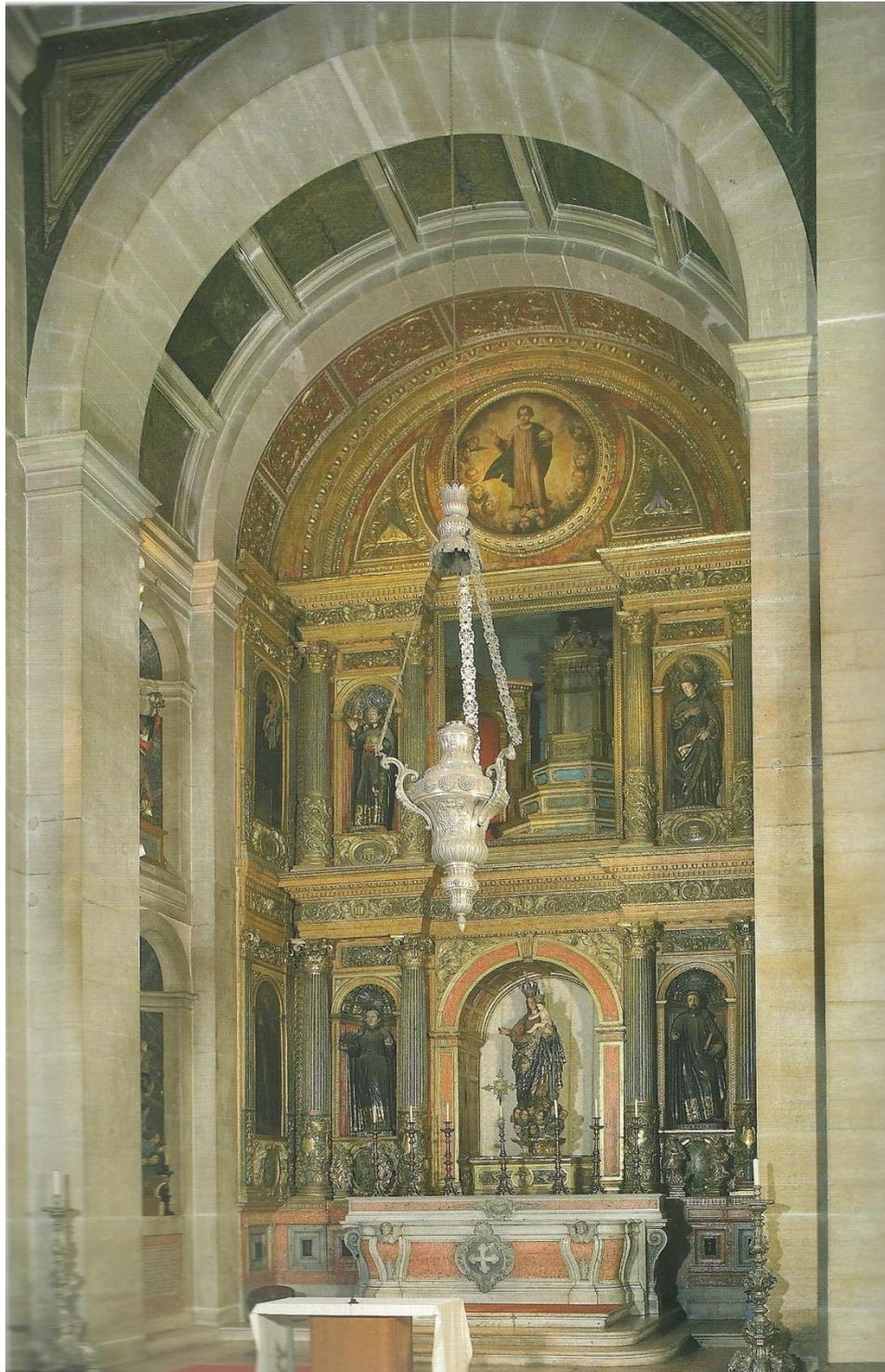
Doc. 33 – Retábulo da capela de São João Baptista da Igreja de São Roque, em Lisboa

Fonte: Francisco Lameira, *Promontoria Monográfica História da Arte 02*, “O Retábulo da Companhia de Jesus em Portugal, 1619-1759”, p. 58



Doc. 34 – Representação geométrica do *Ordinatio*

Fonte: VITRÚVIO, *Tratado de Arquitectura*, p.56



Doc. 35 – Retábulo da capela-mor da Igreja de São Roque em Lisboa

Fonte: Francisco Lameira, *Promontoria Monográfica História da Arte 02*, "O Retábulo da Companhia de Jesus em Portugal, 1619-1759", p. 54



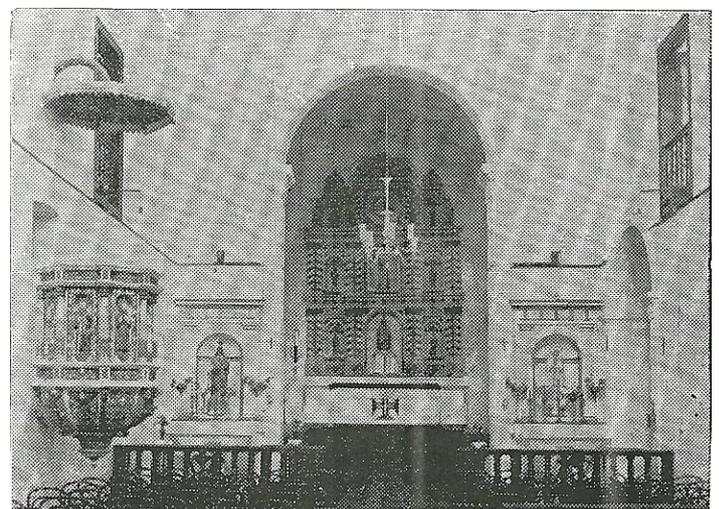
Doc. 36 – Retábulo inexistente da capela-mor da Igreja de Sanfins de Frietas

Fonte: Francisco Lameira, *Promontoria Monográfica História da Arte 02*, "O Retábulo da Companhia de Jesus em Portugal, 1619-1759", p. 220



Doc. 37 – Retábulo de Santo Inácio da Igreja do antigo Colégio das Onze Mil Virgens, em Coimbra

Fonte: Francisco Lameira, *Promontoria Monográfica História da Arte 02*, “O Retábulo da Companhia de Jesus em Portugal, 1619-1759”, p. 176



Doc. 38 – Mobiliário litúrgico em feição de retábulos, e que até recentemente se encontrava colocado na parede testeira, e de cada lado do arco da capela-mor da igreja do antigo Colégio dos Jesuítas na Ilha de Moçambique

Fonte: Alexandre Lobato, *A Ilha de Moçambique – Monografia*, p. 29



Doc. 39 – Retábulo da capela-mor da Igreja do antigo Colégio de Elvas

Fonte: Francisco Lameira, *Promontoria Monográfica História da Arte 02, "O Retábulo da Companhia de Jesus em Portugal, 1619-1759"*, p. 146

Doc. 40 – Retábulo da capela-mor da Igreja do antigo Colégio de Nossa Senhora da Conceição, em Santarém

Fonte: Francisco Lameira, *Promontoria Monográfica História da Arte 02, "O Retábulo da Companhia de Jesus em Portugal, 1619-1759"*, p. 86



Doc. 41 – Maqueta do retábulo da capela de São João Baptista da Igreja de São Roque, em Lisboa

Fonte: Francisco Lameira, *Promontoria Monográfica História da Arte 02, "O Retábulo da Companhia de Jesus em Portugal, 1619-1759"*, p. 21



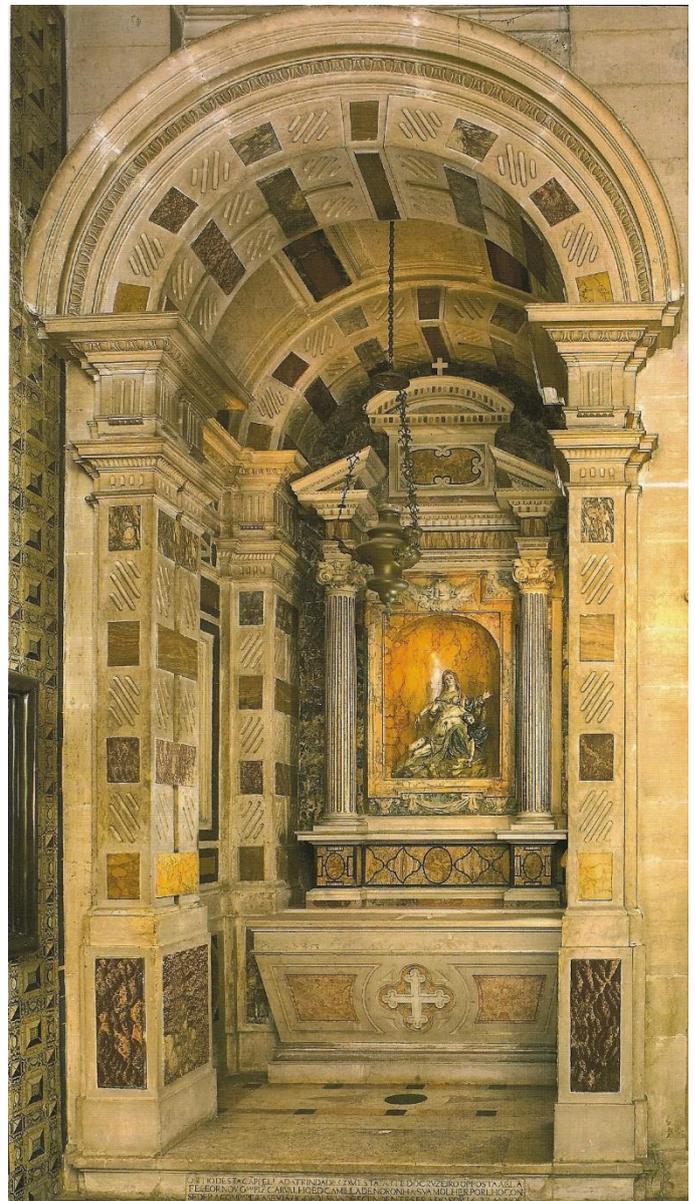
Foto 44 – Detalhe dos capitéis do retábulo da capela-mor da Igreja de Jesus, em Luanda

Fonte: autor



Foto 45 – Detalhe dos capitéis dos retábulos das capelas colaterais da Igreja de Jesus, em Luanda

Fonte: autor



Doc. 42 – Retábulo da capela da Trindade da Igreja de São Roque, em Lisboa

Fonte: Francisco Lameira, *Promontoria Monográfica História da Arte 02*, "O Retábulo da Companhia de Jesus em Portugal, 1619-1759", p. 56



Foto 46 – Detalhe da composição da caixa do púlpito da igreja do antigo Colégio de São Francisco Xavier, na Ilha de Moçambique
Fonte: autor



Foto 47 – Detalhe da composição da caixa do púlpito da igreja do antigo Colégio de São Francisco Xavier, na Ilha de Moçambique
Fonte: autor



Foto 48 – Detalhe da composição da caixa do púlpito da igreja do antigo Colégio de São Francisco Xavier, na Ilha de Moçambique
Fonte: autor



Foto 49 – Detalhe da ornamentação do saco do púlpito da igreja do antigo Colégio de São Francisco Xavier, na Ilha de Moçambique
Fonte: autor



Foto 50 – Detalhe da ornamentação do saco do púlpito da igreja do antigo Colégio de São Francisco Xavier, na Ilha de Moçambique
Fonte: autor



Foto 51 – Detalhe da ornamentação da face inferior do sobrecéu do púlpito da igreja do antigo Colégio de São Francisco Xavier, na Ilha de Moçambique
Fonte: autor



Doc. 43 – Retábulo de Santa Úrsula da Igreja do antigo Colégio de São Paulo, em Braga

Fonte: Francisco Lameira, *Promontoria Monográfica História da Arte 02*, "O Retábulo da Companhia de Jesus em Portugal, 1619-1759", p. 208



Doc. 44 – Retábulo de São Francisco Xavier da Igreja do antigo Colégio de São Paulo, em Braga

Fonte: Francisco Lameira, *Promontoria Monográfica História da Arte 02*, "O Retábulo da Companhia de Jesus em Portugal, 1619-1759", p. 204

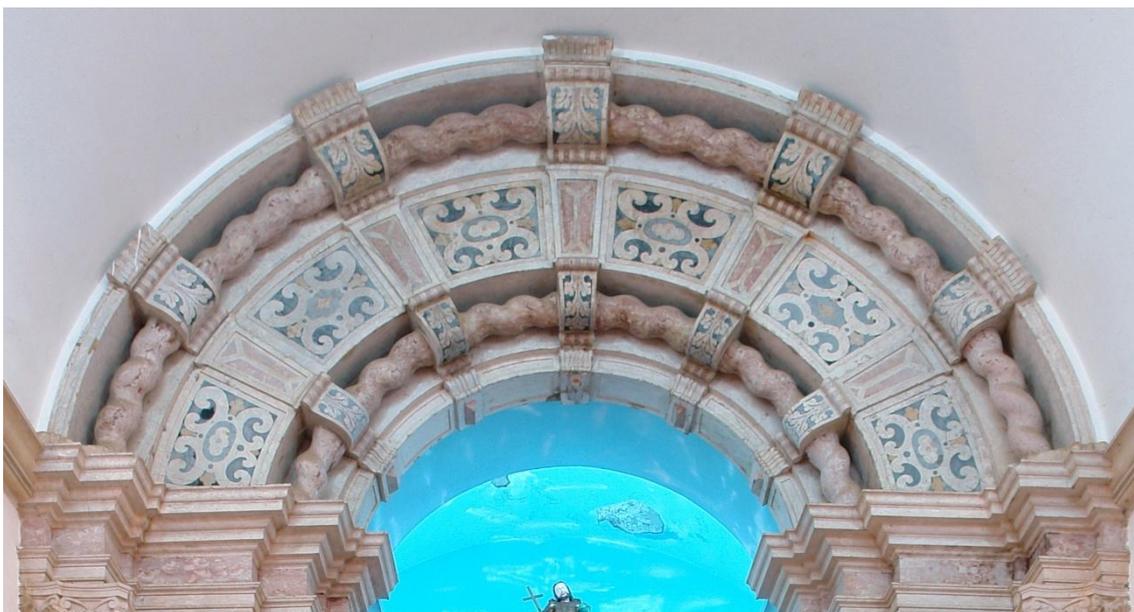


Foto 52 – Entablamento e Ático do retábulo da capela-mor da Igreja de Jesus, em Luanda

Fonte: autor



Foto 53 – Embasamento e mesa do altar do retábulo da capela-mor da Igreja de Jesus, em Luanda

Fonte: autor



Foto 54 – Tramo do lado do Evangelho do retábulo da capela-mor da Igreja de Jesus, em Luanda
Fonte: autor



Foto 55 – Trono piramidal do retábulo da capela-mor da Igreja de Jesus, em Luanda
Fonte: autor



Foto 56 – Sacrário do retábulo da capela-mor da Igreja de Jesus, em Luanda
Fonte: autor



Foto 57 – Entablamento e Ático do retábulo das capelas colaterais da Igreja de Jesus, em Luanda
Fonte: autor



Foto 58 – Embasamento e mesa do altar do retábulo das capelas colaterais da Igreja de Jesus, em Luanda
Fonte: autor



Foto 59 – Tramo do lado do Evangelho do retábulo das capelas colaterais da Igreja de Jesus, em Luanda
Fonte: autor



Doc. 45 – Retábulo de São Francisco de Borja da Igreja do antigo Colégio de Nossa Senhora da Conceição, em Santarém

Fonte: Francisco Lameira, *Promontoria Monográfica História da Arte 02*, “O Retábulo da Companhia de Jesus em Portugal, 1619-1759”, p. 94



Foto 60 – Entablamento e Ático do retábulo da capela-mor da Igreja do antigo Colégio da São Francisco Xavier, na Ilha de Moçambique
Fonte: autor



Foto 61 – Face lateral, do lado do Evangelho, do sacrário do retábulo da capela-mor da Igreja do antigo Colégio da São Francisco Xavier, na Ilha de Moçambique
Fonte: autor

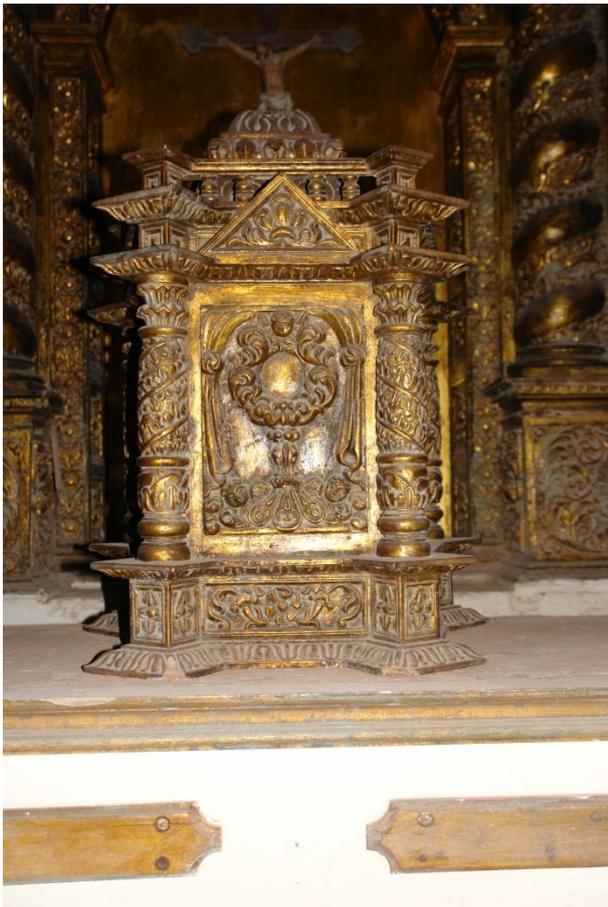


Foto 62 – Face frontal do sacrário do retábulo da capela-mor da Igreja do antigo Colégio da São Francisco Xavier, na Ilha de Moçambique

Fonte: autor



Foto 63 – Face lateral, do lado da Epístola, do sacrário do retábulo da capela-mor da Igreja do antigo Colégio da São Francisco Xavier, na Ilha de Moçambique

Fonte: autor

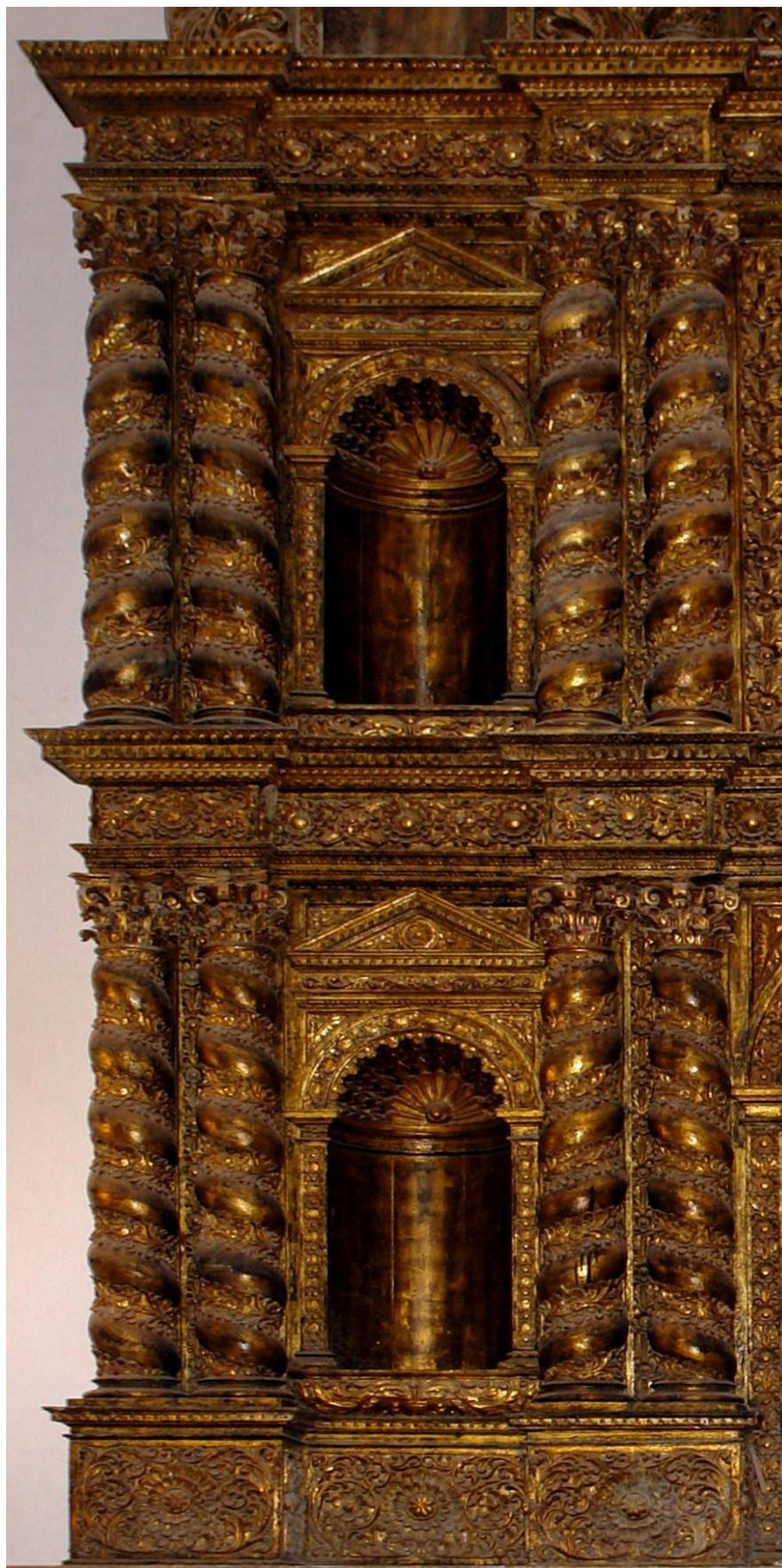


Foto 64 – Tramo, do lado do Evangelho, do retábulo da capela-mor da Igreja do antigo Colégio da São Francisco Xavier, na Ilha de Moçambique
Fonte: autor



Foto 65 – Detalhe das colunas do retábulo da capela-mor da Igreja do antigo Colégio da São Francisco Xavier, na Ilha de Moçambique

Fonte: autor

Foto 66 – Detalhe da ornamentação das colunas do retábulo da capela-mor da Igreja do antigo Colégio da São Francisco Xavier, na Ilha de Moçambique

Fonte: autor





Doc. 46 – Retábulo da sacristia da Igreja de Nossa Senhora das Neves, em Raia, Salcete, Goa

Fonte: Disponibilizado por gentileza da Mónica Esteves Reis; imagem com Código Arquivo: 20090211_I_SALCETE_RAIA_Raia_SenhoraDasNeves_105; e Copyrights: Mónica Esteves Reis, 2009



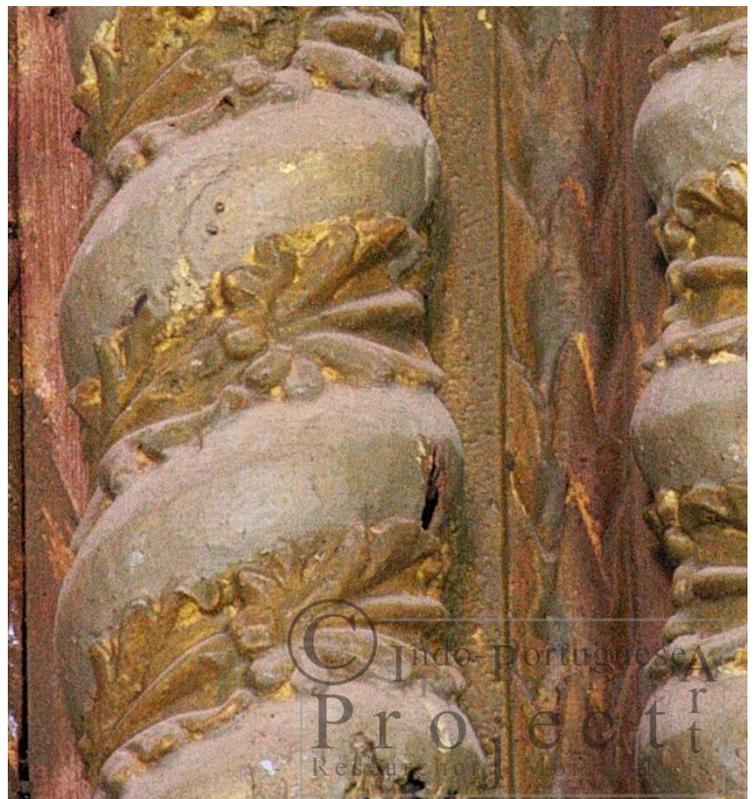
Doc. 47 – Detalhe da ornamentação das colunas do retábulo da fotografia anterior

Fonte: Disponibilizado por gentileza da Mónica Esteves Reis; imagem com Código Arquivo: 20090211_I_SALCETE_RAIA_Raia_SenhoraDasNeves_105_detalle; e Copyrights: Mónica Esteves Reis, 2009



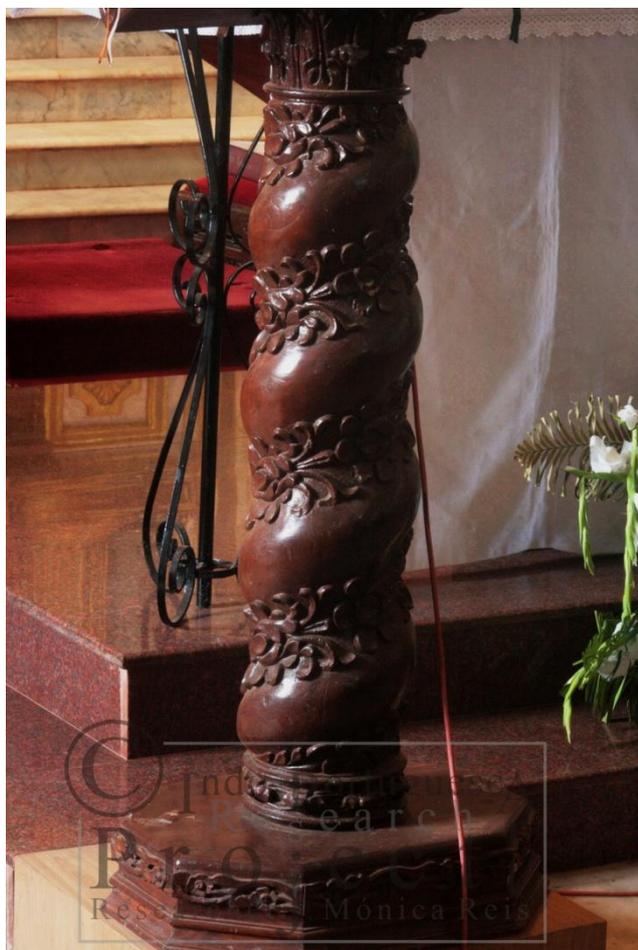
Doc. 48 – Colunas do retábulo da ousia da Igreja de Nossa Senhora de Livra Febres, em Chimbel, em Ribandar, Tiswadi, Goa

Fonte: Disponibilizado por gentileza da Mónica Esteves Reis; imagem com Código Arquivo: 20090214_C_TISWADI_RIBANDAR_Chimbel_NSLivraFebres_024; e Copyrights Mónica Esteves Reis, 2009



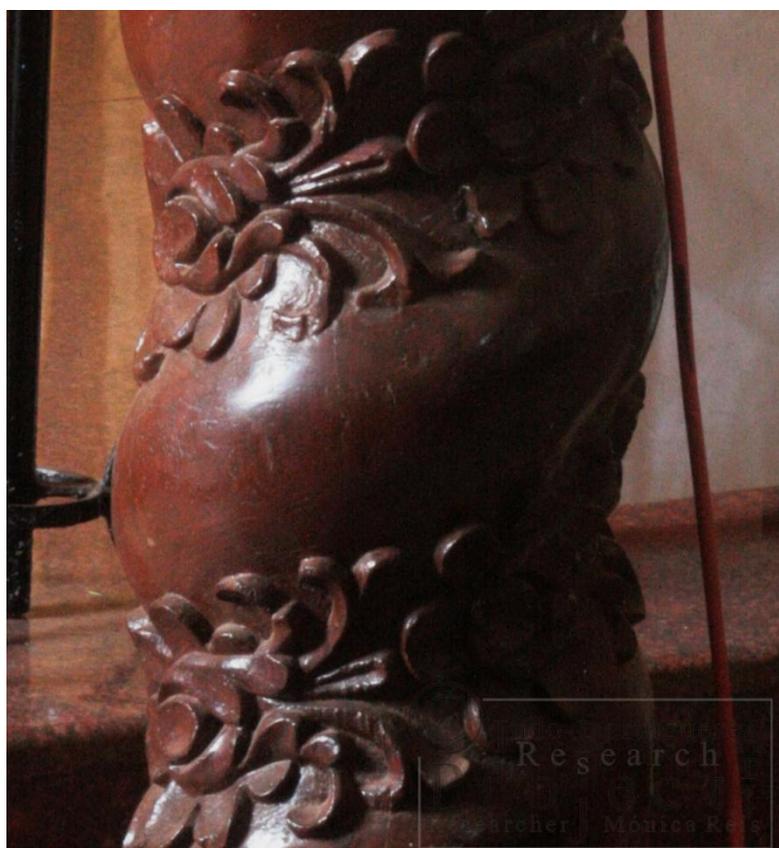
Doc. 49 – Detalhe da ornamentação das colunas do retábulo da fotografia anterior

Fonte: Disponibilizado por gentileza da Mónica Esteves Reis; imagem com Código Arquivo: 20090214_C_TISWADI_RIBANDAR_Chimbel_NSLivraFebres_024_detalhe; e Copyrights: Mónica Esteves Reis, 2009



Doc. 50 – Coluna solta (usada como estante de missal) da Igreja de São Miguel, em Taleigão, Tiswadi, Goa

Fonte: Disponibilizado por gentileza da Mónica Esteves Reis; imagem com Código Arquivo: 20090216_I_TISWADI_TALEIGAO_Taleigao_S.Miguel_038; e Copyrights: Mónica Esteves Reis, 2009



Doc. 51 – Detalhe da ornamentação da coluna solta da fotografia anterior

Fonte: Disponibilizado por gentileza da Mónica Esteves Reis; imagem com Código Arquivo: 20090216_I_TISWADI_TALEIGAO_Taleigao_S.Miguel_038_detalhe; e Copyrights: Mónica Esteves Reis, 2009



Doc. 52 – Colunas do retábulo da ousia da Igreja de Nossa Senhora do Pilar, em Seraulim, Salcete, Goa

Fonte: Disponibilizado por gentileza da Mónica Esteves Reis; imagem com Código Arquivo: 20090225_I_SALCETE_SERAULIM_Seraulim_NSPilar_074; e Copyrights Mónica Esteves Reis, 2009



Doc. 53 – Detalhe da ornamentação das colunas do retábulo da fotografia anterior

Fonte: Disponibilizado por gentileza da Mónica Esteves Reis; imagem com Código Arquivo: 20090225_I_SALCETE_SERAULIM_Seraulim_NSPilar_074_detalhe; e Copyrights Mónica Esteves Reis, 2009

Contrato para a feitura do retábulo da capela-mor da igreja do Colégio da Companhia de Jesus m Luanda

Transcrição integral do texto do documento publicado por Maria João Pereira Coutinho, nas Actas do 2º Colóquio de Artes Decorativas, sob o lema *As artes decorativas e a expansão portuguesa. Imaginário e viagens*, e com o título “*Ars Marmoris: os mármore policromos do retábulo-mor da igreja do Colégio da Companhia de Jesus de Luanda*”, pp. 289 a 291, o qual é referido estar arquivado no Instituto dos Arquivos Nacionais / Torre do Tomo, Cartório Notarial de Lisboa, Nº 7 A (actual nº 15), Cx. 86, L.º 474, fls. 79-80, v.º.

“Saibão quantos este instrumento de obrigação virem que no anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil setecentos e onze em seis dias do mes de Janeiro na cidade de Lisboa dentro do colegio dos Padres de Santo Antão da Companhia de Jesus, e ahj em hum cubiculo delle em que se costumam celebrar semelhantes actos estauão presentes parte da huma o muito reverendo padre Francisco da Fonseca da mesma companhia e procurador geral das prouincias da India; E da outra Jozeph Pereira mestre do officio de pedreiro morador por sima da igreja dos Anjos; Por eles partes foi dito perante my tabaliam e testemunhas ao diante nomeadas que estão ajustados sobre a obra de um Retabulo que elle dito padre manda fazer para hir para o Reino de Angola e para clareza e segurança do seo contrato outorgão esta escritura debaxo das clauzullas e condições seguintes que elle mestre Jozeph Pereira sera obrigado e co efeito se obriga por esta escritura e na melhor forma de direito a fazer per sy e por officiaes de toda a boa conta o dito Retabulo de pedraria de pedra leos e vermelha, e os capitães de pedraria da Peninha com suas colunas vermelhas salomonicas, e sua banquetta vermelha / fl. 79 v.º / revestida e mais imbutidos que mostra o perfil, e seos nichos entre as columnas tudo na forma do Risco que esta asinado por eles partes e se o dito Risco tiuer alguma imperfeição a emmendara de sorte que o dito Retabulo fique com toda a perfeição que a arte der lugar e conforme o dito Risco pondo elle mestre toda a despeza que for necessário ate de todo estar acabado o dito Retabulo que se entendera por todo o mês de Fevereiro do anno que hade vir de mil setecentos e treze para se poder embarcar nesse tempo para o dito Reino de Angola e todo o custo de caixões e do mais que for necessário ate o dito navio em que ouer de hir embarcado

hade fazer por conta dele dito mestre Joseph Pereira sem que o dito padre Francisco da Fonseca fique obrigado a cousa alguma e somente o recolher se no dito nauio e o frete delle sera por sua conta porem tudo o mais da dita obra hade ser por sua conta delle mestre ate se por no dito nauio como fica dito. E sendo que a dita obra tenha alguma falta ou imperfeição o dito mestre será obrigado a emmendalla outra vez a sua custa ate que fique perfeita e a vontade delle dito padre conforme Risco e faltando elle mestre a sua obrigação reporá outra vez todo o dinheiro que ouer recebido e comporá a elle dito padre todo o prejuízo que tiver por falta de não cumprir com a sua obrigaçã, e o presso em que estão ajustados por tudo o referido, são dois Contos cento e oitenta mil reis por conta dos quaes e por principio da dita obra logo elle dito padre ahj perante my tabaliam e ditas testemunhas lhe deu e entregou quatrocentos e oitenta mil reis em dinheiro de comtado corrente neste Reino que eu tabaliam dou fee elle dito Joseph Pereira contou e reço e disse estalão certos sem falta alguma dos quaes lhe dá quitação para lhos não tornar a repetir e o mais que tenha para cabal satisfação dos ditos dois contos cento e oitenta mil reis que são hum conto e setecentos mil reis se obriga elle padre a lhos hir dando e satisfazendo por pagamentos assim como a dita obra se for fazendo para o que sendo necessário se faz vestoria e assim como elle mestre for cobrando hira passando quitações que vallerão como parte desta escritura ainda que seião somente por elle assinadas; e faltando elle dito padre ao pagamento neste caso poderia elle mestre parar com a dita obra e auer do dito padre tudo o que se deuer E outro sy elle mestre será mais obrigado a mandar hum oficial em Companhia do dito Retabulo para o dito Reino de Angola para o ajudar assentar na parte onde elle vay e elle reverendo padre Francisco da Fonseca será obrigado a lhe dar de comer e beber no dito nauio em toda a viagem e assim mais doze vinteis cada dia entrando tambem Domingos e dias Santos os quaes começara o dito oficial a vencer do dia de embarque ate chegar ao dito Reino de Angola sem que haja / fl. 80 / falta alguma e tanto que chegar sera obrigado a lhe mandar dar em terra emquanto durar a dita obra setecentos e sinquenta mil reis cada dia na mesma forma estando também Domingos e dias Santos e juntamente de comer e beber e tanto que estiver assentado o dito Retabulo de todo pasara então a dita penção e querendo o dito oficial tornar se para este Reino será obrigado elle padre a lhe mandar dar setenta mil reis por huma vez para se poder aviar sem mais outra alguma cousa e se for caso

que o dito official faleca na jornada quando for em companhia dos dito Retabolo ficar elle dito Jozeph Pereira desobrigado de dar outro official e querendo elle ficar no dito Reino de Angola neste caso não será obrigado a lhe dar elle dito padre cousa alguma E nesta conformidade serão elles partes por ajustados e cada hum pela sua a promete cumprir e guardar e não reuogar pera modo algum que seia e sendo que algum deles o faça com algum género de duvidas ou embargos E contento que lhe não seião recebidos nem que possa ser ouuido em juizo ou fora d'elle em nenhum intento nem em auto apartado sem primeiro e com efeito depositar em poder do que for a vedor ou no que de sua aução tiuer tudo o de que lhe for deuedor em dinheiro de contado para o que há por abonado, e para se escusar de fazer o tal depozito se não vallerá de provisão Real porque desde logo a renuncia a esta Nota escreui eu tabaliam de pedimento e consentimento deles partes que querem se cumpra e guarde na forma da ley de que oi aduerty e a ella me refiro, hauendo de ser sitado não tem duuida a que não estando nesta dita cidade o possa ser em seo nome o distrebuidor dos tabeliães das notas della que a esse tempo servir ao qual faz seo procurador erreuogauel elle da poder para estas em juro e fora d'elle confessar a diuida assinar termo de confissão para se dar as mais diligencias que se deuoão fazer; E de custas pessoais pasara mais auendo demanda a duzentos reis por dia para a pessoa que nella andar que os vencerá toda primeira citação ate real pagamento e para todo assim o comprirem e guardarem cada hum pelo que fica tocante com mais a perda e damno que Rezultar custas e despesas que se fizerem disseram que obrigauão e com efeito obrigarão sua pessoa e bens e o melhor parado deles, E outorgarão que pelo aqui conteúdo responderão nesta dita cidade e a onde e perante as juntas a quem este instramento for prezentado para o que renunciam juiz de seo foro domicilio e todos os mais preuelegios leis ferias e o mais que seu fauor seia que de cousa alguma se poderão valer saluo tudo comprirem como nesse instramento se contém E em testemunho de verdade assim o outorgarão pedirão e aceitarão / fj. 80 v.º / E eu tabaliam por quem tocar auzente e declarão elles partes que o dito official que for com o dito Retabolo emquanto estiver em Angola pondo se o dito Retabolo não vencera os setecentos e cinquenta reis cada dia senão nos dias de fazer e não nos dias santos e quando elle se queira vir para este Reino de pois de acabada a obra se lhe darão setenta e sinco mil reis por huma so vez e não setenta como atras se declara e esta escritura se outorga elle padre como procurador

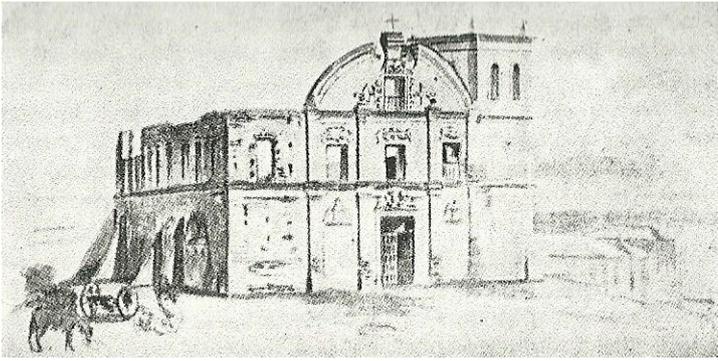
do Colegio dos padres do dito Reino de Angola cujos obriga pella sua parte ao comprimento deste contrato e assim o outorgaram e aceitarão testemunhas que forão presentes Francisco Pereira do mesmo officio de pedreiro morador a Rua da Costa freguesia de São Mamede e Manuel da Crus Criado do dito padre que todos conhecemos ser elles partes os próprios que na nota assinarão e testemunhas Joseph Caetano do Valle tabaliam e escreuy

Manoel da Crus

Joseph Pereira

Padre Francisco da Fonseca

Francisco Pereira”



Doc. 55 – Desenho das ruínas da Igreja de Nossa Senhora da Conceição, a Sé velha de Luanda (1862)

Fonte: Manuel Nunes Gabriel, *Padrões da Fé – Igrejas antigas de Angola*, p. 64



Doc. 56 – *Risco* do catafalco de Luanda (alçado)

Fonte: A. Quelhas, “Catafalco, Sé de Luanda”



Doc. 57 – *Risco* do catafalco de Luanda (planta)

Fonte: A. Quelhas, “Catafalco, Sé de Luanda”



Doc. 58 – Gravura 5 do livro de G. M. Oppenord, *D’Autels et Tombeaux*

Fonte: A. Quelhas, “Catafalco, Sé de Luanda”

**UAlg
FCHS
Gambelas
2012**